

ISSN 0103-3786



TRANS *in* FORMAÇÃO

1994, Volume 6, Números 1/2/3
Janeiro/Dezembro



TRANS *in* FORMAÇÃO

CRISE E INFORMAÇÃO



TRANS *in* FORMAÇÃO

**Departamento de Pós-Graduação
Faculdade de Biblioteconomia
Pontifícia Universidade Católica
Campinas**



TRANS *in* FORMAÇÃO

VOLUME 6 - NÚMEROS 1/2/3
JANEIRO/DEZEMBRO - 1994

ISSN 0103-3786



departamento
pós-graduação
biblioteconomia

 **PUCCAMP**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Grão-Chanceler

Dom Gilberto Pereira Lopes

Reitor

Gilberto Luiz Moraes Selber

Vice-Reitor Administrativo

Alberto Martins

Vice-Reitor Acadêmico

Pe. José Benedito de Almeida David

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Diretora

Edilze Bonavita Martins Mendes

Vice-Diretora

Raquel Maria de Almeida Prado

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenadora

Else Benetti Marques Válio



TRANS *in* FORMAÇÃO

- PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL -

CONSELHO EDITORIAL

Geraldina Porto Witter (Presidente)
Solange Puntel Mostafa
Maria de Cléofas Faggion Alencar
Elizabeth Marcia Martucci
Cecília Carmen Cunha Pontes
Else Benetti Marques Válio

CORPO EDITORIAL

Cecília Carmen Cunha Pontes (PUCCAMP)
Else Benetti Marques Válio (PUCCAMP)
Elizabeth Marcia Martucci (EBDESC)
Fernando C. Prestes Mota (FGV)
Geraldina Porto Witter (USP - PUCCAMP)
Hagar Espanha Gomes (UFF)
João Francisco Régis de Moraes (UNICAMP)
José Luiz Sigríst (UNICAMP)
José Marques de Melo (ECA/USP)
Leila Zerlotti Mercadante (UNICAMP)
Maria de Cléofas Faggion Alencar (PUCCAMP)
Samuel Pfromm Neto (IP/USP - PUCCAMP)
Solange Puntel Mostafa (PUCCAMP)

Revisão de Língua: Else Benetti Marques Válio

Capa: Telma Cristina Witter

Copyright by TRANSFORMAÇÃO

A citação de partes de matéria publicada nesta revista (até 200 palavras) é livre, desde que seja citada a fonte.

ENDEREÇO

TRANSFORMAÇÃO

Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia - PUCAMP
Rua Waldemar César da Silveira, 105 - Swift
Telefone (0192) 30-0981 - Fax. (0192) 34-4501
13045-270 - CAMPINAS - SP - Brasil



TRANS *in* FORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL

Vol. 6, Nºs 1/2/3, janeiro/dezembro de 1994

SUMÁRIO

EDITORIAL..... 9

TEMAS EM DEBATE: CRISE E INFORMAÇÃO

A Crise na Informação 15

Eduardo Ismael Murguia Maranon

Cultura e Ciência: a crise dos paradigmas 22

Solange Puntel Mostafa

Liberalismo, crise e informação: em busca de um fio condutor... 29

Rogério Cruz

ARTIGOS

Divulgação profissional: uma proposta pedagógica como suporte
do desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil 43

José Augusto Chaves Guimarães e Sirley Guarezzi

Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando	60
Maria Solange Pereira Ribeiro	
Ensino de Ciências: apostilas como material didático	74
Adriana Rinaldi Martins	
Balcão de informações: o mercado emergente	96
Márcia Pacheco e Solange Puntel Mostafa	
Extensão Universitária e ensino: análise de uma vivência do prisma de alunos e profissionais de 1º e 2º graus	124
Silvelene Pegoraro Lamom	

RESENHAS

Amor à leitura	145
Geraldina Porto Witter	
Censura e escolarização	148
Geraldina Porto Witter	
Vozes dos alunos	154
Geraldina Porto Witter	
O professor e a leitura	157
Geraldina Porto Witter	
Nos caminhos da leitura	160
Márcia Aparecida Pillon	

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

A biblioteca no Annual Summary of Investigations Relating to Reading (julho de 1992 a junho de 1993)	165
Geraldina Porto Witter	
1898 - Catalogação e Serviço ao Público (nota histórica)	169
Geraldina Porto Witter	
A biblioteca no Annual Summary of Investigations Relating to Reading (1991-1992)	173
Geraldina Porto Witter	
Pesquisas em andamento no Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Puccamp/1994	178
Dissertações defendidas e aprovadas no Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Puccamp/1994	180
Notícia bibliográfica	182
Eventos realizados em 1994	183



TRANS *in* FORMAÇÃO

QUARTERLY PUBLICATION

Vol. 6 Nºs 1/2/3, january/december, 1994

CONTENTS

Editorial	9
-----------------	---

CONTEXT: CRISIS AND INFORMATION

Crisis of the Information	15
Eduardo Ismael Murguia Maranon	
Culture and Science: the crisis of paradigms	22
Solange Puntel Mostafa	
Liberalism, crisis and information: searching for new points of view	29
Rogério Cruz	

ARTICLES

Profession diffusion: a pedagogic proposal as basis to the development of library profession in Brazil	43
José Augusto Chaves Guimarães e Sirley Guarezzi	

Collection development in school libraries: a contribution to the social cultural make up of the students	60
María Solange Pereira Ribeiro	
Science teaching: brochures as didactic material	74
Adriana Rinaldi Martins	
Information counters: the emergent market of information	96
Márcia Pacheco e Solange Puntel Mostafa	
University extension and teaching: an analysis of pupils and teachers experiences from the 1 st and 2 nd levels	124
Silvelene Pegoraro Lamon	

REVIEWS

Love to reading	145
Geraldina Porto Witter	
Censorship and scholarization	148
Geraldina Porto Witter	
Children's voices	154
Geraldina Porto Witter	
Teacher and reading	157
Geraldina Poroto Witter	
In the paths of reading	160
Márcia Aparecida Pillon	

RESEARCH COMMUNICATIONS

The library in the Annual Summary of Investigations Relating to Reading (july 1992 to june 1993)	165
Geraldina Porto Witter	
1998 Cataloguing and service to the public (historical note)	169
Geraldina Porto Witter	
The library in the Annual Summary of Investigations Relating to Reading (1991-1992)	173
Geraldina Porto Witter	
Reseaches in progress at the Post graduation course in library science of Puccamp 1994	178
Presentations approved at the Post graduation course in library science of Puccamp 1994	180
Bibliographic News	182
Events promoted in 1994	183

EDITORIAL

Quando WIENER escreveu **Cibernética e Sociedade** no final da década de 40, o fantasma da segunda guerra mundial pairava na memória dos que viveram aquele episódio histórico. O autor profetizou um destino catastrófico para o mundo, cujo curso natural caminhava inexoravelmente para a desorganização e o caos, processo este denominado de entropia. Neste contexto, somente através da informação, é que a humanidade poderia retardar o rumo dos acontecimentos na ordem mundial. Segundo o mesmo autor a sociedade só poderia ser compreendida através do “estudo do conjunto das mensagens que o homem permuta com ele próprio e com a máquina (computador) e das facilidades de comunicação que essa sociedade dispõe”.

Hoje após quarenta e cinco anos da publicação daquela obra, MARANON, um dos autores deste número da revista, assinala que “nos últimos cinqüenta anos produzimos tanta informação que não sabemos mais o que fazer com ela. A sociedade vive a crise de informação entendida não como a falta mas o excesso desta.”

A crise da sociedade contemporânea e a luta pela posse da informação pelos grupos econômicos dos países desenvolvidos é o tema abordado pelos três primeiros autores desta revista. MOSTAFA enfatizando a crise dos paradigmas da ciência na tentativa de explicar a transferência da informação, CRUZ discute o contexto da informação na teoria econômica e política e MARANON aborda a crise nos setores que veiculam a informação.

Também faz parte desta publicação, a divulgação de resultados de pesquisa nas áreas de leitura e biblioteca escolar, áreas básicas da Ciência da Informação.

Cecília Cunha Pontes

AUTORES: pela ordem dos textos

EDUARDO ISMAEL MURGUIA MARANON - Mestre pela PUCAMP, Doutorando da Faculdade de Educação da UNICAMP e docente da UNIMEP

SOLANGE PUNTEL MOSTAFA - Doutora, docente e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia, Departamento de Pós-Graduação, PUCAMP

ROGÉRIO CRUZ - Doutorando do Instituto de Economia da UNICAMP, docente e pesquisador do Departamento de Economia, UFRN

JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUIMARÃES - Professor Assistente, Doutor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UNESP - campus de Marília e Presidente da ABEED

SIRLEY GUAREZZI - Professora Assistente do Departamento de Didática da UNESP - campus de Marília

MARIA SOLANGE PEREIRA RIBEIRO - Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP, bibliotecária da UNICAMP

ADRIANA RINALDI MARTINS - Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP, bibliotecária da USP, campus de São Carlos

MÁRCIA PACHECO - Especialista em Sistemas Automatizados de Informação pela PUCAMP, bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq

SILVELENE PEGORARO LAMON - Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP, bibliotecária da USP - campus de São Carlos

GERALDINA PORTO WITTER - Livre-docente pela USP, docente e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e do Instituto de Psicologia da PUCAMP

MÁRCIA APARECIDA PILLON - Mestranda em Biblioteconomia/PUCAMP

**TEMAS EM DEBATE:
CRISE E INFORMAÇÃO**

A CRISE NA INFORMAÇÃO¹

Eduardo Ismael Murguia MARANON²

Vou falar sobre a crise da informação. Hoje em dia virou moda falar em crise: basta abrir o jornal, ligar a TV ou mesmo prestar atenção nas conversas familiares para que os acontecimentos, sejam políticos, econômicos ou cotidianos, sejam entendidos como uma grande crise. Esses acontecimentos foram filtrados através da lente da crise. A ciência e a filosofia, assim como todos os paradigmas da psicologia e da sociologia, de alguma maneira previram a crise. Isso é claríssimo quando se vê, por exemplo, a questão do estrutural-funcionalismo ou mesmo para a visão marxista. Qualquer embasamento teórico, seja de esquerda ou de direita, falou e ainda fala da crise. A crise está, assim, tanto nos livros científicos ou tratados filosóficos quanto nas conversas dos bares.

A crise se apresenta como desconcerto ante o presente, impotência ante o futuro e nostalgia do passado. Ora, se todos os pensadores se reportam à crise é porque a crise é um elemento constante na história. Por que, então, o auge da crise hoje? Temos a crise provocada pela violência urbana no dia-a-dia, a matança dos meninos de rua e dos favelados, etc. Temos crise também causada pela violência rural, a luta dos sem-terra, a crise no próprio governo, que se manifesta nas súbitas mudanças de ministros, os desacordos entre os poderes de Estado cada vez que se dá uma nova lei etc. Sem falar da crise moral, cuja causa é a impunidade que permite sonegar impostos.

Tanta crise assim demonstra que vivemos numa época de crise? Em primeiro lugar, a crise sempre existiu desde que o homem é homem. Sabemos muito bem que homem é um conceito ligado à

(1) Texto baseado em palestra proferida na IV Jornada Paulista, realizada em Jaboticabal, SP.

(2) Doutorando da Faculdade de Educação da UNICAMP

civilização: o homem só é homem quando interage com outros homens. Interação essa ordenada por certos princípios que regem processos. Dizemos, então, que o homem civilizado é o homem mais homem, isto é, diferente do animal. O processo em que o homem se diferencia do animal não é, contudo, ameno, dócil e sem problemas. Pelo contrário, é uma ruptura com a natureza, portanto, com a própria natureza do homem. Nesse sentido, é violento, é uma desestabilização, é crise. Quanto mais o homem avança e aperfeiçoa suas relações e seus instrumentos, mais ele provoca crise, porque mais ele se afasta de suas origens. O aperfeiçoamento de suas relações se dá na concretização dessas relações sociais, e o aperfeiçoamento dos instrumentos se dá na sua sofisticação. Meu ponto é esse: o homem e a civilização sempre estiveram em crise. Crise essa entendida como desconcerto entre os instintos e a razão.

A segunda questão se refere à banalização da crise. Os meios de comunicação desenvolvidos hoje nos bombardeiam incessantemente com a idéia da crise, fazendo dela o último dos espetáculos. *Show* que temos que assistir diariamente e, como *show*, a crise é criada pela mídia. Tal como qualquer outro show, a crise se apresenta na piada, encenada para ser apreciada por uma platéia. A crise é difundida com a linguagem da mídia, isto é, de forma rápida, fragmentada e imediata. A linguagem da mídia implica também em outro tipo de construção da mensagem e na apresentação dessa mensagem. Tudo isso leva a pensar que a crise é coisa de agora, última notícia, a mais quente, a última sensação, algo que nos invade como uma nuvem espetacular, isto é, como uma catástrofe. Catástrofe é natural, inesperada, sem explicação, sem causa, portanto de grande senso comum.

A crise tornou-se banal de tanto se falar em crise. Se é verdade que a crise sempre existiu, também é verdade que cada momento histórico apresenta um tipo de crise. Adquirindo suas especificidades dentro do próprio processo histórico, a crise encontra sua unidade em um devir histórico e sua diversidade em um conceito específico. Hoje já é lugar comum dizer que todas as esferas do social estão interligadas: a economia ou as relações de produção têm tudo a ver com as relações simbólicas ou culturais.

Em todas as épocas, a crise é sempre uma crise de percepção do espaço e do tempo. Crise de percepção, em um primeiro nível, no sentido do desencontro entre a maneira de perceber

a realidade e a maneira de conhecer a realidade. Uma sensorial e imediata; o conhecer é intelectual e mediatizado. Hoje, todo mundo sabe tudo sobre o buraco negro, sobre a teoria do big bang, etc. Sabemos tudo isso mas não percebemos. Nem tem jeito de perceber porque são grandes as novas tecnologias que conhecemos mas não percebemos.

A crise de percepção, em um segundo nível, é um desencontro entre diferentes tipos de percepção de uma época a outra, ou de uma classe social a outra. Assim, por exemplo, no século XV, época do Renascimento, houve um resgate da perspectiva, do volume, em suma da geometria. Os afrescos medievais, planos sem fundo, sem noção de perspectiva, são substituídos na Renascença por quadros de aparência tridimensional. Já no século XIX, a percepção do mundo é outra: há um deslocamento da pintura para o cinema. O estático é substituído pelo dinâmico, pelo movimento. O século XIX é o século dos trens e das ferrovias; os espaços e os tempos tornam-se mais curtos. O trem, o cinema do século XIX trazem uma nova percepção do tempo e do espaço.

Então, como se apresenta hoje a crise de percepção? Ela se apresenta como um desequilíbrio entre o real e o que percebemos dele. É verdade que esse desequilíbrio sempre se apresentou, mas hoje está acentuado pela rapidez com que os meios de comunicação veiculam os acontecimentos. O homem de hoje não interage mais com o mundo diretamente. A televisão é a janela da nova casa: ligamos a TV para ver o mundo. Inclusive as relações cotidianas de interação foram determinadas pelas novas tecnologias. Por exemplo, comprar via catálogo, correio eletrônico, fax etc. Hoje, a concepção do espaço temporal passa também pelos efeitos especiais, criados pela técnica. O homem fica sem saber com que mundo está lidando: o que é realidade e o que é realidade virtual.

Os efeitos especiais fazem da vida um espetáculo, sem os limites do que é real e do que é fantástico. Aqui espelha um foco de Baudrillard quando ele fala do hiper-real: não é mais necessário conhecer as coisas como são, pois mediatizadas via fotografia, via TV, vamos conhecê-las de um outro jeito. Por exemplo, eu imaginava que as figuras do Aleijadinho eram enormes, porque eu as tinha visto em fotografias; quando eu fui a Congonhas do Campo vi que as figuras eram em tamanho natural.

Então, existe realmente uma mudança entre os tipos de percepção através da mídia e a percepção natural. A informação direta é substituída pela informação indireta, isto é, aquela modernizada por um canal que a transforma. A TV transforma o mundo em imagem; da mesma forma o resumo transforma a pesquisa; a CDU transforma a língua em vocabulários controlados. Tudo vira informação, a ponto de se dizer que vivemos em uma sociedade de informação, a ponto de se reduzir a amplitude da existência à informação. Dessa forma, banalizamos também a informação e até a própria existência.

Assim sendo, contraditoriamente, não precisamos mais da própria informação. Do mesmo modo que essa imagem banaliza um conhecimento, a informação também banaliza o próprio conhecimento. O conhecimento acaba virando informação. Ora, o conhecimento é a abstração da relação do sujeito com o objeto. A árvore enquanto tal é materialidade. Essa árvore que vemos lá fora é material; podemos pegar, encostar, usufruir de sua sombra. Já o conhecimento que temos da árvore seja pela botânica, pelo urbanismo, pela ecologia, não é uma coisa que pegamos na mão, pois o conhecimento é uma operação de abstração, algo que passa pelo pensamento ou pelo sentido.

Pois bem, digamos, então, que o conhecimento é uma elaboração orgânica. Por quê? Porque é organizadora do real. A informação tal como é entendida pela Ciência da informação é apenas um indicativo do conhecimento, pois indica como um índice, um abstract. Se o conhecimento é sempre uma aproximação do sujeito ao objeto, lógico que a abstração, contraditoriamente, afasta o sujeito do objeto. O homem conhece desconhecendo, no sentido do poliedro: só vamos conhecer uma parte deste poliedro. Não existe apreensão plena do objeto pelo homem: o objeto é apreendido apenas em uma de suas dimensões. Isso por si só já é angustiante, crítico.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia de ponta oferece todo o acesso possível ao conhecimento através dos indicadores (como o outdoor), contraditoriamente esse acesso possibilita também fragmentar ao infinito o próprio conhecimento. Daí que a Ciência da Informação é a exacerbação da abstração do parcelamento que já se via no conhecimento. Na medida em que informação é conhecimento do conhecimento, isso implica em uma dupla abstração. Na medida

em que informação pega só uma parte do conhecimento, ela contribui para desdobrar e distanciar a relação sujeito-objeto ainda mais.

Tudo isso contribui para desequilibrar a relação do homem com o mundo. A informação obtida de forma natural vai se reduzindo cada vez mais. A ênfase está dada hoje na informação mediatizada pelos canais de informação. As categorias-chave que permitiam ao homem se localizar no mundo cedem lugar à velocidade da informação. O homem, hoje, tem que aprender a perceber o mundo no ritmo que a velocidade impõe. Velocidade não só nas mudanças da tecnologia, mas na velocidade dos acontecimentos que essa mesma tecnologia propicia. Velocidade concedida pelos meios de comunicação apressam os acontecimentos que, então, tornam-se mais vertiginosos e mais velozes. A informação mediatizada, objeto da Ciência da Informação, já nasce veloz e exponencial. A dificuldade para lidar com a informação é a dificuldade de lidar com categorias básicas dentro de uma realidade fluida. A informação, portanto, é um novo modo de conhecer, que cria um novo conhecimento, repito, fragmentado, rápido, abstrato e parcial.

Uma outra questão muito importante e pouco convencional é percebemos a crise da informação como uma crise do excesso e não da falta. Normalmente, pensamos em crise como carência e não o contrário: será que sobra informação?! Nos últimos cinquenta anos foi produzida tanta informação que não sabemos mais o que fazer com ela. Se a informação perpassa todos os aspectos do social, ela também tenta deslocá-lo.

A informação gira hoje em dia em torno de si mesma, em um movimento circular, dependente de sua própria inércia. O crescimento continua sendo exponencial, no entanto, sempre achamos que é preciso mais informação. Informação, como qualquer outra mercadoria também pode ser estocada. Como ficam, então, nossas instituições, nossos paradigmas?

Em primeiro lugar, quero me referir à leitura; por que a crise da leitura?

Para começar, a escrita sempre foi um processo difícil. A escrita significa não só a abstração do próprio conhecimento, senão a abstração da própria língua. Além disso, a escrita é a representação gráfica do som. Paralelamente, a leitura significa domínio de um código - o código da escrita - para poder decifrar as mensagens que

a escrita veicula. Esse processo é tão difícil que mesmo tendo a escrita aparecido cinco mil anos AC, até agora a leitura não é um código que tenha sido dominado mundialmente. Isso ilustra o quanto a leitura sempre esteve em crise, agora mais visível por causa da concorrência com as imagens. Imagens que também remetem diretamente ao mundo real sem necessidade de muita abstração, como é o caso do *Windows*.

Hoje, a imagem em movimento educa tanto quanto o livro. Se isso acontece no mundo dos letrados, imaginemos no mundo dos iletrados, para quem o acesso ao conhecimento, mesmo que fragmentado ou ideológico, é facilitado pelos meios de comunicação. Continuar enfocando a questão com critérios moralistas - a leitura é boa, a TV é ruim - não elucida o tema.

E por que a crise da biblioteca?

Aqui também lembremos que a crise da biblioteca é a crise da percepção espaço-temporal e não uma crise causada pela ausência de livros ou de recursos humanos ou de salários ou mesmo crise da educação. A crise da percepção permeia todos esses sistemas. As antigas delimitações espaciais estão mudando; cada vez mais elas deixam de ser físicas para se tornarem imaginárias. As fronteiras políticas se abrem paralelamente aos mercados onde o capital flui livremente; um capital também mediatizado, aliás, pela informação.

Do mesmo modo, não são mais as bibliotecas que são consultadas, mas são as bases de dados, os dados da bolsa de valores, etc. Não se vai mais à biblioteca. A imagem em movimento a está substituindo. Assiste-se a um filme porque sua linguagem já é dominada por todos e disponível para todos, isso graças à TV. Isso se aplica também à educação. Não se trata de animar as instituições, sejam as bibliotecas ou escolas, com materiais alternativos que funcionariam como distração. As imagens em movimento devem ser vistas como fenômenos culturais plenos e autocontidos.

As bibliotecas não estão em crise pelo fato de que sejam poucas as pessoas que as frequentam - elas sempre foram restritas. Geralmente se pensa no século XIX ou nos países desenvolvidos como o tempo e o lugar do florescimento das bibliotecas, mas, mesmo assim, elas, nesse tempo e nesse lugar, foram restritas. A crise novamente de percepção! Pensar a biblioteca como um espaço cujo alvo seja exclusivamente a criação cultural é uma premissa muito

otimista, pois a cultura, incluída a chamada cultura erudita, se cria no cotidiano: na família, no cinema, na escola, no bairro, etc. Lugares nos quais as bibliotecas não podem e nem devem chegar.

A biblioteca não percebeu que a institucionalização não passa mais pelo espaço físico. A informação viva, útil, passa por outros canais que não são as bibliotecas. Aliás, por que será que a biblioteca se pensou sempre tão importante se a informação não ocupa nenhum espaço específico uma vez que permeia todos os espaços. À biblioteca fica reservado o papel de guardião de um tipo de conhecimento que se cristalizou numa obra, ou a informação que parou de circular de forma viva. Donde a semelhança de biblioteca com arquivo. A biblioteca deve ser vista como a memória cultural mas uma memória latente que possa se manifestar a cada consulta. A postura se manifesta nos fatos cotidianos, faz parte da cultura, da memória.

O processo de sobrevivência é retrato como expressão da memória. O homem é um ser memorial; ele tem necessidade de recordar, de lembrar, de registrar os acontecimentos. As bibliotecas só ganham velocidade para acompanhar a velocidade da cultura coletando o material que a cultura produz. A essência mesma da biblioteca é guardar a cultura. Inclusive a ação cultural na biblioteca é uma forma de manifestar a latência da memória guardada na biblioteca.

A biblioteca forma parte desse processo cultural, no qual tem uma função específica: qual é a memória? Não é a biblioteca isolada que faz cultura. Pelo contrário, ela se insere na cultura para poder criar cultura. Cada biblioteca deve sempre redimensionar-se à luz da cultura da velocidade. É princípio de maturidade reconhecer suas próprias limitações. A leitura e a biblioteca tem que encontrar o seu espaço não mais na perspectiva de querer ocupar todos os espaços, mas apenas nas esferas sociais para as quais foram criadas e das quais são expressão.

Tudo está em crise. Então, a banalização precisa ser discutida pois remete a um nada, vira mito. Da mesma forma que tivemos o mito progresso no século passado, os anos 90 falam do mito da crise. Tal como tínhamos visto, a crise é de percepção de uma época histórica que se desequilibrou ao se perceber a si mesma. Obrigado.

CULTURA E CIÊNCIA: A CRISE DOS PARADIGMAS

Solange Puntel Mostafa

Uma análise da cultura ajuda a entender a crise paradigmática da ciência: no recente filme *Forest Gump*, *A História da América* se confunde com a história de Gump. Há aí, implícita, uma certa concepção de história que está longe da concepção positivista a qual entende a História como retrato fiel dos fatos. Agora cada um pode contar a história e nesse sentido a história vira versão, relato, conto, narrativa. O subtítulo do filme é, aliás, "o contador de história".

Num mundo de versões e de histórias, qual delas 'retrata' o real?

É claro que cada um de nós é uma subjetividade, é um sujeito e um ego que pensa. Cada um de nós é uma história. (E o outro é outra história!). Mas é ilusório achar que o que vai na minha história não tem nada a ver com o outro. Ninguém faz história sozinho. Ninguém pensa no ar, sem concentração e linhas de pesquisa. Do contrário caímos no individualismo metodológico. No também recente filme *Assédio Sexual*, o assediado quer restabelecer a verdade, ao que lhe pondera o chefe: 'verdade... quem aqui está falando em verdade? o que temos é informação. Você tem a sua versão, ela tem a dela.'

Fechando a sessão de cinema, o filme *Tempo de Violência* mostra a cultura do nada. Os personagens não tem assunto. Eles conversam sobre nada com coisa nenhuma; discute-

se a massagem no pé da mulher do chefe. As histórias são apresentadas sem história. Uma das características mais marcantes da pós-modernidade é a permanente construção do presente. O passado e o futuro desaparecem e a gente vive num eterno presente. Portanto sem história. Se a academia ou as teorias sociais como a História Nova estão colocando a história de menor alcance, a arte tematiza a morte da história. Adriana Calcanhoto canta a sua música mas adverte o tempo todo que não quer cantar, que não quer fazer história, que não quer ser sujeito da história (nem objeto), que não quer ser sucesso, que não quer ser de categoria nenhuma. 'Minha música quer ser só música'. É como se as esperanças da modernidade de fato estivessem esgotadas. Esse mal-estar se coloca também entre os intelectuais da Universidade, hoje. Os intelectuais já fazem suas advertências em notas de rodapé: 'Minha reflexão não se prende a nenhuma teoria estabelecida'. (Os intelectuais do paradigma empírico-analítico, esses nem ousam falar em teorias; a sua teoria é uma revisão da literatura). Tudo isso é revelador: há um certo cansaço e desconfiança das coisas orgânicas ou organizadas, certo repúdio ao coletivo, repúdio a pro(jetos), repúdio a pro (jetar-se), a apontar caminhos. Caminha-se, mas sem querer andar. Teoriza-se mas reivindica-se a liberdade do ego pensante. Canta-se mas que bom se desse para não cantar. Que bom se a música não fizesse história. Mas a própria cantora revela, no final da canção, que a sua música não quer ser pouco. Quer ser só música. Ora, mas a música é cultura, é história, é sujeito, é objeto, é versão e é verdade. Somos condenados à liberdade, como dizia Sartre. O esgotamento e cansaço expressos na arte e na produção científica dos intelectuais expressa a busca de novos caminhos para a verdade. Verdade íntima, agora. Não universal. Adriana Calcanhoto não quer, quicá, que sua música seja objeto de estudo como a estudo agora. Ela não quer nunca ouvir análises intelectuais do tipo "música historicamente determinada pela condição pós-moderna do final do século!". A rejeição é quanto à universalização. Justamente em tempos de globalização. Nunca se chegou tão perto dos extremos: vivemos a um só tempo a globalização e a psicanálise. Mesmo diante de tal abrangência ou até por tamanha abrangência é que acredito que precisamos de fio teórico condutor. Mas esse fio não se escolhe no supermercado; os paradigmas não estão na prateleiras para agente escolher o de melhor qualidade. As crenças populares não se formam assim. São normas de conduta. É postura de vida. É jeito de viver.

PARADIGMAS COMO CRENÇAS

A gente vive de um jeito sempre muito parecido com o de nossos pais. Por quê? Porque o que nos é transmitido no berço vira verdade para nós. Verdades que nos são repetidamente apresentadas são de fato as nossas verdades. Como formar novas crenças?

Por que e como se difundem, tornando-se populares, as novas concepções de mundo? Essa pergunta traduz a preocupação de Antonio Gramsci na prisão de 1930 diante da derrota do comunismo na Itália e da ascensão do fascismo de Mussolini.

Onde foi que nós erramos? É outra pergunta que inspira o pensador sardo. E ele se põe a analisar os intelectuais. Primeiro por acreditar que não se faz intervenção no real sem uma elite de intelectuais. Mas o que são os intelectuais? Para responder essa pergunta nós já temos de fazer uma opção paradigmática. Se estamos no paradigma lógico-formal (nominalista), a consulta ao dicionário é suficiente. Pois no paradigma formal, o princípio da identidade identifica cada coisa com o seu nome. (Da mesma forma que na nossa carteira de identidade, o nome, a foto do rosto e as impressões digitais nos identificam). Mas se estamos num sistema de crenças dialético-materialista, o princípio da identidade é insuficiente. Eu sou e não sou ao mesmo tempo aquilo que sou. O princípio aqui é o da contradição. O nome é apenas uma forma e não expressa meu conteúdo.

Pois bem, quando Gramsci pergunta o que são os intelectuais ele pergunta pelo processo de produção dos intelectuais. **O que é do paradigma formal vira como foi produzido isto que é do paradigma dialético-materialista.** E Gramsci analisa a produção dos intelectuais italianos, analisando os movimentos sociais (dos quais destaca o movimento religioso e de como a Igreja forma os seus intelectuais pelos séculos afora).

Para que os intelectuais? Formam-se para quê, com que função? Para nos dar o fio condutor... Como se dá então essa passagem, essa transferência de informações entre o intelectual e aqueles que ele informa?

Claro que para que essa transferência de informações se faça sem ruídos, de forma eficiente e eficaz, no menor tempo e pelo

menor custo (como dita a ideologia informacional dos nossos tempos) é preciso que entre o intelectual e as massas não haja rupturas de intenções. Como manter essa unidade ideológica? A Igreja, conclui Gramsci, só consegue manter a unidade entre os seus intelectuais, os padres, e a comunidade de fiéis porque impõe sobre os seus intelectuais uma disciplina férrea, de modo que os intelectuais não se afastem muito do povo e vice-versa. Ela mantém a unidade mantendo os simplórios na condição de 'simples' e mantendo os padres na condição de padres, pastores de almas. Qualquer outra condição é repreendida com uma disciplina férrea. (O caso do Leonardo Boff fazendo uma teologia da libertação na América Latina dos nossos tempos e o seu subsequente silêncio obsequioso dá bem a dimensão de como o catolicismo faz a sua transferência de informações por séculos a fora).

É claro que a unidade ideológica entre os intelectuais e o povo é importante (aliás essa é toda a questão de Gramsci). Se não houver essa unidade, o intelectual fica falando sozinho. Ou o povo fica falando sozinho. (O povo ficou falando sozinho que Fernando Collor é culpado enquanto a ciência jurídica o inocentou). A ciência e a filosofia chegam ao povo mas chegam como elemento de fé. Como crença. O povo acredita (até agora) que Collor é culpado. Ciência jurídica nenhuma fa-lo-á mudar de opinião. Como se formou essa crença? Claro que não foi do nada. Houve indícios, indicações e indicadores, os quais trabalhados incansavelmente pela mídia, virou verdade para nós. A ciência jurídica? O povo não se importa nem um pouco com ela. O povo não alcança as razões da ciência jurídica. A nós pouco importou a deliberação dos juizes. Nossa ajuizada crença há muito havia deliberado: culpado.

Se o povo absorve a ciência e a filosofia de uma época como elemento de fé, como crença, cumpre perguntar: fé em que e em quem?

O homem do povo acredita no grupo social ao qual ele pertence, na medida em que o grupo social ao qual pertence também pensa difusamente como ele. O fato de ter sido convencido uma vez de maneira fulminante é a razão da persistencia da convicção. Por isso se quisermos transmitir novas crenças ao povo (tanto ao povo que está dentro das universidades, quanto o povo que está fora das Universidades) valem duas regras gramscianas: 1) não se cansar jamais de repetir os mesmos argumentos: a repetição é o meio

didático mais eficaz para agir na mentalidade popular; 2) trabalhar para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas o que significa trabalhar na criação de elites de **intelectuais de novo tipo** que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contacto com ela para tornarem-se o seu sustentáculo. É isso o que modifica o panorama ideológico de uma época.

Como transmitir novas concepções ao povo da Universidade e como esse povo se relaciona com o povo lá de fora da Universidade (o qual pode também já ter passado pela Universidade)?

O povo tem também seus meios de informação, meios que nós chamamos meios de massa. É nessa condição de algo que fica no meio que a indústria cultural deve ser analisada. A indústria cultural é a mediação entre os capitais particulares de um lado e o Estado de outro; ambos se utilizam dos meios do povo para veicular as suas mensagens.

Os meios de massa são os meios do povo. E ficam no meio do povo: as revistas, o jornal, a tv, as cacetadas do Faustão, as tardes de domingo, tudo isso é uma amadurecida indústria cultural que torna público o que é privado (através da propaganda) e que para isso precisa privatizar o público (os meios são de massa mas não da massa; a economia da informação é a área encarregada de analisar essa questão).

O povo da Universidade está encarregado de produzir teorias ou explicações do real. A Universidade tem que produzir teorias. Para isso ela existe. E a teoria é algo como amarração, portanto não é um pensamento comum, solto; a teoria necessariamente é a superação do senso-comum, do pensamento do povo. O povo também produz conceitos e explicações do real o tempo todo. Mas a nossa produção é científica.

A questão então é como que os saberes produzidos na Universidade podem se materializar em crenças e fazeres populares?

A reportagem da revista VEJA sobre o pensamento dos jovens hoje é a própria crise dos paradigmas. Mas a revista VEJA é meio de massa e portanto a discussão da academia chega lá mas chega como elemento de fé, como crença, como sentimento. A pesquisa usa uma metodologia frásica, isto é, as frases são apresentadas aos sujeitos para eles ticarem concordâncias e discordâncias.

O resultado é o que está na capa da VEJA (notem que a mensagem é condicionada pelo meio: o resultado tem que caber na capa; é a linguagem da mídia: rápida, fragmentada, superficial. É também a linguagem do homem do povo: rápido, fragmentado e superficial). O resultado é: EU SOU MAIS EU, POLÍTICA É O FIM, CONFORTO SIM, RIQUEZA NÃO, EU ACREDITO EM COMPUTADOR. O homem do povo lê isso e se convence de que essa geração está mesmo muito esperta. Já o homem da Universidade vai questionar a metodologia, os pressupostos teóricos e principalmente os resultados. De fato, cada item desse precisa ser historicizado e relativizado. Esoterismo em alta, religiosidade em baixa é outra das constatações da pesquisa. Uma parte disso é real, outra não (por isso é que é preciso da lógica da contradição e não da lógica da identidade). O esoterismo é uma forma apropriada de religiosidade. É certo que o Deus Pai, Todo Poderoso, criador de todas as coisas se fragmentou em deuses menores, nem tão poderosos, como a fada, o duende, os povos da floresta, o saci pererê e as bruxas. Cada deuzinho desse detém um certo poder e o jovem dos anos 90 reza para todos eles na cruz que traz no peito, no adesivo de duende, na pirâmide e nos talismãs. Mas então que história é essa de

"eu sou mais eu?" Eu sou mais eu, mosaico de crenças, combinações ou resíduos da nostalgia dos anos 60, a calça rasgada, cabelo ao vento, a moda retrô, com pedaços da década de 70 quando ainda tinha emprego no Brasil. Um pouco da eficiência dos yuppies dos anos 80, mais o rosto jovem de Fernando Collor, limpo, eficiente, indiferente à riqueza. Riqueza não, conforto sim. Mas como conseguir conforto sem riqueza? Só mesmo no pensamento comum dos jovens de classe média que não percebem o quanto já são abastados.

As mensagens veiculadas na mídia são para nós da Universidade fontes de reflexão. Mas não podem ser confundidas com a reflexão. Há, porém, dentro da Universidade, pensamentos que seguem certas direções, muito próximas àquelas do povo. É preciso então questionar não só a crença do homem do povo mas também a crença do homem da Universidade. Pois há muito de povo em cada um de nós.

A ideologia de uma época precisa ser questionada. Mesmo e principalmente a filosofia dos filósofos e a ciência dos cientistas. Porque elas vão ser depositadas lá no povo, residualmente, mais cedo ou mais tarde. E aí nós não notamos mais diferença entre o

pensamento do povo e o pensamento do homem universitário. A unidade ideológica completou o seu ciclo. Não há mais nada a fazer.

É interessante notar como os liberais são incansáveis na transferência das suas informações. Quem hoje é contra o discurso da **qualidade**? (Só um louco não quer a qualidade.) Um século inteiro foi preciso para que esse discurso virasse verdade para todos. Os teóricos liberais portadores desse discurso, principalmente os da Universidade, eles tem a sensação de que algo se repete, mas o quê? Antes mesmo de precisar historicamente essas idéias, elas já são atualizadas e rerepresentadas sem o menor constrangimento. Liberalismos no começo do século. Neo...liberalismos no final do século. Tanto mais que embutido no discurso da qualidade está o pós-fordismo e a flexibilidade das relações trabalhistas pós-modernas. O discurso dominante da produtividade está aí completando um século. Qualidade total.

O paradigma dialético-materialista não poderia considerar a qualidade desvinculada da quantidade. Por que será que o discurso que pegou foi o da qualidade e não o da **quantidade**? A exclusão da quantidade é clara. O discurso da qualidade não passa de um discurso legitimador da exclusão. A qualidade capitalista não pode incluir a quantidade, do contrário perde qualidade. Eis que a quantidade rege a qualidade capitalista. A qualidade, se bem analisada, é a fase informacional da quantidade. A qualidade é o marketing da quantidade; é a mercantilização da quantidade na sua conotação excludente e única. A qualidade é uma versão da quantidade. Não é a verdade da quantidade. Qualidade total não significa na lógica capitalista, qualidade para todos mas sim qualidade única, exclusiva para alguns.

Como adquirir novas verdades, novas concepções de mundo, novas qualidades ?

LIBERALISMO, CRISE E INFORMAÇÃO: EM BUSCA DE UM FIO CONDUTOR

Rogério Cruz¹

1. Proposta de trabalho

O início dos anos 80 é tido como um marco no 'retorno' às idéias liberais. Nos Estados Unidos, com o aparecimento de Reagan, e, na Inglaterra, sob o comando do governo Thatcher. E, com essas idéias liberais, no plano econômico, volta à cena, a idéia de livre mercado funcionando como mecanismo de regulação da sociedade capitalista, feita em substituição à idéia de que a regulação econômica deveria se dar mediante intervenção do Governo.

Esta, por sua vez, numa prática que inspirou as ações de re-organização da economia mundial pós-30, foram inspiradas sobretudo em KEYNES a quem se deve também a idéia de pleno-emprego que vigorou logo após a Segunda Guerra Mundial. De modo que, de modo subjacente está posto com certa ênfase, o debate liberalismo versus intervencionismo, que, aliás, acompanha a própria história do capitalismo no presente século.

No início dos anos 90, o mundo se dá conta da emergência da globalização das economias. E, sob esse mesmo movimento do capital a nível mundial, há a recente crise mexicana, a elevação dos juros norte-americanos, crises cambiais que pipocam em vários países, concretas desse processo. Globalização caracterizada, dentre outros fenômenos, por um forte questionamento com relação às ações dos Estados Nacionais, por mudanças substanciais no comércio

(1) Professor do Departamento Economia/UFRN e Doutorando do Instituto de Economia/Unicamp.

internacional, que constróem uma ordem diversa daquela proposta em Bretton Woods, há cinquenta anos.

A partir desta perspectiva concreta de análise, estas notas pretendem discutir o que pode significar essa retomada das idéias liberais, especificamente, no campo econômico, em meio a uma situação de crise das explicações teóricas tradicionais, e, a um nível apenas e tão somente introdutório, lançar algumas questões acerca da problemática da informação, sob esse contexto de liberalismo e de crise.

2. O pensamento dos economistas clássicos: o liberalismo em suas origens

Hoje, discutir o pensamento dos economistas clássicos - Quesnay, Turgot, Smith, Ricardo, dentre outros -, assumidos como mentores do pensamento liberal, pode significar tão somente um tributo aos mestres primeiros. (Consulte-se, a este respeito, NAPOLEONI, 1978). Mas, pode também expressar um convite à capacidade criadora e crítica, na medida em que esses autores podem contribuir, ainda que parcialmente, para pensar a economia dos dias atuais; senão teoricamente, aos menos como expressão de ideologia. Esta discussão, aliás, é de suma importância porque permite identificar quando se faz ciência e quando se faz ideologia.

Sob essa perspectiva de análise, cabe perguntar quais eram as características da ciência econômica "clássica" à época de sua formulação? E, se essas características se amoldam aos caracteres do mundo atual?

O fato principal, e talvez mais interessante na Economia Política Clássica, é que ela nasce com um compromisso: entender os temas atuais. Insere-se num mundo marcado pelo comércio, leia-se um processo expansivo de mercantilização das relações sociais, onde, a prática usual é "comprar barato e vender mais caro" (tal como foi posteriormente definido por MARX). E é sob essa mercantilização das esferas da vida que os teóricos clássicos vêem o mundo: a partir dos indivíduos, que são movidos por interesses racionais, na busca de bem estar social, em que o principal impulso humano, dessa época, é o da aquisição, a fim de se obter uma riqueza máxima.

Portanto, é uma teorização acerca do indivíduo racional que age em benefício próprio, prioritariamente, em relação aos interesses da sociedade. Ações de benevolência, por exemplo, se voltavam para si, não para o outro. De outra parte, essa doutrina estabelece vínculos com o geral, ao apregoar que esse "egoísmo benéfico", ao trazer a prosperidade individual, traria também a prosperidade do Estado.

Em linhas gerais, há a concepção de uma "ordem natural" onde o funcionamento da sociedade se faz pelo movimento autônomo e "livre" dos agentes, num mercado auto-regulado. Ou, como dizia SMITH, "é cada um para si e a mão invisível resolve o resto dos problemas coletivos".

E onde está a relevância dessas idéias nos dias atuais? Em que medida o referencial teórico da economia clássica pode ajudar a pensar a realidade tal como está posta nos dias de hoje?

Os fatos, nos dias correntes, apontam, por um lado, para uma derrota do socialismo real. A hegemonia do discurso, então, tudo indica, pertence ao modelo econômico e político liberal. FUKUYAMA, ideólogo do liberalismo, ao refletir sob os dias atuais, apregoa que se esteja vivendo num mundo de liberdade e mercado. Mas, o que isso significa? É isso que ocorre na realidade?

A rigor, as massas também estão presentes no mercado. Até mesmo os miseráveis, ali comparecem. Aliás, até cabe a pergunta: haveria outro jeito de saciar suas necessidades, fora do mercado? Evidentemente que não. Então, esse mesmo indivíduo massificado tem comportamentos e atitudes similares a de outro indivíduo situado a milhares de quilômetros dali, que também recebe as mesmas influências e toma decisões de consumo parecidas. Uma aldeia global quiçá.

Entretanto, a forma como se dá, para o indivíduo, o acesso ao mercado, se há ou não níveis de vida socialmente condizentes sob o propalado mercado auto-regulado, é um ponto muito discutível. Talvez haja sim, uma difusão do mercado, como nunca visto. Só que, no mundo das mercadorias, só participa do mercado quem tem poder de compra. Esta é a condição necessária e suficiente para o exercício da cidadania; leia-se para se tomar um consumidor, que se apresenta socialmente em função daquilo que tem, e não necessariamente daquilo que é.

De outro modo, os fatos da realidade mundial, estampada principalmente nos anos 90, apontam para uma re-organização da atuação dos Estados Nacionais, que tem mudado a forma de sua capacidade regulatória, principalmente porque emergem novos atores na cena de poder mundial, tal como organizações de consumidores, os verdes, os grandes capitais multinacionais, dentre tantos. A evidência, hoje, na economia mundial aponta para um abandono do livre-comércio, os governos atuam de formas diversas sobre as economias, sobretudo as nações hegemônicas, muitas das vezes combinando estratégias com essas grandes empresas.

Na atualidade, uma continuidade da regulação governamental, pois não está descartada, até porque pode emergir assumindo outras formas, diferentes daquelas usuais do pós-Segunda Guerra, apesar do discurso liberal. Que, por seu turno, assume um duplo aspecto: de um lado, dessacraliza o Estado de seus concorrentes próximos, sacralizando seu próprio Estado Nacional, como gestor/organizador de capitais que atuam no seu espaço nacional.

Por exemplo: se encontra em processo de discussão, entre EUA e Estados Nacionais europeus, o estabelecimento de novas regras que regulem o comércio mundial, entre ambos. Em pauta, a nível do discurso, está colocado para ambos contendores, uma redução gradativa da atuação do Estado. Em especial, se discute, dentre outros temas, a viabilidade ou não de tarifas nacionais protetoras, a efetivação de regras de controle de qualidade de produtos, etc. Regras que, no limite, ainda escondem/se movem atreladas a interesses empresariais contidos nesses distintos Estados Nacionais. A este respeito, as divergências de posições entre Estados Unidos e Comunidade Econômica Européia, escamoteando a defesa de interesses próprios, podem ser ilustrativos, até porque o Estado não só tem aumentado sua participação nesses Estados Nacionais, como também porque trazem à baila a discussão intervencionismo versus liberalismo. Além disso, acrescenta-se as divergências internas existentes intra-países da Europa, que se colocam como constantes barreiras para a criação de uma comunidade européia. Também porque existem, em jogo, interesses econômicos/sociais/políticos defendidos pelos distintos Estados Nacionais, tal como ocorre, entre França e Alemanha, em torno de temas agrícolas, só para citar um dos inúmeros pontos das divergências.

Além disso, se nota também, através das estatísticas nacionais/mundiais, que há uma imensa desigualdade social existente em todo o mundo. Em outros termos, e tomando o mesmo sentido da problemática, parece que o essencial da presente crise está contido sobretudo nos aspectos financeiro e social, que estão muito interligados, e, notadamente, junto às economias do Terceiro Mundo. O tema da dívida externa é ilustrativo, neste ponto. Para estas economias, há um verdadeiro gargalo e uma ameaça constante à soberania nacional, quebrada gradativamente pela força dos grandes capitais multinacionais. Estes, muitas vezes, produzem planetariamente e muito mais do que muitos Estados Nacionais. Basta comparar o PIB de um país da América-Central, com o valor da produção mundial de uma multinacional do setor automobilístico. E mais: as trezentas maiores empresas mundiais dominam 25% dos ativos financeiros da economia mundial. Metade do investimento total do mundo é realizado pelas cem maiores empresas multinacionais.

Nesse quadro, portanto, parece que o produto dos pensadores originários - o discurso liberal - voltado para uma lógica de explicação social a partir do indivíduo, emerge das cinzas para defender mercado/liberdade. Isto explica tão somente ideologicamente, e não teoricamente, uma realidade capitalista do presente, muito transformada em relação ao que era na sua origem. Se isto for verdade, então, o discurso liberal como um todo é teoricamente inócuo, a não ser para referendar uma posição defendida pelas elites pertencentes à classe dominante, da qual se supõe faça parte o professor FUKUYAMA, que fala em nome dela, e para ela.

Deve-se mesmo admitir que o indivíduo tenha liberdade de ir e vir, em mercado. Tudo bem que se mova por um moto-próprio hedonista, maximizador de seus benefícios. Tudo pelo prazer, abaixo a dor, viva BENTHAM (MARX, 1983, cap 1.4).

Essa caracterização, a princípio pertinente dentro do modelo clássico de pensar, não necessariamente significa que o primado das decisões econômicas de vulto, ou seja, aquelas que decididamente determinam os rumos da sociedade estejam com o indivíduo. Pelo contrário. Este, massificado desde logo, pode decidir coisas triviais de seu dia a dia, tais como, o que vai comer, se vai ou não ao cinema dadas suas preferências/necessidades, se compra um livro ou se vai à biblioteca, que são decisões de gasto de um dado nível de renda. Só que, teoricamente, na linha de KEYNES/KALECKY,

o relevante, o essencial, sob o capitalismo, estaria com as decisões capitalistas que dizem respeito aos investimentos, um tipo de gasto também, mas não necessariamente com decisões de consumo. Aquelas, seriam principais, e estas, acessórias, a fim de explicar a dinâmica capitalista, em função da condução do processo de ampliação do capital.

Desse modo, as decisões mais importantes, na atualidade, são aquelas que movimentem/gestem significativos volumes de capital. E, nesse sentido, desafortunadamente, socialmente, concretamente, pode ser mais importante do ponto de vista da lógica do capital uma discussão acerca da determinação da taxa de juros de curto-prazo do que uma outra problemática que discuta aquisições de livros, junto à rede de bibliotecas públicas de um dado Estado da Federação.

Este fato, não tão distante da realidade, pode ser lido como uma evidência da 'coisificação' das pessoas em contraposição à atual 'personificação' das coisas. E, nesse sentido, entender esse processo desde sua essência é voltar a MARX, que fez a crítica dos autores clássicos. Ou, parece, nesse sentido, que as coisas que se dizem, não são bem assim. Apesar do discurso liberal, a prática guarda segredos nem sempre desconhecidos. É verdade que hoje a realidade pode conter rupturas, tipo geradas pelo progresso técnico, mas, às costas disso, estão as relações sociais. O capital nega o trabalho. Mas, internamente contempla até que com certa perplexidade seu incessante confronto consigo mesmo, concorrência entre suas diversas frações, na busca dos mesmos objetivos de lucro, esta sua real dinâmica, que, salvo melhor juízo, comanda a dinâmica de toda sociedade. A despeito do que digam dela. Ou, num ligeiro contato com a realidade financeira dos dias de hoje, pode-se notar que a ordem que se molda está muito desenvolvida em relação àquele capitalismo visualizado/vivido pelos autores clássicos. Se a realidade mudou, por que não afeiçoar uma teoria a ela para explicá-la? Por que insistir em teorias que se defasaram no tempo, ainda que contenham aspectos relevantes?

Assim, voltando à questão da realidade, e tomando-a numa perspectiva mais globalizante, mais abstrata, pode-se assumir que o capitalismo vive a hegemonia dos grandes conglomerados. É concretamente a fase de muitas e grandes fusões inter-capitalis. O que teoricamente se traduz na fase da união das categorias teóricas lucro e juro.

Entretanto, do ponto de vista do discurso liberal, as questões presentes são: individualismo, utilitarismo, liberalismo. A ordem, a harmonia de interesses, está dada na concorrência entre indivíduos. O relevante, portanto, no pensamento liberal, seria dizer que, o indivíduo tem uma dada determinação sobre a ordem social. Mas, aceitar isso, nos dias atuais, só pode ser a partir de caracteres marginais, portanto, desde logo salientando suas limitações, tais como as expostas anteriormente.

Assim, retomar aos pensadores clássicos, questioná-los, identificar lacunas, pode ser uma das muitas maneiras de ver a sociedade, identificando o que de real se esconde por trás das falas existentes sobre essa sociedade. Discursos, que aliás estão muito presentes no momento.

Pois, se a opção de entendimento social for partir da compreensão do indivíduo racional, hedonista, a trajetória esboçada pelos clássicos pode ser um caminho socialmente legítimo, porquanto detém a simpatia de expressivos segmentos da sociedade, muitas vezes detentores de um poder advindo pelo comando de riqueza que detém. Isto, apesar das limitações teóricas que foram apontadas, e até mesmo apesar de ser um discurso ideológico. Os que assim fazem se permitem ver a realidade pelo caminho da economia clássica, pela via liberal, por suas preferências ideológicas/políticas, seguem uma dada trilha teórica.

De modo que, as limitações teóricas podem ser evidentes. Por exemplo, quando se procura responder, sob a perspectiva da economia clássica, questões atinentes à economia empresarial. Não basta dizer que os empresários vão tomar decisões hedonistas em busca de lucro máximo e a ordem social fica a cargo da mão invisível, com as ações do Estado restritas à segurança e justiça. Hoje, em proporções ampliadas pela dimensão social, a lógica das decisões capitalistas se faz sob incerteza, aspecto não tratado pelos clássicos, que, portanto, requer partir de KEYNES, autor da mais alta envergadura teórica para se discutir o movimento da economia monetária. Segundo SCHWARTZ, um conservador autocrítico que está tratando de temas de uma historicidade muito afinada com o desenrolar moderno do capitalismo, é o mundo das decisões de investimento, que ditam a reprodução da economia.

Mas, para entender a dinâmica econômica atual pode ser possível seguir um outro caminho, o da crítica da economia política.

A reflexão aqui contém uma maior dose de abstração, trabalha-se essencialmente com dados da realidade objetiva. Segue-se a trajetória do capital - uma contradição em processo (MAZZUCHELLI, 1985), ou seja, uma relação social que tende, teórica e historicamente, a negar as bases de sua valoração, qual seja, o trabalho vivo. Esta postura teórica pode trabalhar, por exemplo, com o tema da concentração/centralização do capital, na sua forma corrente, de riqueza financeirizada, o que, teoricamente, retorna a MARX/HILFERDING, e não aos clássicos.

Portanto, um retorno aos pensadores originários, tomados como ponto de partida de uma reflexão, pode ser uma busca que pode dar riqueza aos argumentos. Reconstruir uma trajetória teórica de um dado problema requer uma pertinência com o real. Nesse sentido, o pesquisador dos temas da sociedade, ao ter noção dos limites/possibilidades que cada postura teórica traz, pode/deve confrontar, a todo momento, o paradigma teórico da qual parte com o real em discussão, para poder caminhar com mais facilidade sobre as pedras. O que, aliás, não é pouco.

3. À GUIA DE DISCUSSÃO

Neste último item, se coloca em discussão, duas questões, a saber: a) será que o liberalismo é um mito? b) como se coloca, hoje, a questão da informação, em meio a essa realidade, que tem uma dinâmica não necessariamente explicada, mas justificada pelo liberalismo?

Inicialmente, partindo do pressuposto de que mito é uma idéia falsa, portanto, sem correspondência com a realidade, se deduz que: esse mito se sustenta enquanto ideologia e não enquanto teoria, ainda que apresente alguns aspectos pertinentes, entretanto não necessariamente centrais/básicos para explicar a sociedade capitalista; e, esta não é uma lacuna apenas do pensamento liberal, o que de certa forma não lhe outorga o direito de 'salvo-conduto', nem o 'dever' de ter que explicar o mundo real. Pelo contrário, há uma crise nas ciências e em seus poderes explicativos. Não que haja necessidade de que essa ciência esteja em harmonia constante com real. Não. Pode ser até que haja uma constante desarmonia, mas com maiores ou menores gradações. E, a crise pode se manifestar, ser melhor

percebida, quando essa diferença teoria/real assumem graus bastante significativos, por exemplo, ao assumir que o indivíduo é o principal condutor das ações sociais.

Em segundo lugar, se o liberalismo é um mito, cabe então indagar, como consegue se sustentar como discurso analítico, numa época em que a realidade objetiva o nega, desde o princípio, ainda que encontre motivos de existência na realidade subjetiva das pessoas?

A título de sugestão fica o registro: talvez porque é um discurso ideológico que atende a interesses hegemônicos, fortes na sociedade, que consegue impor um dado discurso teórico, fato que então só faria aprofundar a crise do pensamento enquanto instrumento de explicação da sociedade. Diante desses fatos decorrem pensamentos do tipo: na prática, a teoria é outra. Qual prática, qual teoria? Essa é que é a questão, caso se queira evitar a armadilha da mera repetição de uma frase que, em tese, reflete um saber pronto, definitivo e acabado. A realidade, pois, supõe-se, não seja assim, mas pode ser vista enquanto um objeto em constante movimento.

A respeito da informação, em meio à atual realidade concreta, caberia perguntar, o que é informação? Diz respeito a que? Como se veicula? Onde?

Para quê? Para quem se produz, como se distribui? Enfim, o tema, salvo melhor juízo, necessita buscar um fio condutor para sua discussão.

Nesse sentido, segundo a linha de discussão até aqui desenvolvida, sugere-se que um caminho possível venha a ser o de se construir senão uma economia política, ou até mesmo uma crítica da economia política da informação, ao menos trabalhar categorias concretas da realidade imediata, tendo em vista algumas proposições teóricas que possam começar a moldar um dado perfil teórico para o tema.

Para dar seqüência a essa idéia, toma-se, inicialmente, a categoria progresso técnico. E mais, suposto como uma arma em tomo da qual se exercita a concorrência intra-capitalista. E, que encerre, ao nível de um capital particular, um segredo industrial, por exemplo.

A pergunta é a seguinte: por que o capitalista vai socializar essa informação, se isso é uma arma estratégica na consecução do

objetivo/lucro? Aqui, mais do que nunca, ele será um hedonista - para usar uma caracterização clássica -, acerca da propriedade da informação, cerceando sua divulgação. E mais: no real, o que se vê não é um capitalista tomando decisões em nome de uma firma típica individual, mas em nome de uma grande sociedade anônima. Ou, ordem natural? Qual?

Cabe qualificar, ainda, a existência de tipos de informação, a saber: uma, a que veicula o produto produzido por uma inovação industrial, por exemplo, outra, que a sociedade anônima não pode/nem deve veicular que são as condições que geraram uma dada invenção. Suponha-se que é muito importante divulgar um dado refrigerante, sem divulgar a fórmula como se faz, ainda que deva haver o registro de uma dada patente/propriedade industrial do bem.

Portanto, a informação em geral enquanto categoria teórica, mercadoria é coadjuvante de um processo: ela traz, em sua essência, não uma idéia, uma concepção em si mesma, mas é uma relação social, entre pessoas que interagem através dessa coisa, informação.

Do ponto de vista particular, dos agentes envolvidos no processo informacional, a informação - enquanto um ativo do qual se espera uma valorização - pode ser produzida, pode circular e se distribuir, ou não, entre outros coadjuvantes desse processo. Depende. Uma vez que isso pode ocorrer ou não, em função dos interesses que tenha seu proprietário, que a produz, ou que a obteve mediante compra de outrem. E, do mesmo modo, a faz circular para atingir outras pessoas, se entender que isso seja de seu interesse.

Portanto, o norte deste rumo, tudo indica, parece ser o fator econômico. A informação, então, do ponto de vista da economia política, seria tomada como um ativo, no qual os capitalistas investem com a expectativa de um retorno, que, mesmo sendo incerto, é acima de tudo, um gasto à espera de um ganho.

Em face do exposto, talvez fosse o caso de se conduzir a discussão posterior acerca da informação, atrelada a uma perspectiva teórica clara, crítica ou não crítica. Sob o ponto de vista do capital em particular ou do capital em geral.

Do ponto de vista crítico, por exemplo, poderia ser entendida como a expressão de um fetiche, pois esconde por trás de si relações sociais. Que relações são estas? Como se processam?

Ou, alternativamente, caminhar na direção de se desvendar as especificidades concretas, do ponto de vista dos agentes individuais que estão envolvidos com a informação. E, aqui, não caminhar no sentido dos clássicos vendo esses agentes como indivíduos, onde, por suposto, em concorrência, via informação consolidem um Estado harmônico moderno. Mas, trabalhar no sentido concreto de decisões capitalistas acerca da informação, ou seja, ver a informação como um ativo capitalista em que, pode ser, ou não, atrativo investir, dada uma rentabilidade esperada na aplicação de um dado volume de capital.

Em suma, fica a perspectiva de que é possível/necessário enfrentar a crise das explicações científicas, indo em busca de um 'fio condutor' - para tomar uma feliz expressão utilizada por MOSTAFA, num outro artigo que compõe este debate. E, esse fio condutor, independentemente, de pertencer a este ou aquele paradigma teórico, deve partir de um tema concreto, específico, abstraído mediante categorias de análise, que enfrentem um dado problema, para em seguida, tentar entendê-lo. Isto, permeado por suposições teóricas minimamente pertinentes.

Este pode ser um caminho de se poder caminhar sobre essas pedras - realidade/teoria -, sob a incerteza de que possa se construir, amanhã, um tema menos incógnito, mais resistente a ondas de modismo que passam por nossas academias. Essas ondas passam; as crises do entendimento até ficam porque a realidade tem se mantido desafiadora, dinâmica, progressiva, viva.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro, 1992.
- MARX, Karl. **O capital - crítica da economia política**. São Paulo, Abril, 1983.
- MAZZUCHELLI, Frederico. **A contradição em processo - o capitalismo e suas crises**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- NAPOLEONI, Cláudio. **Smith, Ricardo e Marx**. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- SCHWARTZ, Gilson. **Keynes**. São Paulo, Brasiliense, 1984. Encanto Radical

DIVULGAÇÃO PROFISSIONAL: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil¹

**José Augusto Chaves Guimarães²
Sirley Guarezzi³**

RESUMO

GUIMARÃES, J. A. C. & GUAREZZI, S. *Divulgação Profissional: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil*. **Transinformação**, v. 6, n. 1/2/3, p. 43-59, jan./dez. 1994.

O desenvolvimento da profissão bibliotecária pressupõe dois fatores interagentes: a formação educacional e o desempenho profissional. Uma análise do ensino de Biblioteconomia no Brasil mostra sua evolução histórica por meio de quatro períodos distintos, cujas peculiaridades sócio-político-econômico-culturais forneceram diferentes influências ideológicas à profissão: o "bibliotecário erudito, guardião de livros e preocupado com problemas culturais" (1879-1930), o bibliotecário ligado ao desenvolvimento das atividades técnicas (1930-1960), o profissional envolvido com as tecnologias de informação (1960-1980) e o agente cultural valendo-se dos recursos automatizados como um instrumento de trabalho (a partir de 1980). Um quinto momento histórico da profissão se inicia, onde a informação atua como um produto essencial para o desenvolvimento e a abordagem interdisciplinaridade torna-se imprescindível à profissão.

(1) Trabalho originalmente apresentado no 46 Congresso da FID, realizado em Madri em outubro de 1992.

(2) Professor-Assistente Doutor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus de Marília e Presidente da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação - ABEED

(3) Professora - Assistente do Departamento de Didática da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus de Marília.

A dificuldade de caracterização de um perfil do bibliotecário brasileiro dá-se em virtude das heterogeneidades do país bem como pela escassez de pesquisas a respeito. Alie-se a isso alguns fatores de mudança observados na atualidade como o desenvolvimento do ensino universitário e pós-universitário na área, o aumento da clientela masculina e de classes média e baixa nos cursos de Biblioteconomia, e a crescente ampliação do universo de pesquisa na área, seja por meio de experiências interdisciplinares, seja pelo desenvolvimento de teorias próprias tendentes à constituição de uma ciência própria. Nesse processo de mudança, o salto de qualidade ocorrerá desde que o bibliotecário brasileiro proceda a uma reflexão crítica sobre a profissão no contexto social em que atua, especificamente no âmbito de uma sociedade heterogênea multifacetada, em um país em desenvolvimento, às portas do terceiro milênio.

Acredita-se que tal fato possa ser alcançado por meio, dentre outros, de programas sistemáticos de divulgação profissional, pelas escolas de Biblioteconomia, a exemplo do que vem sendo desenvolvido desde 1987 na UNESP - Marília, quando os alunos de Biblioteconomia desenvolvem um programa diversificado de divulgação da profissão bibliotecária junto a comunidades de alunos de segundo grau da região, como relatado neste artigo.

1. INTRODUÇÃO

Ao se abordar a profissão bibliotecária no Brasil, é necessário, antes de mais nada, situá-la no contexto histórico-sócio-político-econômico, como elemento básico ao seu desenvolvimento, determinante de aspectos peculiares.

Brasil constitui-se, geograficamente, no maior país da América Latina, ocupando cerca de metade da América do Sul.

Colonizado a partir do século XVI por Portugal (diferentemente dos demais países da América Latina, colonizados pela Espanha), passou por diferentes situações políticas: colônia, vice-reino e reino unido, até se constituir em Estado monárquico independente em 1822, para chegar ao século XX na condição de república.

Pode-se afirmar que o Brasil é um caso à parte no contexto do mundo. Com uma população de cerca de 150 milhões de

habitantes unida por um mesmo idioma - o português - possui "dimensões territoriais onde, ao lado da riqueza de recursos naturais tem-se uma ampla heterogeneidade de realidades sociais

Assim, não deixa de enfrentar problemas de ordem econômica e social, dada principalmente a seus contrastes, uma vez que podem ser facilmente identificáveis ao menos três países distintos: um Brasil desenvolvido, eminentemente industrializado, com boa renda per capita e de grande avanço tecnológico, ao lado de um Brasil em desenvolvimento, agrícola, e preocupado com o acesso à educação e à saúde, seguido de um Brasil eminentemente sub-desenvolvido, muitas vezes sem as mínimas condições de saúde e de bem-estar social.

Integrando esse cenário heterogêneo e polêmico, a informação passa por diferentes abordagens e funções. Dessa forma, a profissão bibliotecária surge no país como um reflexo do desenvolvimento econômico e cultural do século XIX quando se delineia sua estrutura educacional.

Pretende-se, assim, abordar a profissão bibliotecária no Brasil com ênfase em alguns problemas (ou entraves) que interferem no seu desenvolvimento. Para tanto, é necessário traçar um paralelo entre dois elementos indissociáveis: a evolução profissional e o ensino na área.

2. FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Segundo MUELLER (20:3), cinco períodos históricos podem ser destacados, como visto a seguir:

Pautando-se na orientação francesa advinda da École de Chartres, é criado em 1911 (e efetivamente instalado em 1915), no Rio de Janeiro o curso da Biblioteca Nacional, caracterizando-se por uma formação eminentemente humanista (Nota 1). A imagem do bibliotecário desse período refletia uma concepção profissional descrita por COTTON DES HOUSSAYES (Apud SHERA 30:195) no século XVIII: "nosso bibliotecário deve ser, acima de tudo, um preparado e profundo teólogo; mas a tal qualificação, que considero fundamental, devem se unir vastos conhecimentos literários, e um exato e preciso conhecimento de todas as artes e ciências, grande facilidade de

expressão e, por fim, aquela estranha polidez que concilia a afeição de seus visitantes enquanto tal mérito assegura sua estima" (Nota 2).

Marcado pela influência norte-americana (Columbia University), surge em São Paulo, em 1929, o curso do Mackenzie College, introduzindo disciplinas de caráter técnico, voltadas para a organização de bibliotecas (Nota 3). Essa linha predominou nas décadas de 30 e 40, com os cursos da Prefeitura Municipal, da Fundação Escola de Sociologia e Política (São Paulo) e do Departamento Administrativo do Serviço Público (Rio de Janeiro), que motivaram a criação, na década de 50, de novos cursos no país, bem como a luta dos bibliotecários para se firmarem como profissão de nível superior (Nota 4). Como mostra FERRAZ (14:226): "a Biblioteconomia, na década de 40, lutou para transformar a biblioteca em um centro de cultura à disposição dos estudiosos, bem como procurou novos usuários, colocando o livro ao seu alcance e, em especial, do leitor inexperiente, facultando-lhe o livro oportuno no momento oportuno. Reorganizou as bibliotecas existentes dentro de um padrão técnico e promoveu a fundação de novas unidades para intensificar o trabalho do bibliotecário".

Com o reconhecimento oficial da profissão em nível universitário, (Lei 4084/62) estabelece-se o currículo mínimo (Decreto 550/62) dos cursos de graduação em Biblioteconomia com três anos de duração e as seguintes disciplinas: História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação, Classificação, Bibliografia e Referência, e Paleografia (POBLACIÓN 24:40). Ainda na década de 60 é criada a Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), com o objetivo de estabelecer diretrizes para as atividades de ensino da área, bem como promover o intercâmbio de experiências docentes. SILVA et al. (32:9) registram a visita, nesse período, de profissionais estrangeiros ao Brasil "os quais contribuíram para o desenvolvimento do ensino de Biblioteconomia".

A criação de cursos de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, a partir do início da década de 70, instaura um novo momento profissional, preocupando-se com a formação de docentes para os cursos de graduação, bem como o desenvolvimento

da pesquisa na área (Nota 5). Como decorrência, são lançados quatro periódicos especializados e de circulação nacional (Nota 6). Nesse contexto, um novo elemento se insere na realidade bibliotecária - e de ensino - como suporte às atividades profissionais: o computador.

Com a reformulação do currículo mínimo dos cursos de graduação (1982), a partir de um trabalho coordenado pela ABEBD, o ensino de Biblioteconomia assume seu caráter interdisciplinar, preocupando-se não apenas com o documento e sua organização, mas com a informação em seus diferentes suportes, vista como um "produto essencial ao desenvolvimento" (7:126) ou ainda "mercadoria do ponto de vista de seu uso, identificando mercado potencial, valor econômico de troca, custo real de produção e preço de venda, sob a forma de serviços ou produtos" (6:12). Nesse contexto, observa-se uma simbiose das concepções humanista e técnica enfatizando-se a formação do bibliotecário enquanto agente cultural onde "a tecnologia lhe concede tempo e ferramentas para que desenvolva sua criatividade" (4:184)

No contexto educacional, conta hoje o Brasil com trinta cursos de graduação em Biblioteconomia distribuídos em dezessete dos vinte e sete estados do país, bem como três cursos de pós-graduação em nível de doutorado e seis cursos em nível de mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Como se pode observar, o bibliotecário altamente erudito, voltado para questões culturais e de preservação e guarda de documentos (OLIVEIRA 21:5) cede lugar ao profissional técnico, (mais preocupado com a organização de documentos do que com questões culturais ou de atendimento ao público) para, em um terceiro momento, manifestar sua consciência de classe na luta pelo seu reconhecimento como profissional de nível superior. Uma vez conquistado tal espaço, volta-se o bibliotecário ao seu aperfeiçoamento científico para, agora, aliar-se a profissionais de diferentes áreas do conhecimento em um trabalho de organização da informação - e não mais de documentos - e de ação cultural. Dada à diversidade de funções, torna-se difícil traçar um "perfil" do bibliotecário brasileiro a partir das necessidades da sociedade contemporânea. Alguns traços básicos, no entanto, são apontados por BALBY & ANTONIO (7:1263): "interdisciplinaridade, especialização, conhecimento da teoria da informação e de sua técnica, habilidades gerenciais, adaptabilidade,

agilidade, preparação básica sólida, engajamento à pesquisa em Biblioteconomia (atividade científica), habilidade de comunicação e habilidades intelectuais."

MARTUCCI (17:02), mesmo considerando a dificuldade da tarefa, assim se manifesta: "Em termos das reais necessidades da população brasileira, o perfil do bibliotecário seria o de um profissional para atuação em bibliotecas públicas e escolares: uma rede de bibliotecas públicas e escolares que cobrisse todo o país, tendo à frente profissionais conscientes e preparados para desempenhar seu papel como agentes de transformação cultural, como agentes da democratização do conhecimento. Este perfil social do profissional seria a infraestrutura de nosso desempenho em um país em desenvolvimento".

3. ENTRAVES AO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Apesar de os profissionais da área e o ensino de Biblioteconomia estarem em contínua busca de uma evolução harmoniosa, alguns entraves vêm dificultando o desenvolvimento da profissão bibliotecária no país.

Neste trabalho, destacamos os seguintes: diferenças sócio-econômico-culturais, salários diversificados, caráter feminino da profissão, falta de identidade profissional, falta de espírito participativo, evasão escolar e ausência de divulgação.

As diferenças sócio-econômico-culturais são responsáveis por um desnível em relação às exigências do profissional. Um dos problemas que MUELLER (20:13) aponta como decorrente das características de desenvolvimento do país, é a "necessidade de preparar-se profissionais para atuarem em situações que variam das mais sofisticadas às mais primitivas". Como ilustração, podemos salientar o contraste entre as linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação: enquanto o da Universidade Federal do Rio de Janeiro está voltado para o aperfeiçoamento de um laboratório de tecnologia da informação, fazendo amplo uso de sistemas automatizados, a Universidade Federal da Paraíba, ao norte do país, preocupa-se com a interface Biblioteca/Comunidades Carentes.

Também em relação aos salários, permanece o desnível. Não obstante a existência de um piso de sete salários-mínimos (cerca de 490 dólares), a realidade se mostra totalmente diversificada. POLKE et al. (25:879) situam a média real entre três e seis salários-mínimos (210 a 420 dólares aproximadamente).

Essa variação está diretamente ligada a dois aspectos: região geográfica e tipo de biblioteca. Dessa forma, não é difícil encontrar um bibliotecário de um centro especializado de documentação em regiões mais desenvolvidas - São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília - percebendo salários compatíveis a funções executivas de direção em grandes complexos industriais, enquanto outro, em uma biblioteca pública - quando esta existe - em uma pequena cidade do interior de regiões menos favorecidas, pode ter o seu salário próximo ao salário-mínimo.

OLIVEIRA (21:63) e SILVA et al. (32:31) indicam, como variáveis determinantes dos salários, a baixa posição que ocupam os serviços bibliotecários nas prioridades governamentais (principalmente em se considerando que grande faixa do mercado de trabalho brasileiro é ocupada por órgãos públicos) e a predominância da mulher na profissão.

A grande maioria de mulheres dentre os profissionais da área não é peculiaridade brasileira. Autores como GUYTON (16:73) e PETHERBRIDGE (29:192) constataam essa característica em diferentes países. TILLEY (35:425) estima em 80% de mulheres e 20% de homens no exercício da profissão em países como a Austrália, os Estados Unidos e a Inglaterra.

No Brasil, POLKE (25:432), ao analisar a realidade de Minas Gerais, apresenta um índice superior a 90% de mulheres na profissão.

Essa predominância numérica não consiste, por si só, em efetivo entrave ao desenvolvimento profissional, mas sim as variáveis de ordem econômica e social que daí decorrem.

SMIT (33:3), referindo-se ao início da profissão bibliotecária no Brasil, assim se expressa:

"Nessa época, as moças de boa família, se quisessem trabalhar, tinham duas opções: a escola normal e o magistério ou então a Biblioteconomia. Profissão feminina, portanto, e para moças de boa família resguardadas em ambientes fechados e em contato

com crianças (inofensivas) ou adultos preocupados com a cultura (...) Ao mesmo tempo, já que moças de boa família, a abordagem da Biblioteconomia não era forçosamente muito profissional, deixando para um segundo plano as questões mais materiais tangentes às condições de trabalho e ao salário".

Observa-se, dessa forma, o caráter assistencialista da profissão, encarada mais como "atividade filantrópica" ou, quando muito, "meio para prover gastos pessoais" (POLKE et al. 25:885) ou de "complementação do orçamento doméstico" (OLIVEIRA 21:63) do que efetivo meio de subsistência.

Essa imagem de Bibliotecária perdurou no país até a década de 70, deixando profundas marcas no desenvolvimento profissional, caracterizando-se pela passividade, pela "carência da consciência de carreira e de competição" (21:63) e, conseqüentemente, falta de espírito associativo e de reivindicação.

É importante salientar que, a partir da década de 80, a profissão bibliotecária no Brasil tem perdido gradativamente seu caráter "feminino", seja pelo crescente número de alunos do sexo masculino, seja por uma postura mais agressiva no que se refere à atuação profissional.

A falta de identidade profissional está evidenciada não apenas pela indiferença com que os profissionais encaram o movimento associativo, mas também pelo desconhecimento da real função da profissão.

"Afinal, por que o bibliotecário veio ao mundo, o que está fazendo aqui? A razão de ser da nossa profissão, o papel que apenas e tão somente ele desempenha na sociedade não é considerada como razão para debates e discussões. Existe realmente uma profissão que não sabe e não procura saber o seu significado social?" (3:5)

Diretamente ligada às variáveis anteriores, a falta de espírito participativo do profissional é vista também por ALMEIDA JÚNIOR (3:) como decorrente de: falta de identificação como agente de transformação, crença numa biblioteca unicamente técnica e descrença na importância da profissão.

Em relação à problemática da evasão escolar, SILVA et al. (32) fazem uma pesquisa sobre os estudos pertinentes e registram que o abandono é tão significativo quanto as reprovações.

CARVALHO & PEROTA (11) apresentam, como fruto de trabalho sobre o tema, dois principais fatos responsáveis pela desistência do aluno: a incompatibilidade dos horários de trabalho e do curso e a falta de motivação dos alunos ocasionada, sobretudo, pelo desconhecimento da profissão bibliotecária.

Pode-se afirmar que esse desconhecimento da profissão decorre, sobretudo, da ausência de sua divulgação.

Alguns autores da literatura especializada contemporânea indicam essa variável como sério obstáculo ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil:

RODRIGUES (27:02) atribui à falta de uma divulgação ampla e real "uma das causas responsáveis por grande parte dos problemas atinentes à biblioteconomia brasileira".

GIULIANO (15:12) faz um alerta aos bibliotecários: "ninguém valoriza o que não conhece. Divulguem e lutem pela profissão de vocês" (Nota 7).

OLIVEIRA (21:01), ao se referir aos cursos de pós-graduação na área, a partir da década de 70, menciona o questionamento da profissão e do trabalho bibliotecário em tópicos abordados pela literatura especializada e, entre eles, "a falta de divulgação da profissão".

A divulgação parece despontar como uma estratégia que pode auxiliar na superação dos obstáculos ao desenvolvimento da profissão no Brasil.

A quem caberia tal divulgação? Os cursos de Biblioteconomia, devido ao seu caráter formador de recursos humanos e multiplicador da informação emergem como pólos naturais para a execução dessa estratégia (Nota 8).

Foi sob essa óptica que a divulgação profissional passou a ser objeto do Curso de Biblioteconomia da UNESP - Marília a partir de 1987, na disciplina "Orientação Profissional em Biblioteconomia" visando à atualização profissional.

O objetivo inicial seria demonstrar à comunidade estudantil - enquanto clientela em potencial - a função social e o papel do bibliotecário na atualidade. Nesse sentido, manifesta-se ARAÚJO (6:12): "O papel do profissional da informação num país como o nosso, em que transformações são dinâmicas, passa necessariamente

por sua colocação política e crítica diante da realidade. Essa colocação envolve a priori uma mudança de perspectiva e privilegia a dinâmica em oposição à passividade: não se pode mais esperar pelo usuário da informação, mas deve-se partir ao seu encontro, deve-se conhecê-lo e, conhecendo-o, delinear o perfil de suas necessidades de informação".

Foi essa preocupação com a divulgação profissional que gerou uma aproximação entre a Biblioteconomia e a Didática (Nota 9): em que medida poderia a Didática contribuir para que se atingisse os objetivos propostos?

Dadas às poucas horas-aulas disponíveis para a inserção da Didática, bem como a ausência de uma relação com a Filosofia que viesse possibilitar uma visão mais ampla do pretendido ato pedagógico, tentou-se aliar ao domínio de técnicas didáticas e do conteúdo a ser transmitido, uma compreensão abrangente do ato de ensinar.

Na tentativa de instrumentalizar essa prática vinculada a um compromisso do bibliotecário com o contexto social, a preocupação não se limitou ao "como fazer mas também procurou refletir o "porque fazer".

O aluno é, então, motivado a pesquisar o conteúdo informacional a ser transmitido, assim como lhe são oferecidas condições para analisar e refletir criticamente sobre os elementos presentes em uma situação ensino-aprendizagem, tais como a linguagem didática, a organização do trabalho e, também, os recursos pedagógicos, aqui entendidos como instrumentos para difundir a informação.

Dentre o universo delimitado "a priori" - conjunto de escolas de 2º grau de Marília e região - selecionou-se como população-alvo uma amostra representativa de diferentes realidades sócio-econômicas.

Nesse processo, o futuro bibliotecário contata as escolas e, frente aos alunos de 2º grau, efetiva a divulgação.

Diante da manifestação favorável dos alunos da UNESP e do 2º grau, os professores envolvidos estão empenhados em continuar com o projeto tentando, gradativamente, enriquecer e ampliar suas dimensões buscando, para tanto, experiências de aprendizagem alternativas (Nota 10).

A respeito da vivência desta proposta, FADEL (13) assim se expressa:

"A receptividade e o interesse demonstrado pelos alunos tem confirmado a validade do Programa de Divulgação Profissional e o êxito da inter-relação entre os Departamentos de Didática e de Biblioteconomia gerou uma proposta de ampliação dessas atividades num projeto bem mais amplo com vista a atender uma solicitação da Reitoria para a divulgação de todos os cursos da UNESP. Nascia, assim, o Projeto VENHA NOS CONHECER em Marília (Nota 11).

4. CONCLUSÃO

A identificação (ainda que de forma crítica e consciente) dos fatores que bloqueiam o desenvolvimento da profissão bibliotecária não é suficiente. É necessário criar condições efetivas para a superação desses obstáculos, mediante projetos concretos, fazendo uso da criatividade.

Nos países de Terceiro Mundo, como o Brasil, onde as verbas são exíguas e os contextos sociais heterogêneos, a divulgação pode se constituir em importante instrumento para a efetivação do "salto de qualidade", tão esperado pelos profissionais bibliotecários. A estratégia é que se diferenciará conforme as peculiaridades de cada país ou região onde o projeto se inserir (Nota 12).

No atual estágio de desenvolvimento da profissão e do ensino de Biblioteconomia no Brasil, o momento é de transformação. Dessa forma, não é demais acrescentar que "a praxis humana envolve sempre dois elementos fundamentais - Reflexão e Ação, teoria e prática. Daí não adiantar a listagem verbal das frustrações e dos problemas; é necessária uma ação concreta sobre eles" (31:14).

Ações se tornam cada vez mais prementes, desde que pautadas em posicionamentos reflexivos sobre realidades concretas visando ao aperfeiçoamento da profissão como um todo.

Acredita-se que o primeiro passo seja a conscientização da coletividade - e mesmo do bibliotecário - sobre a verdadeira função social da profissão e, num contexto educacional mais amplo, contribuir para o avanço cultural, científico e tecnológico.

Se os países do Terceiro Mundo atentarem para o fato de que a carência de informação se constitui no primeiro obstáculo a ser

vencido, o "salto de qualidade" tornar-se-á uma realidade cada vez mais próxima.

NOTAS

- (1) Constavam do currículo do curso as disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática.
- (2) Conforme SHERA (30:195), tal concepção prevaleceu na Europa até a segunda metade do século XIX, enquanto no Brasil se estendeu até a terceira década do século XX.
- (3) Dentre as disciplinas técnicas, pode-se destacar: Classificação, Catalogação, Referência e Organização de Bibliotecas. Como caracteriza FERRAZ (14:224): "os alunos possuíam, em geral, bom nível de conhecimento e, línguas, especialmente a francesa e a inglesa, o que facilitou o andamento geral do curso, baseado em literatura estrangeira".
- (4) Ressalte-se, nesse período, a criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB (1959).
- (5) Como mostra OLIVEIRA (21:1), na década de 70 surge "o questionamento da profissão, do trabalho do bibliotecário", a partir de seus entraves.
- (6) Ciência da Informação, Revista de Biblioteconomia de Brasília, Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação e Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG.
- (7) Também na Venezuela, VICENTELLI DE CASTILHO (36:193), discutindo a projeção da profissão de bibliotecário e arquivista naquele país, aponta a divulgação insuficiente dessa carreira entre os estudantes da Escola Média como um dos motivos pelos quais os jovens não demonstram interesse ao ingressar nos estudos universitários.
- (8) Nesse sentido, RODRIGUES (27:07) propõe um trabalho entre as associações de bibliotecários e as escolas de Biblioteconomia.
- (9) Entende-se por Didática a "disciplina teórico-prática que oportuniza ao aluno o desenvolvimento de habilidades de ensino e a discriminação das dimensões básicas da dinâmica da sala de aula, visualizando o ensino/aprendizagem como processo de interação professor-aluno, centrado nos contatos diretos com a realidade. Estudo de diferentes modelos de ensino adequados às peculiaridades do contexto contemporâneo. (9:330)
- (10) O termo "experiências de aprendizagem" não significa conteúdo com o qual um curso se preocupa, nem atividades desenvolvidas pelo professor. O termo diz respeito à interação do aprendiz com as condições externas, "como o ambiente" ao qual ele reage. A Aprendizagem ocorre através de comportamento ativo do aprendiz: é a partir do que ele faz que ele aprende e não através daquilo que o professor faz. Os meios essenciais da aprendizagem são as experiências que o aluno realiza e não os conhecimentos que lhe são apresentados (18:29).
- (11) "Venha nos Conhecer" é um projeto que tem como objetivo promover a divulgação das atividades da UNESP aos estudantes e à comunidade em geral, sendo coordenado, em Marília, pelos autores deste artigo e, em nível central, pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da UNESP (PROEX). O evento, em Marília, realizado pela primeira vez em 03.10.1989, contou com a presença de 900 alunos de 2º grau, em 1990 (22 de agosto) recebeu cerca de 3.500 alunos e, em 27 e 28.08.1991, cerca de 6.000 alunos.
- (12) Para SOUZA (34:495) "a divulgação não é alguma coisa a ser feita irrefletidamente, apenas porque sobrou algum recurso, ou porque conseguiu-se algum estagiário de jornalismo ou de arte. Ela precisa ser feita, mas como um instrumento permanente da

organização e tendo suporte de outras etapas já cumpridas ou com total possibilidade de serem realizadas. Não deve ter o objetivo de criar expectativas mas, acima de tudo, transmitir e interpretar informações concretas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Desenvolvimento de recursos humanos para sistemas de bibliotecas públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. Salvador, 22-27 set. 1991. **Anais...** Salvador: Associação Profissional de Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. v. 1, p. 158-182.
02. ALMEIDA, Orlando de & NEVES, Teodora Gama das. O bibliotecário e suas entidades profissionais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 3/4, p. 79-99, jul./dez. 1982.
03. ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de Almeida. A arte de não participar. **Palavra-chave**, São Paulo, n. 5, p. 8-9, maio 1985.
04. AMAT, Núria. El documentalista: un científico de científicos. **Revista española de documentación científica**, Madrid, v. 14, n. 2, p. 179-186, 1991.
05. ANDRADE, Diva Carraro. Porque a hiena ri. **Palavra-chave**, São Paulo, n. 4, p. 10, maio 1984.
06. ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Papel do profissional de informação em uma sociedade em mudança. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 11-13, jan./jun. 1986.
07. BALBY, Cláudia Negrão & ANTÔNIO, Irati. Informática para bibliotecários: situação do ensino no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. Salvador, 22-27 set. 1991. **Anais...** Salvador: Associação Profissional de Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. v. 2, p. 1261-1281.
08. BASSO, Itacy Salgado & BETTINI, Rita Filomena. Relato de uma experiência: a abordagem sócio-política em disciplinas do novo currículo de Biblioteconomia. **Revista da Escola de**

- Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 72-83, mar. 1987.**
09. BORDAS, Marion Campos. Uma tentativa de tentar articular o "pensar" sobre a Didática e a didática vivida em função de uma pedagogia crítico-emancipadora. In: SEMINÁRIO "A DIDÁTICA EM QUESTÃO", 3, São Paulo, 1985. Atas... São Paulo: USP, 1985. v. 2.
 10. BOTASSI, Míriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-chave**, n. 4, p. 3-4, maio 1984.
 11. CARVALHO, Izabel Cristina & PEROTA, Maria Luiza Loures. **A evasão dos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo**. Vitória: UFES, 1989. 21p.
 12. CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela. Sobre praxis: para pensar a formação e a prática bibliotecária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. Salvador, 22-27 set. 1991. **Anais...** Salvador: Associação Profissional de Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. v. 2, p. 1125-1137.
 13. FADEL, Bárbara. As escolas de Biblioteconomia e a divulgação da profissão. In: ENCONTRO LONDRINENSE DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 8, 1990. Londrina (Comunicação em painel)
 14. FERRAZ, Maria Antonieta. Entrevista. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. 3/4 p. 223-27, jul./dez. 1980.
 15. GIULIANO, Maura Marcia Alves. Futuro: nas mãos da categoria. **Palavra-chave**, n. 4, p. 12, maio 1982.
 16. GUYTON, Theodore Lewis. **Unionization: the viewpoint of librarians** Chicago: American Library Association, 1985.
 17. MARTUCCI, Elizabeth Márcia. Sobre educação bibliotecária e perfil profissional. **Palavra-chave**, São Paulo, v. 3, n. 2, out. 1983.

18. MENDONÇA Geysa de Freitas. Como selecionar as experiências de aprendizagem necessárias ao atingimento dos objetivos definidos. In: São Paulo (estado). Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Formulação de objetivos/avaliação**. São Paulo: CENP, 1977. 29-37.
19. MORAIS, Rubens Borba de. A história da Biblioteconomia no Brasil entrevista/. **ABDF. Boletim Informativo**, Brasília, v. 1, n.7, p. 3-5, set. 1988.
20. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-16, jan./jun. 1985.
21. OLIVEIRA Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.
22. PINHEIRO, Andréa S. P. et al. Bibliotecário autônomo: uma nova perspectiva. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 15, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 1987.
23. PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro & PEREIRA, Maria de Nazareth Freitas. Mudando os rumos da participação bibliotecária: uma proposta para curso de especialização de bibliotecários de instituições do ensino superior. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5 Porto Alegre 12-16 jan. 1987. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987. v. 1, p. 75-148.
24. POBLACIÓN, Dinah A. La Biblioteconomia en Brasil: movimientos asociativos y formación profesional. **Revista esp. de documentación científica**, Madrid, v.12, n. 1, p. 37-41, 1989.
25. POLKE, Ana Maria Athayde et al. Análise do mercado de trabalho do bibliotecário de Belo Horizonte. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 165-77, set. 1976.
26. ROBREDO, Jayme. Estudo preliminar sobre a vocação dos bibliotecários e a imagem da profissão entre os novos profissionais. **ABDF. Boletim Informativo**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 4-5, mar. 1989.

27. RODRIGUES, Ricardo C. A desintegração e o divórcio. **Boletim ABDF**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 02-07, out./dez. 1979.
28. SCANTIMBURGO, João de. **Ilusões e desilusões do desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Comercial, 1976.
29. SHE who must be an indexer. **The indexer**, v. 16, n. 3, p. 192-193, Apr. 1989.
30. SHERA, Jesse Hawk. **The foundations of education for librarianship**, New York: Wiley-Becker & Hayer, 1972.
31. SILVA, Ezequiel T. da. Teoria e prática da leitura: o que falta ao bibliotecário. **Palavra-chave**, n. 3, p. 12, out. 1983.
32. SILVA, Lourdes Gregol Fagundes da et al. **Ensino de Biblioteconomia no Brasil: problemas e perspectivas**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação. 1990.
33. SMIT, Johanna W. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feitiço de psicodrama. **Palavra-chave**, São Paulo n. 2, p. 2-3, ago. 1982.
34. SOUZA, Francisco das Chagas de. Divulgação dos serviços bibliotecários em uma biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5. Porto Alegre, 12-16 jan. 1987. Anais... Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987. v. 1, p. 491-515.
35. TILLEY, Christine M. Female librarianship in Australia. **International library review**, n. 20, p. 425-433, 1988.
36. VICENTELLI DE CASTILHO, Hermínia. Formación del bibliotecário y archivólogo en Venezuela. **Transinformação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 187-194, maio/ago. 1989.

ABSTRACT

GUIMARÃES, J. A. C. & GUAREZZI, S. *Divulgação Profissional: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil*. **Transinformação**, v. 6 n. 1/2/3, p. 43-59, jan./dez. 1994.

The development of Library and Documentation (L & D) profession presupposes 2 interacting factors: educational formation and professional performance. An analysis of L & D teaching shows the history of the profession in Brazil in 4 periods with social, political, economic and cultural peculiarities and provide the historical background of the profession development under different ideological influences: a) the "erudite librarian, guardian of books, and worried about cultural problems" (1879-1930) (OLIVEIRA); b) the librarian concerned with the development of technical activities (1930-1960); c) the graduate professional thus becoming concerned with information technologies (1960-1980) d) the librarian as a cultural agent and using the computer resources as a supporting tool. A 5th historical moment is arising: the economic system now emphasizes information as "an essential product to the development" (BALBY & ANTONIO) So, the interdisciplinarity has a preponderant function in the formation of the librarian nowadays.

It is very difficult to identify the "Brazilian librarian profile" not only because Brazil is a heterogeneous country but also there have been no research on this subject. Different historical, cultural and economic realities characterize more or less isolated geographic regions. On the other hand, some changing factors can be pointed out: a) professional education occurred in the past in a undergraduate basis whereas it occurs now in a graduate level; b) L & D Science was until a few years ago a typical "female profession" characteristic of Brazilian elite; now it attracts an increasing number of male students concerned about their performance and their families subsistence; c) in the past, L & D Science only related to its own techniques; today a tremendous body of knowledge comes from other sciences in order to develop cooperative work.

In this change process, the "jump to quality" will only happen if the Brazilian librarian promotes a critical appraisal of his profession in the social context by the effective consciousness of his role in a heterogeneous society, in a 3rd World Country, almost in the 21 th Century, which could be reached out by improving systematic programmes of professional diffusion in charge of L & D Scholls.

L & D Faculty of Universidade Estadual Paulista (UNESP) at Marília - São Paulo - Brazil, introduced in 1987 the discipline "Professional Diffusion" whose students research the profession in Brazil in order to promote it among highschools. This paper presents the complete experience in its historical and methodo-logical aspects with an special emphasis on its effects.

DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA CONTRIBUIÇÃO À FORMAÇÃO CRÍTICA SÓCIO-CULTURAL DO EDUCANDO¹

Maria Solange Pereira Ribeiro

RESUMO

RIBEIRO, M. S. P. *Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando. Transinformação*, v. 6, n. 1/2/3, p. 60-73, jan./dez. 1994.

O objetivo foi analisar a coleção de História do Brasil de 5ª e 6ª série do 1º grau existente nas bibliotecas escolares. O foco da análise foi a presença do negro na referida coleção. Para tanto foi utilizada a análise psicolinguística a qual busca descrever o sentido dos verbos nos aspectos denotativo e conotativo nas categorias: social, cognitivo, afetivo e física. A pesquisa apresenta ainda sugestões para selecionar o livro infanto-juvenil, fornecendo ao professor e bibliotecário subsídios para o desenvolvimento da coleção escolar.

Palavras-Chave: Livros didáticos - influências tendenciosas; Desenvolvimento de coleção

INTRODUÇÃO

A Lei 5.962, de 11 de agosto de 1971, fixa as diretrizes e bases para o ensino brasileiro de primeiro e segundo graus cujo objetivo primordial é gerar e propiciar ao educando a formação

(1) Artigo extraído da dissertação "Preconceito e racismo na coleção de História do Brasil: uma investigação do bibliotecário escolar", aprovada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas para obtenção do grau de mestre em Biblioteconomia, em setembro de 1993, sob a orientação da Profª Drª Else Benetti Marques Válio.

necessária para o desenvolvimento de sua capacidade para o trabalho e preparo ao exercício da cidadania.

O artigo 17 da referida Lei diz que "o ensino de primeiro grau destina-se à formação da criança e do pré-adolescente, variando em conteúdo e método segundo as fases de desenvolvimento dos alunos". Para que a escola tenha o desenvolvimento desejado é necessário a utilização de recursos que facilitem a integração e dinamização do processo ensino/aprendizagem e entre os recursos existentes destaca-se a biblioteca escolar, instrumento indispensável como apoio didático pedagógico e cultural; elemento de ligação entre professor e aluno na elaboração das leituras e pesquisas, conforme dizer de LOURENÇO FILHO (4), já em 1944 (p.4) "a escola ... sem biblioteca é um instrumento imperfeito".

A biblioteca possibilita acesso à literatura e às informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente. Para atender essas premissas a biblioteca precisa ser entendida como um "espaço democrático" onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo.

Observando-se por este aspecto, há necessidade de refletir-se sobre uma redefinição do conceito da biblioteca como parte da visão de um instrumento dinâmico no processo ensino-aprendizagem. Para merecer tal carácter - instrumento dinâmico - há que se considerar como função primordial que a biblioteca atue como órgão auxiliar e complementar da escola facilitando aos alunos o acesso ao material bibliográfico, assim como uma orientação clara e precisa para o estudo e solução de seus problemas e deveres de classe; sobretudo como apoio informacional ao pessoal docente.

Sobre tal questão SÁ (8) esclarece "que a biblioteca é certamente um local onde a educação e o ensino poderiam encontrar-se como um agente eficaz no sentido de transformar a biblioteca num local de acesso crítico às informações".

Nesse sentido, a biblioteca define-se por um carácter de co-responsável no processo ensino-aprendizagem, revelando-se a necessidade de considerar a qualidade de um acervo e, conseqüentemente, dispensar maior atenção com o conteúdo do material disponível aos usuários alunos.

No que tange à avaliação de livros, o Conselho Internacional de livros para criança do estado da Califórnia (1) sugere nove itens que poderão auxiliar na análise do conteúdo dos textos, facilitando o trabalho de professores e bibliotecários na seleção de livros. Esses itens enfatizam não só o conteúdo linguístico do texto como também a mensagem das ilustrações.

Elencamos a seguir as sugestões do Conselho Internacional sobre a avaliação de livros para crianças.

1. Ilustrações

Neste tópico há a orientação de uma análise para as implicações e estereótipos com relação às minorias, como por exemplo: o índio apresentado como selvagem ou guerreiro primitivo; as mulheres vistas apenas no desempenho da maternidade e, via de regra, no papel de domésticas. Há, ainda, uma preocupação com respeito às gravuras que tendem a padronizar um determinado grupo sexual como pessoas portadoras de características privilegiadas.

2. No livro de história

Observar e analisar as atitudes racistas e sexistas através das dissimulações sutis de forma preconceituosa no sentido de elevar o padrão de comportamento do branco em detrimento dos grupos minoritários.

Verificar, também, se a sociedade branca é projetada como a única ideal; se as pessoas negras têm que exibir qualidades extraordinárias para serem notadas e se os relatos e/ou histórias encorajam a aceitação ou uma resistência ativa das minorias.

3. Estilo de vida

Observar se grupos minoritários em questão são descritos como "diferentes", se estão implícitos julgamentos de valores negativos e se outras são tidas como imperfeitas.

4. Relacionamento

Verificar se o branco dentro do relato possui a liderança, tomando decisões importantes, relegando às minorias papéis e funções primárias.

5. Os heróis

Verificar se os negros são reconhecidos como heróis pelas mesmas qualidades que tem feito os heróis brancos.

6. Efeito sobre a imagem das crianças

Observar se os livros anulam ou reforçam a associação negativa com a cor negra. Existe dentro da estória uma ou mais pessoas com as quais as crianças minoritárias podem possivelmente se identificar? Têm o livros imagens de cores brancas como a última maravilha, limpeza e virtude e, a cor negra, com o mal, suja e ameaçadora?

7. O sentido das palavras

Verificar os adjetivos usualmente utilizados para referir-se à minoria: selvagem, primitivo, preguiçoso, supersticioso, traidor, velhaco, dócil, negligente, subserviente, etc.

8. O autor

Verificar a intenção do autor, pois ele não pode ser completamente imparcial. No passado, livros para crianças eram escritos por membros da classe média; conseqüentemente, uma perspectiva etnocêntrica única tem dominado a literatura para crianças.

9. A literatura dentro de uma perspectiva histórica

A literatura clássica inclui narrativas folclóricas e estórias dentro de uma determinada cultura. Para julgar obras como esta é necessário considerar o contexto e espaço temporal das mesmas.

Observadas as sugestões pode-se afirmar que a seleção bibliográfica através de uma análise de conteúdo poderá evitar que livros recheados de idéias pré-concebidas sejam colocadas à disposição dos alunos, sem nenhum contraponto.

Pesquisadores e críticos como VALENTE (9), FARIAS (2), ROSEMBERG (7), GONÇALVES (3), NOSELLA (6), entre outros revelam a má qualidade psicopedagógica e a forma discriminatória de tratar questões relacionadas ao preconceito racial e sócio-econômico. O livro didático não retrata o cotidiano vivido pelo aluno, veiculando em seu bojo idéias contrárias ao interesse e/ou a conscientização das camadas sociais desprivilegiadas. O livro, instrumento político educacional, que está contido e dirigido dentro de um contexto histórico e social pode servir de conduta de valores e normas prevalentes no ambiente externo.

Os livros didáticos de história em sua maioria consagram mitos e escondem a realidade ao invés de revelá-la. São histórias distantes que não situam o aluno na história atual; é uma história parcial e abstrata; dificilmente pode vir a se constituir em instrumento eficaz que leve à compreensão da realidade social em sua totalidade. O mediador e/ou selecionador dos fatos estará condicionado pelos interesses de sua época e de seu meio social.

Dentro deste pensamento, utilizamos como objeto da pesquisa os livros de História do Brasil de 1º grau, para analisar o discurso dos colonizadores sobre o negro cativo, através dos mediadores/autores da história oficial.

MÉTODO

O sorteio foi aleatório, obedecendo a percentagem de 10% (dez por cento) do total de 28 títulos fornecidos pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático). Sendo três para a 5ª e três para a 6ª série, todos de História do Brasil do 1º grau, relacionados a seguir:

5ª série

ALENCAR, Chico et al. **Brasil vivo: uma nova história de nossa gente**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1988

CARMO, S.J.D.; COUTO, Eliane. **História do Brasil colonial**. São Paulo: Atual, 1989, v.I

FERREIRA, José R.M. *História*. São Paulo: FTD, 1989.

6ª série

AZEVEDO, & DAROS. *A História de um povo: sociedade brasileira*. São Paulo: FTD, 1988.

CAMPOS, Raymundo. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1985.

SILVA, F. de Assis. *História do Brasil; Império e República*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1990

PROCEDIMENTO

De posse dos livros foram identificadas as categorias de análise por atender o propósito da pesquisa, ou seja, verificar a personagem, o negro, como é vista e comentada na história. Utilizou-se da análise psicolinguística que observa as categorias semânticas dos verbos empregados nos textos, análise usada por McGUIRE & ECHIEVER (1986). Os verbos, independentemente da língua ou da gramática que os sustenta, podem ser enquadrados em duas categorias: uma quanto à relação ESTADO e outra quanto à relação AÇÃO, com as respectivas subcategorias.

O quadro abaixo ilustra as categorias e subcategorias utilizadas para análise.

AÇÃO	ESTADO	Ser (+)
		Estar, tentar ser (+)
	ABERTA	Ser (-)
		Estar, tentar ser (-)
	ENCOBERTA	Física (+)
		Social (=)
Física (-)		
Social (-)		
ENCOBERTA	Cognitiva (+)	
	Afetiva (+)	
	Cognitivo (-)	
	Afetiva (-)	

CITAÇÕES QUE EXEMPLIFICAM AS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DESCRITAS

Ser Positivo: "Surgiram numerosos artistas (pintores, escultores e arquitetos) geralmente negros ou mulatos, que realizavam a tarefa de criação da arte das igrejas".

Ser Negativo: "Nesse século, toneladas de mercadorias coloniais, incluindo escravos".

Estar ou Tentar Ser Positivo: "... se ele se tornasse um escravo doméstico, estaria mais próximo do mundo dos brancos".

Estar ou Tentar Ser Negativo: "... resistiam à escravidão fugindo e se revoltando".

Ação Aberta Física Positiva: "... os negros resistiam com o pé e a mão, navalha e pau."

Ação Aberta Física Negativa: "... senhoras enraivecidas quebravam com chutes os dentes das escravas".

Ação Encoberta Cognitiva Negativa: "... eram forçados a abandonar seus costumes e adotar os costumes impostos pelos seus donos".

Ação Encoberta Cognitiva Positiva: "... existe a crença nos orixás".

Ação Encoberta Afetiva Positiva: "... nasciam curiosas amizades entre crianças brancas e negras".

Ação Encoberta Afetiva Negativa: "... as ligações amorosas entre eles eram geralmente passageiras."

Ação Aberta Social Positiva: "... a própria igreja incentivou o tráfico, afirmando que a cristianização dos negros era um ato de caridade".

Ação Aberta Social Negativa: "... no início, os próprios portugueses atacavam as aldeias africanas e capturavam os negros para vendê-los em Portugal".

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos estão apresentados em percentuais para oportunizar um claro entendimento do que representa o negro nos livros analisados.

AÇÃO	ESTADO	ESTADO	
		Item	Porcentagem
	ESTADO	Ser (+)	45,5%
		Estar, tentar ser (+)	13,5%
		Ser (-)	40,0%
		Estar, tentar ser (-)	0,9%
	ABERTA	Física (+)	18,8%
		Social (+)	15,5%
		Física (-)	23,7%
		Social (-)	42,0%
	ENCOBERTA	Cognitiva (+)	49,9%
		Afetiva (+)	18,0%
Cognitivo (-)		12,2%	
Afetiva (-)		20,4%	

A categoria de **Estado** para **Ser** mostra um equilíbrio entre as variáveis positiva e negativa. Neste caso pode-se concluir que não existe preconceito racial. Porém quando a personagem - o negro - é visto na categoria **Estar, Tentar, Ser** observa-se o esforço para ser positivo. O negro como ser apresenta-se na visão do discurso histórico/social dentro do equilíbrio de qualidades positivas e negativas, mas quando tenta ser diferente do que é proposto socialmente, aparece o preconceito.

Para a subcategoria **Físico** houve equilíbrio entre as variantes positivas e negativas, pois se de um lado o negro lutava, "matava feitor", mas era também o braço necessário e forte para o trabalho, portanto um equilíbrio, podendo se dizer que não houve preconceito racial para o item.

No **Social** é latente o preconceito racial que impetrava ao negro valores e condições de vida que não permitiam sua ascensão: negro é bicho, raça inferior, portadores de qualidade incomparáveis com a sociedade branca. Esta postura fez com que o negro escravo introjetasse uma idéia negativa de si mesmo e de sua raça.

Já para o **Cognitivo** o colonizador tentava fazer com que o negro não demonstrasse nenhum tipo de iniciativa intelectual já que

só o branco pensava; o negro era adestrado, por isso executava tarefas físicas. Mas o negro independente do branco tinha alguns conhecimentos, como a agricultura, mineração, etc. No que diz respeito ao **afetivo** verifica-se equilíbrio entre positivo e negativo, pois para o colonizador o negro não era dotado de sentimento, portanto a afetividade e a violência se equilibram.

Concluindo, o preconceito está marcado nos livros didáticos analisados. Entretanto, revela-se o preconceito no aspecto que implica cognição, pois o negro não pode ser visto como um ser capaz de demonstrar capacidade intelectual, mas somente **física**. Outro aspecto a ser destacado é mostrado quanto a possibilidade do negro ascender socialmente. O negro é, sem almejar **tentar ser**, além do estereótipo, designado pelo contexto social. Assim o discurso didático vai pouco a pouco desvelando o preconceito contra o negro reproduzindo as marcas já implícitas nas falas do colonizador, através dos livros analisados.

Em ALENCAR (1988), 5ª série, verificou-se um índice maior nas ocorrências para "Ser" negativo, isto se deve ao toque crítico com que o autor enfoca os fatos. Ele reproduz a fala da sociedade escravocrata da época colonial, sem camuflar ou amenizar os vocabulários e ação que eram atribuídos ao negro; portanto, à primeira vista, o resultado da análise do livro do referido autor parece ter uma visão negativa da personagem. O autor abre questionamento ao professor atual sobre a forma de ensinar História, enfatizando a postura crítica que deve ter o mesmo. Na categoria "Estar, Tentar Ser" a ocorrência é totalmente positiva; isto se deve à criticidade do autor, explorando todas as possibilidades positivas do negro vir a "Ser". O mesmo acontece nas categorias "Físico e Social" pois a maior frequência é negativa por motivos já expostos anteriormente, tentativa de desnudar a realidade que circunda o negro, para que o ensino de História atual seja transparente para ambas as partes, negros e colonizadores.

Em AZEVEDO & DAROS (1985) observa-se a mesma postura crítica de ALENCAR; as ocorrências são quase as mesmas em todas as categorias. Já CAMPOS (1985) não apresenta grandes ocorrências sobre a personagem, o negro, e, nas poucas aparições da personagem, ela é tratada de forma simplista e acrítica. Não se vê contribuição do referido livro ao tema da pesquisa.

Em FERREIRA (1989) e SILVA (1990) é quase total a ausência da História do Brasil, pois esses autores focalizam mais os aspectos contextuais que dizem respeito à História Universal. Embora essas publicações sejam indicadas para 5ª e 6ª séries respectivamente, os autores apresentam postura acrítica diante dos fatos relativos à época colonial brasileira.

CARMO & COUTO (1991), 5ª série, apresentam mais o aspecto positivo quanto à personagem, o negro. Exceção do "Físico Social e Afetivo" que registram maior frequência negativa, talvez por estar sujeito a ação do outro, o que explica a incidência negativa, já que nas categorias que dependem do negro "Ser", o dado é positivo.

O primeiro aspecto a ser ressaltado, o comportamento dos colonizadores, que era claro e não negava o desprezo que tinham pelos negros. Apoiados na alegação de que negros pertenciam a uma raça inferior, e à crença de que o negro tinha maus costumes e más qualidades, justificativa e explicativa da carga de trabalho e a subjugação física e psicológica que imputavam aos negros escravos.

Por outro lado é sabido que o próprio colonizador reconhecia que sem negro não existia Brasil; o negro era a base econômica do período colonial. Conforme AZEVEDO & DAROS (1989:104) "sem os negros não havia açúcar, ouro, algodão, fumo, café, etc." Isto demonstra a grande contradição em relação à importância do negro no Brasil, daí explicar o suposto equilíbrio entre "Ser Positivo e Ser Negativo".

Revoltas, atentados contra senhores, suicídio e fugas se espalhavam por todo o território brasileiro. O negro escravo nunca foi passivo. Travavam lutas de resistência ao cativo com o conseqüente aparecimento dos Quilombos. Portanto, os negros escravos tinham expectativa em "Estar, Tentar Ser" de forma positiva, uma vez que a ocorrência no aspecto negativo é quase nula. O negro era consciente de sua situação social e lutava para ser reconhecido positivamente, como afirma ALENCAR (1988:107): "viviam o sonho do poder da liberdade, do reconhecimento pela sociedade branca."

Na análise da categoria Física positiva/negativa registrou-se ocorrência indicativa de equilíbrio entre os dois pólos, revelando novamente a incoerência na ação dos senhores quanto ao valor do trabalho negro e sua condição de "homem", como se pode observar nos enunciados a seguir. "Os negros plantavam e colhiam a cana" (ALENCAR, 1988: 48); "... quebravam com chutes os dentes dos

escravos" (idem:51). Portanto o negro executava ação positiva ao mesmo tempo que recebia ação negativa de seus donos. Daí o equilíbrio dos resultados.

A categoria mais significativa no processo de análise foi a "Ação Aberta Social Negativa", confirmando o quadro geral da negação do negro como "Ser".

As frases que se seguem foram retiradas dos livros analisados, reproduzindo o pensamento e as atitudes dos colonizadores. Em ALENCAR (1988:55:126) encontramos: "... servia como objeto sexual dos seus senhores, dos feitores e até dos sinhozinhos". "... vendê-los ou alugá-los pelos melhores preços" ou ainda "...gostavam muito de manter negros só para a reprodução". O negro era para o branco só um animal que podia lhe servir.

No que se refere ao "Cognitivo" do negro escravo, há projeção através dos verbos de "Ação Encoberta", revelando atitudes positivas. Na fala de ALENCAR (1988:48,104) o negro "sabia localizar minas", "o preto velho ensinava a criançada a assobiar". Ao contrário do que pensavam os brancos, os negros tinham capacidade para desenvolver atitudes intelectuais; muitos dos negros que aqui chegaram falavam e escreviam o árabe, por influência da religião mulçumana (AZEVEDO, 1988:53).

Na questão afetiva detectou-se através dos verbos analisados, na Ação Encoberta, um certo equilíbrio entre o negativo e o positivo. O negro recebia muito pouco ou quase nada de afetividade de seus senhores e, ainda, eram impedidos de tê-la com seus "semelhantes".

Em CARMO & COUTO (1991:75) constam as afirmações: "tinham sido brutalmente separados de sua família"; "encontrava completamente solitário" ou ainda, "as ligações amorosas entre eles eram geralmente passageiras". O negro desenvolveu mecanismos para suportar a saudade de sua terra. Ainda em CARMO & COUTO (1991:55) é dito que os negros, "fizeram do Brasil sua terra", "sentiam-se mais santos, mais protegidos, mais consolados para suportar os sofrimentos da vida, não sentiam mais tanta saudade das suas antigas aldeias."

Os resultados sugerem outros temas para investigação tais como o idoso e o religioso como aparecem nos livros didáticos que fazem parte do acervo da biblioteca escolar. O conhecimento do

conteúdo desses livros facilitaria para o professor e bibliotecário estabelecer uma dialética que possa alterar os paradigmas que cercam os livros didáticos, na medida em que oportunizaria ao aluno contato com livros de diferentes ideologias sobre determinados assuntos.

CONCLUSÃO

O presente tópico aponta algumas conclusões em relação a dados mais específicos da análise dos livros, passando para a apresentação de sugestões de possíveis pesquisas que levem o bibliotecário e o professor a uma reflexão quanto à formação do acervo escolar.

Os livros analisados nesta pesquisa destinam-se às 5^a e 6^a séries de escolaridade, época em que o reforço e o desenvolvimento de valores sociais podem ser atingidos inclusive através de livros.

Embora já se possa contar com trabalhos focalizando a adequação dos livros didáticos, ainda faltam estudos que tragam maior segurança à criação e ao uso desse material de forma a possibilitar um ensino mais efetivo especificamente quanto aos modelos sociais oferecidos para as minorias.

A análise realizada permitiu-nos constatar, muitas vezes, uma falta de adequação do livro didático às condições sócio-educacionais do aluno. Desse modo, pode ocorrer a possibilidade de um ensino da História do Brasil de forma fragmentada, dando margem a interpretação preconceituosa e discriminatória com relação à minoria em questão.

No entanto, autores como ALENCAR (idem), AZEVEDO & DAROS (1985) demonstram preocupação quanto à forma de apresentação dos fatos históricos relativos à escravidão do negro. Seus livros caracterizam-se como guias para o professor menos preparado, fornecendo uma visão crítica dos acontecimentos, trazendo-os para o momento atual através de comparações com a realidade. E apontando suas consequências no desenvolvimento e formação do negro.

Por outro lado, percebeu-se que autores, consciente ou inconscientemente exercem a prática da censura e da exclusão de

fatos que são altamente relevantes para uma melhoria nas relações sociais e também nas atitudes de professores os quais têm, no livro didático, a sua fonte básica de informação; temos ainda outros que escrevem a História no discurso oficial da época escravagista.

Notou-se também a ausência de uma análise crítica do material didático por parte do governo - MEC; a avaliação faz parte ou é etapa da produção (WITTER apud FAGUNDES, 1989).

Ademais, espera-se que pesquisas enfocando temas como o do desenvolvimento de coleções, tema que supõe estratégias adequadas à realidade dos usuários, possam trazer, no seu bojo critérios de seleção para o material didático. A biblioteca escolar merece estar adequada aos problemas sociais da atualidade ...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALIFORNIA STATE DEPARTMENT OF EDUCATION. Ten quick ways to analyse children books for racism and sexism. Sacramento, 1988.
- FARIA, A.L.G. de **Ideologia no livro didático**. 2.ed. São Paulo:Cortez, 1984 (Coleção polêmica de nosso tempo, 1)
- GONÇALVES, L.A. Oliveira. **Combate ao preconceito**. *Leia*, São Paulo, V. 10, n. 57, dez. 1987.
- LOURENÇOFILHO, M.B. O ensino e a biblioteca. In: CONFERÊNCIA DA SÉRIE EDUCAÇÃO E BIBLIOTECA, 1944, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1944.
- McGUIRE, W.J. et al. The self in society: effects of social contexts on the sense of self. **British Journal of social psychology**, Lechawarth, v. 25, n. 2, p. 259-270, 1986.
- NOSELLA, M. L. C. D. **As belas mentiras**. São Paulo:Cortez, 1979.
- ROSEMBERG, Fulvia. Nossa escola é racista. Entrevista de Adilson Rodrigues. *Leia*, São Paulo, v.10, n.110, p. 52-53, dez. 1987.
- SÁ, Olga de. Cultura + técnica: novo bibliotecário gerando maior informação. **Ângulo**, Lorena, n. 20, p. 4-6, out/dez. 1983.

VALENTE, Ana Lúcia. **Ser negro no Brasil hoje**. 7.ed. São Paulo, Moderna, 1991 (Coleção polêmica de nosso tempo).

WITTER, G.P. Pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e busca de informação. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 7, n.1, p. 5-30, 1996.

ABSTRACT

RIBEIRO, M. S. P. *Collection Development in School Libraries a Contribution to the sociocultural Make Up Of The Student*. **Transinformação**, v. 6, n. 1/2/3, p. 60-73, jan./dez. 1994.

The main objective of this research was to analyse the collection of the Brazilian History - for 5th and 6th grades - hold by school libraries. It focus on the presence of the negro in these collections, making use of the psycholinguistic analysis, which describes the meaning of verbs in either aspects denotative and connotative among the categories: social, cognitive, affective and physical. The research also suggest ways to select children's books, supplying teachers and librarians with data to develop the book collection of school library.

Key - words: collection development, bias in text-books, psycholinguistic analysis racial attitudes in text-books.

ENSINO DE CIÊNCIAS: APOSTILAS COMO MATERIAL DIDÁTICO¹

Adriana Rinaldi Martins
(CDCC - USP)

RESUMO

MARTINS, A. R. *Ensino de ciências: apostilas como material didático. Transinformação*, v. 6, n. 1/2/3, p. 74-95, jan./dez. 1994.

Recentemente no Brasil, pesquisadores vêm se empenhando em pesquisar, para analisar e avaliar, a eficiência de materiais didáticos. Em vários países, o mercado editorial didático está se diversificando apoiando-se, cada vez mais, nos dados da ciência. O presente trabalho é a análise de 56 textos produzidos pela Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural - CDCC, órgão da USP de São Carlos, compreendendo um período de nove anos, em atividades de minicursos, tendo como clientela alvo os alunos de 1° e 2° graus. Desses textos, 49 tiveram a participação de alunos universitários envolvidos em atividades de iniciação. Os sete restantes foram da responsabilidade de professores universitários. O estudo focalizou variáveis de produção destacando-se 99,8% dos textos do tipo de autoria individual para os alunos e 99,6% para os professores. Os resultados foram discutidos enfocando o material estudado por apresentar características de pré-print ou textos educacionais em desenvolvimento que tenham de ser testados e avaliados quantas vezes forem necessárias, até que atinjam um produto final cientificamente aceitável. Foram dadas sugestões para se estabelecer uma política de editoração que tenha condições de normalizá-los e padronizá-los, envolvendo profissionais pertinentes a essa área de pesquisa.

(1) Síntese da dissertação aprovada pelo Curso de Pós-Graduação (Mestrado - em Administração de Sistemas de Informação), em 26 de agosto de 1991, para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia, sob a orientação da Profª Drª Geraldina Porto Witter

INTRODUÇÃO

"As universidades são organizações dedicadas a possibilitar o avanço do saber e do saber-fazer" (2, 1987, p.945).

Para tal deve empreender esforços no sentido de cumprir com suas funções básicas de ensino, pesquisa e extensão de forma a contribuir para o progresso da ciência e da sociedade como um todo.

Todavia, para poder transmitir as formas de conhecimento dominadas e empregadas ela precisa apreender o ensino das técnicas de pesquisa científica; precisa produzir o conhecimento por seus próprios meios e, finalmente, para poder transmitir à comunidade acadêmica as técnicas de investigação científica, a universidade precisa descobri-las, aplicá-las e avaliá-las.

Dada as condições do Brasil, há necessidade de produção de saber, para isso é preciso descobrir caminhos de pesquisa menos pretensiosos, mas cujos resultados possam ser úteis e respeitáveis. É necessário a absorção da força-trabalho, da criatividade, da motivação dos alunos tanto para produzir saber como para transformá-lo em um fazer fora dos muros da universidade, ou seja, a aplicação da ciência no cotidiano deve ser estimulada.

A atividade de iniciação científica conforme ZAKON (19) é uma maneira de se aprender a desenvolver a ciência ou tecnologia; é o passo inicial para a carreira de um pesquisador que poderá atuar na carreira universitária; é um envolvimento numa pesquisa, que abrange um conjunto de desafios e imprevistos enfrentados pelo orientador e seus alunos, cuja eficiência dependerá do nível de conhecimento, de empenho e de espírito de equipe que cada um poderá oferecer na empreitada; é uma atividade de cunho didático, cujo objetivo final é o aprendizado do aluno.

O pesquisar e o transferir o conhecimento para outros setores da sociedade é certamente uma forma de influir na realidade, é uma maneira produtiva de entrelaçar a cultura científica ou a ciência com a cultura no sentido mais amplo, na sociedade de um modo geral.

Faz-se necessário que todos os segmentos que compõem a educação se voltem inteiramente para a produção do saber criativo somado à transmissão. A educação compreende, nesse aspecto, três funções: produção, transmissão e utilização de conhecimentos.

Diante do exposto é que necessitamos criar uma tradição científica (nacional, municipal ou estadual) que irá permitir à nossa produção intelectual ter componentes de originalidade, autenticidade e relevância que lhe possibilitarão mais rapidamente viabilizar uma melhoria de qualidade de vida de nossa população.

Não basta apenas garantir o acesso à universidade. É preciso propiciar uma formação correspondente ao desenvolvimento científico e às necessidades sociais de professores para todas as áreas e níveis do conhecimento. Mais ainda, é preciso garantir a atualização permanente do professor que já está atuando no sistema educacional. Esta é uma das tarefas da universidade, ou seja, garantir a continuidade de renovação.

Assim, a universidade, mais especificamente algumas das ciências que nela se desenvolvem, tem responsabilidades com a formação de docentes, de profissionais vinculados à educação e com a produção e avaliação de materiais didáticos.

No contexto do presente estudo vale destacar a problemática específica dos recursos de ensino, ou seja, desmistificar o uso dos recursos de ensino que muitas vezes são insuficientemente pesquisados e conhecidos quanto à eficiência e consequência de seu uso.

As tentativas de produção de mudança educacional na dimensão pedagógica enfocam mais os métodos e as técnicas de ensino, se não em termos qualitativos, pelo menos quantitativos. Em decorrência vem ocorrendo uma inversão dos objetivos para os quais foram criados e desenvolvidos os recursos didáticos. Estes não são um fim em si próprios, exigem capacidade do professor em explorar as formas de melhor aplicá-los e manuseá-los, portanto vê-se no material didático um meio pelo qual o professor teria condições de melhor atuar no ensino, utilizando-se de sua capacidade e criatividade.

Os recursos de ensino vão desde livros, apostilas (dentre os que utilizam a linguagem impressa) até os filmes, as máquinas de ensinar, os computadores (dentre os que emitem som ou utilizam-se do recurso visual, ou combinam recursos).

Para BARROS (3) a universidade, pela sua função de pesquisa, gera, dentro de si mesma, a sua própria fonte de renovação do processo de formação dos seus corpos de pesquisadores e de docentes. Já a formação dos recursos humanos para o ensino de 1º

e 2º grau não se tem beneficiado conforme podemos verificar nos discursos de alguns autores como PALMA FILHO (11) e ZANETIC (20).

Enquanto isso, pela sua má formação, os professores tornam-se cada vez mais usuários de um material já produzido, como, por exemplo, os livros didáticos e as apostilas sem o rigor científico esperado.

A produção de material com as características de produção cientificamente esperadas pode ser um caminho produtivo nesse sentido. Além disso, pode resultar em produtos mais adequados e que não sejam meras cópias já impressas, quer sejam nacionais ou estrangeiras. Neste contexto é que se dá às apostilas um papel positivo no ensino e que merece destaque.

O primeiro aspecto é que elas podem ser um recurso para envolver professores e alunos com o discurso científico quando vistas como fase da produção ou elaboração e teste de material do tipo texto (WITTER, 16, 15).

Para tanto, a avaliação da produção de um material didático constitui duas fases: uma durante a produção (**pré-print**) e outra após a sua publicação.

Os testes durante a fase de pré-print são de grande relevância visto que se pode cair no erro de se aceitar, como um recurso de ensino, um texto que apenas tem aparência e que não surtirá os efeitos esperados.

A avaliação da produção de texto em fase de elaboração (pré-print) pode servir também como forma a ser submetida a colegas (colégios invisíveis) para, posteriormente, ameadada as sugestões, ser efetivada a sua publicação (POBLACIÓN, 12). De qualquer forma, nessa etapa a estrutura de discurso científico a qual é aqui enfocada deve prevalecer (WITTER, 18).

O aparecimento de pseudotextos didáticos no mercado tem causado sérias implicações negativas, inclusive o próprio descrédito da tecnologia educacional.

No contexto da universidade, professores e alunos podem e devem atuar conjuntamente produzindo textos didáticos para os demais níveis, conduzindo pesquisas para testar-lhes a eficiência, o impacto psicopedagógico e outras características na fase de pré-print

e pesquisas posteriores quando de seu uso mais generalizado. Exemplos destas possibilidades são apresentados em trabalhos como o de WITTER(15), WITTER & DÁLIA (17), MARTINS (11).

Vale lembrar que a apostila, nessas circunstâncias, guarda os aspectos negativos já mencionados e assume o seu papel, como parte significativa do fazer científico, de gerar textos didáticos.

OBJETIVOS

A Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural é um órgão ligado aos Institutos de Física e Química de São Carlos da Universidade de São Paulo que atende a comunidade em geral, alunos de 1º e 2º graus e professores da cidade e região. Possui um plano geral de atividades com o objetivo de dinamizar a formação científica e cultural da comunidade promovendo e orientando atividades planejadas, bem como atender interesses e, especialmente, as potencialidades da população envolvida. Conta com alguns profissionais os quais estão alocados em setores: Setor de Computação, Física, Química, Matemática, Biologia, Astronomia e uma Biblioteca que tem atividades diferenciadas de uma biblioteca universitária.

Faz parte dos objetivos regimentais da Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural, coordenar e ministrar cursos de divulgação científica. Com base nesses objetivos é que a Coordenadoria gera documentos educacionais e de divulgação.

Dentro de um enfoque de ensino-ciência, ou ensino-preciso (WITTER, 14) é de se esperar que este material seja objeto de pesquisas em várias etapas, conforme já se fez referência.

Neste contexto é que foram elaborados os objetivos desta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é avaliar a produção de textos didáticos da CDCC tendo em vista as condições de produção e uso.

Os objetivos específicos são:

- levantar os objetivos dos minicursos;
- detectar a responsabilidade pela execução dos minicursos e pela produção dos textos didáticos neles empregados;
- . analisar condições de produção e características dos textos do ponto de vista de seus produtores;

- analisar as apostilas quanto à produção, dentro de uma perspectiva histórica nas várias áreas do conhecimento cobertas pelas CDCC;

- analisar historicamente a autoria dos documentos;

- dentro de um enfoque histórico, detectar a clientela alvo das apostilas;

- verificar a pessoa gramatical empregada nos referidos discursos;

- analisar as apostilas cuja clientela alvo são os professores quanto à autoria, estrutura geral do discurso;

- analisar as apostilas destinadas aos alunos quanto à autoria e estrutura geral do discurso;

Os três primeiros objetivos solicitaram a participação de pessoas envolvidas com a produção dos textos e foram cobertos através de procedimento específico descrito no método. Os demais objetivos requereram uma pesquisa documental.

MATERIAL

Foram usados dois tipos distintos de materiais: documentos e questionário.

Documentos

São apostilas de cursos oferecidas para alunos de 1º e 2º graus da rede Estadual e particular de ensino da cidade de São Carlos e dos Cursos de Atualização Científica para professores da cidade e região compreendendo as áreas de Astronomia, Biologia, Computação/Matemática, Física e Química.

Questionário

Este ficou constituído por dez questões, onde quatro são do tipo aberta, apenas uma questão foi do tipo fechada pois a finalidade desta era obter a informação positiva ou negativa. Além disso, cinco questões foram de escolha múltipla.

Sujeitos

Serviram como sujeitos, cinco Técnicos Especializados de Nível Superior, que atuam na CDCC como responsáveis de setores.

A síntese aqui apresentada não aprofunda os aspectos referentes ao desenvolvimento dos procedimentos utilizados, ou seja, das etapas do Método, consultar a dissertação nas páginas 35-52 (MARTINS, 9).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apuração do questionário e a análise dos dados obtidos são aqui apresentadas, seguindo-se a ordem das questões do instrumento mais relevante.

Os dados analisados do questionário contribuíram em alguns aspectos, destacando-se a participação das pessoas envolvidas na atividade de extensão universitária, oferecendo propostas dinâmicas para a melhoria da qualidade do ensino de 1º e 2º graus.

Os **objetivos dos minicursos na opinião dos sujeitos** foi relativa à "Complementação Prática", com 28,5%. Muitas vezes o que se nota é uma enorme falta de infra-estrutura nas escolas (de 1º, 2º e 3º graus) que influenciam o bom andamento do processo ensino-aprendizagem, pois as escolas quando possuem laboratórios não dispõem de pessoal capacitado para realizar as atividades práticas exigidas para um bom ensino científico, ou então ocorre o inverso. A universidade deve lidar com essa realidade e os dados aqui apresentados podem ser vistos como um esforço nesse sentido.

Quanto a **escolha dos temas dos minicursos** como de qualquer programa destinado a alunos e professores e mesmo para a composição de materiais didáticos precisa atender às necessidades e às características da população-alvo (4, 1, 7, 6, 8).

Os dados aqui relatados mostram preocupação com os "Interesses dos alunos" (50%), mas o mesmo não ocorreu com os docentes dando preferência baseados no "Currículo" (60%). Esse fato se justifica pelo que foi enfocado por muitos professores no II FORUM SOBRE A LICENCIATURA E A 1ª JORNADA PELA VALORIZAÇÃO

DO ENSINO PÚBLICO, 1991 por atuarem como "leigos" e, conseqüentemente, não dominarem os conceitos mínimos que deveriam saber para expor aos seus alunos.

Acredita-se que, pelos objetivos com que são propostos os minicursos, haja ligação com a fase de escolha de Temas Interessantes, pois parece ser apenas uma questão de se comportar como um físico, um químico, um biólogo... em atividades envolventes do que manter-se em discussões baseadas nos livros didáticos, em investigações estéreis, ao invés de se concentrar na própria investigação.

Assim, ao responderem o item **quem mais ministra os minicursos** (80%) disseram ser um trabalho conjunto de monitores e alunos ou ambos.

A validade de se oferecer vários cursos com os variados temas, tanto para os alunos de 1º e 2º graus, como para os professores, é enorme quando vista como simulações de aulas em que os objetivos não estão centrados apenas em transmitir conceitos corretos, mas de aproximarem à prática do cotidiano.

A vivência proporcionada por esta atividade a um estudante de graduação pode influir em suas aptidões, ou seja, verificar realmente se tem vocação para exercer tal atividade. Esta é uma boa estratégia envolvendo universitários, não apenas pelo treino didático mas como via de auto-conhecimento e conscientização da realidade.

De interesse específico do presente trabalho eram as apostilas geradas para os minicursos, desta forma, através da Questão 4 procurou-se verificar se essa atividade era exercida pelos sujeitos. Todos (100%) responderam confeccionar apostilas. Porém, esta produção serviria unicamente para "Fornecer maiores informações aos alunos e professores" totalizando 80% das respostas.

Entretanto, quando essa atividade de produção de discurso, seja ele de caráter científico ou de divulgação, está fora do âmbito escolar, ou seja, longe dos departamentos, muitas vezes este produto não é discutido e nem avaliado quanto à sua efetividade.

O discurso científico aqui denominado de "apostilas" demonstrou 42,8% de **Dificuldade de Elaboração**. Este fato, porém, pode estar atrelado ao não conhecimento das etapas de planejamen-

to que antecedem a sua produção e eventual publicação. Outro fato pode estar relacionado com a falta de contato com outros especialistas, como, por exemplo, o bibliotecário no levantamento de material bibliográfico.

Para a elaboração do material aqui estudado será preciso que o produtor leve em consideração e trabalhe com os conteúdos que correspondam aos objetivos do ensino científico e com o nível de escolaridade para o qual foi confeccionado o material.

ANÁLISE DAS APOSTILAS

Os dados relativos às apostilas compreenderam o cerne do presente trabalho e são aqui descritos.

As apostilas levantadas compreenderam, cinqüenta e seis (56) documentos, sendo quarenta e oito (48) destinados a alunos, sete (7) a professores e apenas uma (1) a outros.

Inicialmente foram analisados alguns dados gerais e depois os resultados pertinentes a cada sub-conjunto.

As apostilas foram analisadas, cobrindo o período que compreende os anos de 1980 a 1989, no que tange à produção por área do conhecimento, autoria, elaboração, clientela, responsabilidade pela produção, clientela por área de produção e pessoa gramatical.

Em uma perspectiva histórica da produção enfocada podem ser destacados alguns aspectos que talvez tenham tido influência na produção de textos escritos nas diferentes áreas do conhecimento.

Vale lembrar que são considerações que não dispendem cuidados mais aprofundados para a verificação e confirmação de tais ocorrências.

Desta forma, conforme mostram os dados da Tabela 1 a maior contribuição para o texto escrito foi oferecida pelo Setor de Química, destacando-se o maior número de colaboradores (monitores) envolvidos nas atividades de química e por acreditarem na importância de existir algum tipo de recurso didático escrito.

Tabela 1 - Produção de apostilas ao longo do período (1980/1989) por área

ÁREA	ANO										
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	T
Astronomia	-	-	-	-	-	-	1	3	-	-	4
Biologia	-	-	-	-	-	-	1	-	1	3	5
Comput.	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	3
Física	-	-	1	2	-	1	-	2	3	4	13
Química	-	-	-	2	-	-	1	1	9	16	29
Matemática	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
Total	0	0	1	6	0	0	4	6	15	23	56

Com relação aos demais setores que obtiveram pouca produção atribui-se o aspecto "falta de recursos humanos" para atuarem em conjunto, na hora da divisão dos serviços. Aos setores de Física e Biologia, a pouca produção de textos pode estar atrelada ao fato de existirem maiores preocupações com o exercício da parte prática e de investigação em campo. Em Astronomia, tanto os alunos como alguns professores, demonstraram ainda pouco conhecimento sobre o assunto e desconhecimento também da necessidade de conceitos de outras áreas. Isto faz com que os ministradores dos minicurso dispensem mais tempo em explicar assuntos das áreas vizinhas. Acrescenta-se a própria formação do professor, despreparado para desenvolver assuntos tão específicos como Astronomia e que, de uma maneira geral, despertam nas crianças grande interesse. No setor de Computação, nota-se que existe interesse por parte dos alunos e professores, mas as expectativas do Setor com relação ao uso do computador na educação vêm se desenvolvendo de forma lenta, agravando-se, principalmente, pela falta de equipamentos.

A pouca produção da área da Matemática pode ser atribuída ao fato de não existir um setor específico para desenvolver trabalhos e projetos de tal área. O que ocorreu na maioria das vezes foi a prestação de serviço, em forma de plantões de dúvidas, aos alunos de 1º e 2º graus.

No que diz respeito à Tabela 2, a forma de participação individual foi que obteve maior destaque. Assim, pela necessidade de valorização acrescida da produção em equipe e pelos bens didáticos que representam, a Coordenadoria deve repensar esta maneira de

produção de textos, principalmente, quando se evidenciam as suas finalidades. Maior ênfase deve ser dada aos trabalhos em equipe, pelas suas próprias características, adquirem mais facilmente a forma de pré-prints contando com a contribuição dos "colegas críticos".

Tabela 2 - Tipo de autoria ao longo do período (1980/1989)

AUTORIA	ANO										
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	T
Individual	-	-	-	4	-	1	3	1	11	18	38
Dupla	-	-	-	1	-	-	-	3	3	1	8
Tripla	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2
Mais de 3	-	-	1	-	-	-	1	1	1	3	8
Total	0	0	1	6	0	1	4	6	15	23	26

Quanto à responsabilidade pela produção (Tabela 3), nota-se que o Monitor/Técnico Especializado obteve maior participação deixando clara a pouca participação dos professores universitários nesta atividade, a qual também deve ser estimulada, gerando uma contribuição mais efetiva entre os Monitores/Técnico Especializado e o professor universitário, ou seja, elaboração por ambos.

Tabela 3 - Responsável pela elaboração ao longo do período (1980/1989)

RESP. ELABOR.	ANO										
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	T
Docente/ Monitor/	-	-	-	-	-	-	4	3	1	-	8
Téc. Esp.	-	-	-	5	-	1	-	2	14	23	45
Ambos	-	-	1	1	-	-	-	1	-	-	3
Total	0	0	1	6	0	1	4	6	15	23	56

A clientela alvo, conforme dados da Tabela 4, foram, predominantemente, os alunos de 1º e 2º graus. O número de produções existentes para os alunos de 2º grau pode estar atrelado ao fato de que são os que, provavelmente, mais procuram a CDCC por estarem próximos dos exames vestibulares. Outro aspecto é que no 2º grau existem poucos exercícios a serem resolvidos, acrescido das aulas recebidas pelos seus professores que tendem a cumprir o programa.

Tabela 4 - Clientela-alvo das apostilas (1980/1989)

CLIENTELA	ANO										
	1989	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1988	1988	1989	T
1º grau	-	-	-	1	-	-	-	4	4	11	19
2º grau	-	-	1	4	-	-	-	6	6	10	21
Ambos	-	-	-	1	-	1	-	4	4	2	8
Prof.	-	-	-	-	-	-	4	1	1	-	7
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Total	0	0	1	6	0	1	4	15	15	23	56

As apostilas para os alunos bem como as dos professores foram analisadas quanto à pessoa gramatical. Para tanto foram definidas quatro categorias em que o discurso poderia ser apresentado: Impessoal, 1ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e outros. Verificou-se que dos trabalhos apresentados (N=56) todos usaram a forma Impessoal (100%) na produção.

APOSTILAS PARA OS PROFESSORES

As apostilas para os professores bem como a dos alunos foram analisadas de acordo com a autoria e estrutura geral de discurso.

Conforme mostra a Tabela 5, as sete apostilas que tem como leitor-alvo o professor foram definidas em quatro categorias, tendo por critério o número de autores.

Tabela 5 - Apostilas para professores: Tipo de autoria por área do conhecimento

Área	Tipo de Autoria												
	Individual		Dupla		Tripla		Mais de 3		Total				
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%			
Astron.	1	50	-	-	-	-	-	-	1	50	100	2	28,5
Biologia	-	-	2	100	66,6	-	-	-	-	-	-	2	28,5
Comput./Matem.	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	14,28
Física	-	-	1	100	33,3	-	-	-	-	-	-	1	14,28
Química	1	100	0	-	-	-	-	-	-	-	-	1	14,28
Total	3	-	99,9	3	-	99,9	-	-	1	-	-	7	99,6

Os dados colhidos mostram que os professores não têm sido a clientela privilegiada pelos autores dos textos pesquisados.

Os professores universitários parecem não estar dando a necessária contribuição como "colega crítico" que deve ser, nem tampouco estão empenhados em sua tarefa didático-pedagógica de orientar o Monitor/Técnico Especializado na elaboração correta do discurso científico.

Talvez a este fato deve-se a não intenção de se elaborar textos didáticos que consistem em recursos auxiliares definitivos.

No que tange à estrutura geral do discurso foram definidas 9 categorias, como mostra os dados da Tabela 6.

Nos dois sub-conjuntos de apostilas quanto à estrutura geral do discurso acredita-se que deva manter pontos formais e comum, diferindo apenas quanto ao nível de complexidade e de profundidade em que o assunto é tratado, exigindo assim originalidade e maior criatividade para o objetivo a que se destina.

O pouco cuidado que se tem sido dado aos cursos de Atualização Docente pode colocar em risco o desenvolvimento educacional.

Aproximar-se apenas dos alunos parece não ser suficiente. O professor é quem irá transmitir os conceitos e quem utilizará o recurso material escolhido por ele e o aluno irá receber a concepção de ciência que o professor lhe passar.

APOSTILAS PARA OS ALUNOS

Os alunos universitários nesta atividade de prestação de serviço à comunidade parecem estar contribuindo mais do que os professores universitários, pelo menos no que se refere à produção de material escrito.

A Tabela 7 mostra que a autoria deu-se individualmente. Pode-se dizer que é significativa a quantidade de apostilas/textos existente na Coordenadoria, o que vêm comprovar a existência de alunos interessados em produzir algum tipo de material escrito.

No que diz respeito à estrutura geral do discurso (Tabela 8), todos apresentam algum tipo de **Referencial Teórico ou Introdução** para apresentar ao aluno aspectos relevantes sobre o tema. Entretanto, muito baixa foi a **Indicação de Fontes** em relação as demais categorias. É que no esquema proposto, as Fontes fazem com que os alunos frequentem a Biblioteca para efetuarem pesquisas que, pelo modelo apresentado, podem contribuir para o aprimoramento cognitivo dos alunos. Tais textos apresentam variações de formas de discurso. Por esse motivo acredita-se que seja importante sua reelaboração dentro dos preceitos científicos e de concepções mais atuais de leitura-texto-leitor (5, 13).

Tabela 6 - Apostilas para professores: quanto à estrutura geral

Categorias	Áreas												Total	
	Astronomia		Biologia		Comput.		Física		Química		Total			
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%		
Ref. Teór./Conceitual	2	28,5	2	28,5	1	14,2	1	14,2	1	14,2	1	14,2	7	14,8
Método	2	28,5	2	28,5	1	14,2	1	14,2	1	14,2	1	14,2	7	14,8
Resultado	2	66,6	-	-	-	14,2	-	-	-	-	-	-	3	6,3
Resultado e Discussão	-	-	2	66,6	-	-	1	33,3	1	33,3	1	33,3	3	6,3
Discussão	2	50	2	50	1	25	1	25	1	25	1	25	4	8,5
Exercícios Práticos	2	28,5	2	28,5	1	14,2	1	14,2	1	14,2	1	14,2	7	14,8
Critério de Correção	2	28,5	2	28,5	1	14,2	1	14,2	1	14,2	1	14,2	7	14,8
Ind. Fonte	2	28,5	2	28,5	1	14,2	1	14,2	1	14,2	1	14,2	7	14,8
Apêndice	-	-	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,2
Total	14	-	14	-	6	-	6	-	6	-	6	-	47	99,3

Tabela 7 - Apostilas para alunos: Tipo de autoria por área do conhecimento

Área	Tipo de Autoria											
	Individual		Dupla		Tripla		Mais de 3 Aut.		Total			
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%		
Astron.	-	-	-	-	-	-	2	100	2	40	2	4,08
Biologia	1	33,3	1	33,3	12,5	-	1	33,3	20	3	6,12	
Comput.	2	100	-	-	-	-	-	-	-	2	4,08	
Física	3	25	6	50	75	1	2	16,6	40	12	24,4	
Matem.	2	100	-	-	-	-	-	-	-	2	4,08	
Química	26	92,8	1	3,5	12,5	1	-	-	-	28	57,1	
Total	34	-	8	-	100	2	5	-	100	49	99,8	

Tabela 8 - Apostilas para alunos: quanto à estrutura geral

Categoria	Áreas												Total	
	Astronomia		Biologia		Computação		Física		Matemática		Química		F	%
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Ref. Teoria	2	4,1	3	6,1	2	4,1	12	24,4	2	4,1	28	57,1	49	22,2
Método	1	2,2	3	6,7	3	6,7	10	20,8	-	-	28	62,2	45	20,7
Resultado	-	-	2	19	-	-	3	15	-	-	15	75	20	9,2
Resultado e Discussão	1	4,3	1	4,3	3	13	25	26,1	-	-	12	52,2	23	10,5
Discussão	-	-	2	9,5	-	-	4	19	8,3	-	15	71,4	21	9,7
Exercícios Práticos	1	4,2	1	4,2	1	4,2	6	25	12,5	2	8,3	54,1	10	24
Critério de Correção	1	4,2	1	4,2	1	4,2	6	25	12,5	2	8,3	54,1	10	24
Indicação de Fonte	-	-	1	12,5	1	12,5	1	12,5	2,1	-	5	62,5	8	3,7
Apêndice/glossário	-	-	-	-	1	33,3	8,3	-	-	-	2	66,6	1,5	3
Total	6	-	14	-	12	-	48	-	6	-	131	-	217	99,7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação que a universidade tem com o ensino de 1º e 2º graus com práticas inovadoras exige ações e contribuições mais dinâmicas. Deve envolver seus recursos humanos em atividades que viabilizem transformações de comportamento da comunidade. A universidade precisa envidar esforços para ajudar os níveis menos elevados do ensino, proporcionando melhorias significativas.

A Coordenadoria pode assumir um papel relevante neste setor, como já vem demonstrando, todavia é importante ampliar e avaliar constantemente sua atuação, bem como exercê-la dentro dos parâmetros da própria ciência.

A produção de textos didáticos nesta Coordenadoria tende a ampliar seus horizontes no que se refere à sua atuação, implementando maior número de atividades oferecidas por ela.

Com a reelaboração das apostilas, deve-se estabelecer prioridades, definir critérios. Assim, todos os textos terão o mesmo nível de qualidade e de eficiência didática quanto à composição de material didáticos

Como decorrência caberia talvez à CDCC experimentar novos caminhos que pudessem propiciar a junção de vários recursos materiais experimentais já existentes com a elaboração e teste de novos textos e materiais didáticos, garantindo, assim, uma otimização mais ampla dos recursos educacionais que produz.

Enquanto o material estiver na fase de processo de produção (pré-print) já deve ser alocado na Biblioteca da CDCC, democratizando seu uso e viabilizando a coleta (pela bibliotecária) de sugestões para seu aperfeiçoamento.

A Coordenadoria poderia implantar uma política de editoração dos textos estudados, como também padronizá-los e normalizá-los. Finalizando, é inegável que a CDCC vem contribuindo para o setor ensino-aprendizagem e que tem um longo percurso para ampliar sua participação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, I. A. do. O ensino de ciências e o desafio do fracasso escolar. IN: SANFELICE, J. L. **A universidade e o ensino de 1º e 2º graus**. Campinas: Papyrus, 1988.
2. ARAÚJO, B. J. de. Em torno de um conceito atual de universidade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.39, n.10, p.944-50, out. 1987.
3. BARROS, Z.P. de. A extensão universitária e o ensino de 1º e 2º graus. **Educação Brasileira**, Brasília, v. 2, n. 5, 2. sem., 1980.
4. BRUNER, J. S. **O processo da educação**. São Paulo: Nacional, 1973. 87 p.
5. CAVALCANTI, M. C. & LOMBELLO, L. Atividades de leitura, produção de textos e o livro didático. **DO Leitura**, v. 10, n. 110, p. 4-5, 1991.
6. FAGUNDES, V.A. **Imagem social do "deficiente" nos livros didáticos do 1º grau**. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, 1989. O ensino de ciências no primeiro grau. São Paulo: Atual, 1987. 124 p. (Projeto Magistério).
7. FRACALANZA, H. ; AMARAL, I. A. do ; GOUVEIA, M. S. F. **O ensino de ciências no primeiro grau**. São Paulo: Atual, 1987. 124 p. (Projeto Magistério).
8. FRANCO-JÚNIOR, C. Os livros e a gravidade: uma queda pouco didática. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 70, n. 165, p. 224-42, maio/ago., 1989.
9. MARTINS, A. R. **Ensino de ciências: apostilas como material didático**. Campinas, 1991. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1991. 109 p.
10. MARTINS, R.H. de S.C. **O futuro professor: teste de eficiência de um curso focalizando problemas educacionais brasileiros e procedimentos de ensino**. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1987.

11. PALMA FILHO, J. C. Formação continuada dos profissionais de ensino: convênios SE/Universidades. Algumas considerações iniciais. IN: II FASE DO FORUM SOBRE A LICENCIATURA E A 1ª JORNADA PELA VALORIZAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO, 1991, São Paulo. **Anais**. São Paulo: USP, 1991. p.18-21
12. POBLACIÓN, D. A. Artigos científicos e Trans-in-formação: pré-requisitos para a publicação. **Trans-in-formação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 51-64, jan./abr. 1989.
13. PUGH, S.L. & PAWAN, F. Reading, writing and academic literary. IN: FLIPPO, R.F. e CARERLY, D.(org.) **College reading & study strategy programs**. Newark, Dell: IRA, 1991.
14. WITTER, G. P. Ciência e ensino. IN: WITTER, G. P. **Ciência, ensino e aprendizagem**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
15. WITTER, G. P. **Privação cultural: instrução programada**. São Paulo: VETUR, 1976.
16. _____ . O treinamento do professor em tecnologia da educação. **Boletim de Psicologia**, v. 26, n. 68, p. 13-16, 1975.
17. WITTER, G.P. & DÁLIA, E.C.P. **Educação de adultos: textos e pesquisas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. 137 p.
18. _____ ; TÉRZIS, A. ; GUZZO, R. L. ; MONTE-SERRAT, S.; AMARAL, V. Dissertações de mestrado em Psicologia Clínica (PUCCAMP, 1975/1987): análise da estrutura geral do discurso. **Trans-in-formação**, Campinas, v. 1, n.1, p. 65-79, jan./abr. 1989.
19. ZAKON, A. Qualidades desejáveis na iniciação científica. **Ciência e Cultura** São Paulo, v. 41, n. 9, p. 86-77, set. 1989.
20. ZANETIC, J. **Uma revisão sobre a resolução 30**. IN: II FASE DO FORUM SOBRE A LICENCIATURA E A 1ª JORNADA DO ENSINO PÚBLICO, 1991, São Paulo. São Paulo: USP, 1991. p. 33-34.

ABSTRACT

MARTINS, A. R. *Science teaching: brochures as didactic material*.
Transinformação, v. 6 n. 1/2/3, p. 74-95, jan./dez. 1994.

Recently in Brazil, researches have been engaged in studies to analyse and evaluate the efficiency of many didactic materials. In many countries, the didactic editorial market is diversifying aided to, more and more, the science principals. In this work, 56 texts were analysed. These texts proceeded by CDCC embracing a period of nine years in small courses activities, whose main customers were the 1st and 2nd grade students. From these text, 49 had the participation of universitarian students for their involvement with scientific iniciation activities. The seven remaining consist of universitarian teachers responsibility. This study focalized changing of productions detaching 99,8% from the texts of individual authorship kind to the students and 99,6% to the teachers. The results were discussed focusing the studied material because they show "pre-prints" characteristics or developing educational text wich have conditions of being examined and evaluated how many we need, till they get a final product scientifically acceptable. Suggestions were given to establish an editorial politics that have conditions to normalize and standardize them including professionals from this search area.

BALCÃO DE INFORMAÇÕES: O MERCADO EMERGENTE¹

Márcia Pacheco
Solange Puntel Mostafa

RESUMO

PACHECO, M. & MOSTAFA, S. P. *Balcão de informações: o mercado emergente. Transinformação*, v. 6, n. 1/2/3, p. 96-123, jan./dez. 1994.

Descreve atividades informacionais em áreas de informação-intensiva como turismo, propaganda / publicidade, transporte aéreo, seguro de saúde, construção civil, contabilidade, escritórios de advocacia e clínicas médicas. As atividades identificadas são: pesquisa de mercado, organização e atualização de cadastros, geração de fontes, atendimento, registro, cálculos específicos, redação, arquivo e marketing. Uma comparação implícita entre essas atividades realizadas na biblioteca e as realizadas naquelas áreas é delineada. Balcões de informações é a metáfora cunhada para as áreas de serviço citadas.

1. INTRODUÇÃO

Mercado de trabalho é um tema que pode ser estudado de diversos ângulos, dependendo do interesse: instituições de ensino superior como as escolas, normalmente se envolvem com o tema para fins de (re)direcionamento curricular. A ênfase, nesses casos, não é propriamente o mercado de trabalho mas o currículo escolar. Firmas de consultoria em Recursos Humanos, isto é, as agências de emprego, envolvem-se com o tema para fins de entender a mobilidade e disponibilidade da força de trabalho nos vários ramos da

(1) As autoras agradecem a Orestes Lázari Júnior, Maria Cristina Matoso e Marili Silva de Almeida pela atenciosa participação na coleta de dados.

produção social. Do ponto de vista da metodologia de abordar o assunto há também várias possibilidades sendo as mais usuais a consulta a empregados e empregadores acerca das habilidades necessárias e/ou praticadas em cargos e funções. O grau de complexidade dessa consulta varia também entre os estudiosos, dependendo dos instrumentos de coleta de dados. Uma técnica Delfo como a praticada por ROBREDO (1988) tem o requinte que o questionário não apresenta. Veja-se o questionário de MARTUCCI et alii (1990) com relação à educação continuada do bibliotecário. Entrevistas como apresenta TARAPANOFF (1989) pegam um universo menor mas quiçá articule mais as questões. O problema não é somente o instrumento (qual instrumento capta melhor), mas, antes discutirmos o que captar.

Mercado emergente é o tema dessa pesquisa. Se esse mercado já fosse visível para os profissionais de informação strictu-sensu, a captação far-se-ia com vara mais curta do tipo questionários e entrevistas. Mas trata-se de um mercado que, apesar de popular, ainda não é visível para os bibliotecários no Brasil.

A modernização na terminologia e em várias áreas de ponta (TARAPANOFF, idem), não garantem, de per si, resultados diferentes de estudos mais generalizantes e de vocabulário mais tradicional (MARTUCCI et alii, idem). Qualquer que seja o tipo do instrumento ou do grupo selecionado para o estudo, os estudos de mercado de trabalho descrevem cargos, salários, tarefas e atitudes de um tipo de profissional: o bibliotecário. Poucos preocupam-se com o desvelamento de espaços novos de trabalho como fazem VIEIRA & PAIM (1989), apesar de que esse não foi um estudo de mercado de trabalho mas oferece subsídios para tal: o seminário que as autoras mencionam reúne presidente de sindicato de trabalhadores, representantes da polícia militar, empresários e representantes da comunidade; cada área dessa é mercado alternativo para profissionais de informação.

No Estado de São Paulo há estudos recentes, todos ligados e coordenados por Escolas de Biblioteconomia (São Carlos, Marília e USP). Como bem lembram NASTRO & MARTUCCI (1991), essas pesquisas, apesar de terem suas particularidades, tentam verificar o papel da formação recebida na Escola. Não estão, portanto, acrescentamos nós, voltados para o mercado, apesar de serem pesquisas de mercado. Esses e outros estudos realizados em

outros Estados brasileiros caracterizam a distribuição da força-de-trabalho em termos de região, rotatividade, cargos e funções, remuneração, tarefas desempenhadas ou desejosas de desempenhar.

Não há, nesses estudos, qualquer referência a projeções numéricas da relação oferta-demanda, real ou emergente. O único estudo no Estado que tentou essa quantificação data de 1983 (MOSTAFA, 1983) e quantificou a demanda para profissionais de nível médio no Estado (tal metodologia é complexa porque incluiu o tamanho das coleções bibliográficas nas bibliotecas do Estado bem como o tempo-padrão gasto nas atividades de nível médio).

É praxe nos estudos de mercado que a população estudada seja amostrada a partir dos egressos das Escolas de Biblioteconomia ou de bibliotecários registrados nos Conselhos Regionais; o círculo entre formação e exercício profissional é evidente: os sujeitos pesquisados são sempre bibliotecários e as instituições empregadoras são sempre bibliotecas. Mesmo TARAPANOFF (idem) não foge disso, apesar de tentar nova terminologia. A razão é simples: as áreas de estudo da pesquisa são de fato áreas acadêmicas, cabível portanto em ambientes tradicionais de ICT que são as bibliotecas.

A metáfora da Sociedade de Informações como uma sociedade de Balcões (MOSTAFA, 1992) tem sido rica para pelo menos desmistificar o trabalho com informação. O que necessariamente deverá levar a uma compreensão mais ampla do que seja o mercado de trabalho para os profissionais de informação. Nem mesmo o balcão do bar da esquina dispensa informações. Mas a variedade dos balcões na pós-modernidade é tal que do bar podemos passar a grande magazine onde cadastros de clientes e fornecedores além de toneladas de notas fiscais circulam diariamente por entre os balcões. Os balcões comerciais dos grandes magazines são antecedidos pelos balcões financeiros de bancos e agências financeiras. Ninguém vai às compras sem cartões de crédito, cheques e ordens de pagamento de toda sorte.

Há portanto milhares de situações informacionais hoje no mundo, a ponto de nossa sociedade estar sendo chamada pelos pós-industrialistas de Sociedade de Informações, definida assim por estar mais da metade da força de trabalho envolvida com informações, seja no processamento, seja na disseminação, geração e transmissão. Mesmo no uso todos somos usuários. A busca de informações é subjacente a todas as profissões.

O tão falado Gerente de Recursos Informativos (CIANCONI, 1991) não é sequer um cargo emergente no Brasil. Suas funções estão diluídas numa plêiade de gerentes.

Todos os gerentes que a Folha de São Paulo lista no Balcão de Empregos, a rigor, executam tarefas informativas: gerente de compras, gerente de contabilidade de custos, gerente de contabilidade geral, gerente de contas a pagar, gerente de controladoria, gerente de controle de qualidade, gerente de crédito e cobrança, gerente de desenvolvimento de novos produtos, gerente de exportação, gerente de marketing, gerente de O&M, gerente de pesquisa e desenvolvimento, gerente de planejamento financeiro, gerente de processamento de dados, etc..

Contabilidade, Marketing, Finanças, Propaganda, Controladoria são todas áreas de informação-intensiva dentro das empresas, sejam empresas comerciais, industriais ou de serviços como as agências de turismo hotéis e transporte em geral, companhias de seguro, editoras e outros ramos das comunicações e telecomunicações.

CIANCONI (1991, p.106) coloca muito bem a questão: "Hoje o bibliotecário que tem um claro papel no projeto e construção de base de dados e sistema de recuperação de informação, que exigem conhecimentos de indexação, recuperação de informação, linguagens e estratégias de busca... os recursos de informação existentes nas bibliotecas são basicamente constituídos por material bibliográfico adquirido externamente... [mas há] as informações coletadas da sociedade para a atividade fim do órgão, por exemplo, para o cumprimento de um órgão público, tais como cobrança de impostos, taxas, concessões de benefícios, coleta e divulgação de dados estatísticos, etc.. além desses, os recursos informativos de uma organização incluem informações produzidas internamente, a chamada memória institucional - de cunho técnico e administrativo - incluindo programas, projetos, dados financeiros e de orçamento, cadastro de pessoal, de material e equipamentos, etc., além do material de arquivos e protocolos.

Na opinião da autora mencionada, o profissional generalista que souber somar habilidades da tecnologia e da organização, não se atendo a um tipo específico de informação, seja bibliográfica, seja

gerencial, seja administrativa, dados estatísticos ou de qualquer natureza, a esse caberá novos espaços dentro da organização.

Analistas de mercado de "O Estado de São Paulo" (março, 1992) são também de opinião que o mercado da crise exige generalistas mais do que especialistas: o engenheiro, por exemplo, tem também que ser um administrador ou um homem de finanças.

A pós-graduação em muitas áreas do conhecimento parece ter uma vocação natural para a gerência. Pós-graduação é quase sinônimo de gerenciamento. Não importa se gerência de produtos, processos, programas ou pessoas. Não podia faltar, nesse cenário gerencial da pós-modernidade, o gerente de informação denominado pela literatura internacional de gerente de recursos informacionais (DOSA, 1985)

A expressão **Gerência de Recursos Informacionais** lançada internacionalmente na última década é importante porque recupera a questão das fontes de informação como sendo o núcleo do trabalho de informação. E a questão toda se divide em gerar e gerenciar as fontes. Como dissemos em disk-kibe, disk-pizza, disk-biblio: o disque-disque da Sociedade de informações, há, teoricamente, um balcão para cada fonte de informação. (MOSTAFA & BENTES, 1992). Balcões elevados ao infinito, pois. É importante sim a metáfora dos balcões, não fosse para mostrar a des-institucionalização das relações sociais do neoliberalismo dos anos 90, pelo menos para estimular a criação, no Brasil, da cultura cadastral e da literatura não-convencional. Em situações não especificamente bibliográficas. E se tal, em situações não especificamente de bibliotecas.

(Des)cobrir o mercado emergente de informação no Brasil é urgente. O decréscimo sistemático da demanda de alunos para os cursos de informação em nível de graduação, bem como a evasão escolar, MARTUCCI & NASTRO (1990) e CARVALHO & PEROTA (1990), são indicativos de um recrudescimento da força de trabalho. Justamente numa década tida no mundo por década informacional. Não que haja desencontro entre o que o mercado pede e o que a Escola oferece. É que ambos pedem muito pouco em relação às outras profissões liberais ou não.

Alargar a compreensão do mercado, é, pois, fator de sobrevivência das Escolas, graduadas ou não. Acresce-se a isso, o período de estudos curriculares nas escolas brasileiras de norte a sul

que deverá durar mais alguns anos até a formulação do novo currículo e o estímulo que os cursos *latu-sensu* (especialização) estão tendo na década de 90. Justifica-se, pois, esse estudo.

2. OBJETIVOS

- 1) Identificar balcões de informação não-convencionais.
- 2) Identificar o fluxo de informações nos balcões não-convencionais.
- 3) Identificar tarefas executadas nos balcões de informação não-convencional.
- 4) Levantar o perfil de profissionais de informação não-convencionais.
- 5) Comparar a formação acadêmica e as atividades desenvolvidas no cotidiano dos profissionais de informação não-convencionais, com a formação acadêmica e as atividades desenvolvidas no cotidiano do profissional de informação *strictu-sensu* (o bibliotecário).

3. METODOLOGIA

Foram selecionadas 8 áreas do setor terciário da economia através de 16 instituições, assim distribuídas: 1 agência de publicidade e propaganda, 2 escritórios de construção civil, 3 agências de turismo, 1 seguradora de saúde, 2 escritórios de contabilidade, 2 empresas de transporte aéreo, 2 escritórios de advocacia e 3 clínicas médicas.

Essas dezesseis instituições foram visitadas tendo em vista a atividade-fim da empresa, deixando de lado as atividades-meio. Por exemplo, o Departamento de Marketing da empresa foi selecionado por estar diretamente voltado para o usuário enquanto que o Departamento de Pessoal ou Financeiro foram desprezados para a análise.

Foram realizadas gravações de 60 minutos com os cargos gerenciais das empresas para identificar a formação acadêmica do pessoal das atividades-fim e as tarefas realizadas.

As tarefas identificadas foram descritas, agrupadas em categorias (ou atividades) e posteriormente comparadas com as tarefas de domínio do bibliotecário identificadas na literatura também agrupadas em categorias. Conforme CURY, para a compreensão da distribuição do trabalho é necessário um claro entendimento dos conceitos de função, atividade e tarefa.

Função: corresponde a um conjunto de atividades análogas, interdependentes e especializadas. Exemplo de função seria a Compra de material.

Atividade: corresponde a uma série de tarefas/ações complementares entre si, com um objetivo global. A função compra de material poderia compreender as atividades de pesquisa de mercado, seleção de fornecedores, licitação, etc...

Tarefa: corresponde a uma ou mais rotinas (passos, etapas, movimentos) seqüenciais e pré-determinadas. Por exemplo, a atividade de licitação envolve as tarefas de elaboração de um edital, recebimento de propostas, elaboração de um mapa comparativo de preços, etc.

3.1 Descrição das áreas estudadas

Os setores da economia são frequentemente divididos em primário (agropecuária e extrativismo), secundário (indústria de transformação) e terciário (comércio de bens e serviços). Essa divisão no entanto não é estanque. Algumas atividades permeiam todos os setores, sendo inclusive essenciais a sua sobrevivência: a venda, a negociação e o marketing. Há "comércio" em todos os setores.

Fez-se um recorte na economia, limitando-se o estudo ao setor terciário, sendo atividades de comércio e serviços vistas como o último dos "balcões", aqueles que dão para a sociedade, intermediando a relação com os outros setores. O balcão de serviços é o do "como fazer", é o balcão da tecnologia, da terceirização.

Foi feito um mapeamento em diversas áreas do setor terciário no Brasil consideradas áreas de informação intensiva.

Apesar da realização de visitas iniciais, ficaram de fora as áreas de mídia (TV, rádio e imprensa) e marketing direto. Ficaram de fora também cartórios, outros profissionais liberais autônomos (consultores, arquitetos, etc.), editoras, comércio e serviços em geral.

Essa limitação deu-se em parte devido ao caráter exploratório e inédito da pesquisa no Brasil e em parte devido à enormidade do setor de serviços. Nada impede que outras áreas possam vir a ser exploradas. Na verdade, espera-se que isso ocorra.

4. RESULTADOS

É possível verificar pela Tabela 1 um alto grau de interdisciplinaridade nas áreas pesquisadas. Porém, como essa interdisciplinaridade se faz entre áreas próximas, há certa compatibilidade e adequação entre áreas institucionais e áreas de formação escolar. Assim, a empresa de Propaganda possui, no seu quadro funcional, 3 jornalistas, 8 publicitários, 1 elemento de informática e 1 de relações públicas. Já o escritório de contabilidade está sob a responsabilidade de um economista e um matemático, formações também compatíveis com a área institucional, além de 40 funcionários de nível médio (fato também justificado porque o técnico em contabilidade está habilitado a assinar documentos tanto quanto o contador de nível superior); no turismo, é de se esperar que apareça geografia como área de formação escolar; (já a pedagogia poderia ser considerada horizontal para várias profissões); o transporte aéreo foi a única área dentre as pesquisadas onde apareceu a figura do administrador de empresas e o homem de letras (mais esperado em Turismo); Medicina e Direito são as áreas menos interdisciplinares por razões óbvias: são, com efeito os profissionais com alto pertencimento de classe; como o pessoal do seguro de saúde trabalha basicamente com o seguro e não com a saúde, o grau de interdisciplinaridade aí também é grande.

Tabela 1 - Áreas institucionais versus áreas de formação escolar

ÁREAS INSTITUCIONAIS	FORMAÇÃO ESCOLAR										TOTAL
	Nível Superior					Nível Médio					
	Completo		Incompleto			Completo		Incompleto			
Propaganda	06	Publicidade e Propag.	02	Técnico em Fotograf.	02	Técnico em Fotograf.	02	1º Grau	01	19	
	01	Jornalismo	02	Jornalismo	03						
	01	Informática									
Contabilidade	01	Relações Públicas									
	01	Economia		Biblioteconomia	12	Técnico em Contab.	12	2º Grau	12	42	
	01	Matemática			01	2º Grau	16	Técnico em Edificaç.	02	14	
Construção Civil	02	Arquitetura	02		01	2º grau	01	Técnico em Processa.	01		
	02	Biblioteconomia			01	Técnico em Edifica	01				
	02	Engenharia Civil			12	Técnico em Processa	12	2º Grau	01	20	
Turismo	03	Turismo				2º Grau	01	Assist. Administr.	01		
	01	Geografia			11	Técnico em Turismo	11				
	01	Pedagogia						2º Grau	01	30	
Transporte Aéreo	05	Adm. de Empresas	01	Matemática		2º Grau					
	01	Matemática		Comunicação	01						
	01	Comunicação									
	01	Direito									
	02	Economia	01	Auxiliar de enfermagem	03			1º Grau	02	35	
	04	Turismo			08	2º Grau		2º Grau	04	04	
Clínica Médica	02	Letras						2º Grau	01	28	
	15	Medicina	01	Pedagogia							
	01	Psicologia									
Advocacia	01	Adm. de Empresas									
	03	Direito		Direito	01						
	02	Comunicação		Jornalismo							
Seguro Saúde	01	Jornalismo		Relações Públicas	01						
	04	Relações Públicas		Adm. de Empresas	01						
	01	Direito		Ciências Sociais	01						
TOTAL	01	Economia									
	01	Biologia									
	68		14		84				26	192	

Da Tabela 1 podemos gerar o seguinte quadro:

Áreas Institucionais	Nível Superior		Nível Médio	
	N	(%)	N	(%)
Propaganda**	13	68	06	32
Contabilidade*	02	05	40	95
Construção Civil	08	57	06	43
Turismo*	05	25	15	75
Transporte Aéreo**	18	60	12	40
Clínica Médica	18	51	17	49
Direito**	04	100	0	0
Seguro Saúde	14	50	14	50
Geral	82	43%	110	57%

Observações:

1. N é o número absoluto de pessoas da amostra

2. Nas tabelas subseqüentes de 3 a 5, trabalharemos com percentuais calculados utilizando o quadro acima. Assim, na área de Propaganda, o Nível Superior tem peso 2 (68/32) em relação ao Nível Médio; Contabilidade: NM tem peso 19 (95/5) em relação ao N. S. e assim sucessivamente.

* Áreas onde predomina o Nível Médio

** Áreas onde predomina o Nível Superior

As demais áreas estão equilibradas nos dois Níveis.

4.2 Formação escolar superior agrupada por grandes áreas do conhecimento

Tabela 2 - Formação escolar superior agrupada por grandes áreas do conhecimento*

CIÊNCIAS HUMANAS	CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS		CIÊNCIAS BIOMÉDICAS E DA SAÚDE
	Arquitetura	2	
Adm. de Empresas	7	2	Biologia
Biblioteconomia	4	1	Medicina
Comunicação	3	2	
Direito	6	1	
Economia	3	3	
Geografia	1		
Jornalismo	5		
Letras	2		
Pedagogia	2		
Psicologia	1		
Pub. Propaganda	8		
Relações Públicas	6		
Turismo	7		
TOTAL	55	9	16
TOTAL (%)	69	11	20

(*) Áreas estabelecidas de acordo com a organização da obra: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. VICE-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS. Catálogo dos cursos de graduação. Campinas: PUCAMP, 1992.

Obs.: Estão incluídos os entrevistados com curso incompleto

É possível verificar que os balcões de informação não-convencionais são o reino das humanidades. Com efeito, a globalização da economia está revalorizando as profissões "humanas" e dentre elas é notável o papel das Comunicações (Jornalismo, Publicidade/ Propaganda, Relações Públicas e Turismo). Ver a este respeito a pesquisa de JACQUOIS-DELPPIERRE (1994).

4.3 Relação das áreas institucionais com as categorias selecionadas (Tabelas de 3-5)

Tabela 3 - Relação da área de publicidade e propaganda indicando o percentual de profissionais de nível superior ou médio exercendo as atividades categorizadas

Atividades	Nível Superior	Nível Médio	Geral **
Pesquisa de mercado	15%	17%	16%
Organização de cadastros*	31%	100%	52%
Geração de fontes*	46%	83%	58%
Atendimento	31%	67%	42%
Registro	15%	17%	16%
Cálculos específicos	23%	50%	33%
Redação*	54%	100%	68%
Arquivo*	31%	100%	58%
Marketing	31%	33%	32%

* Atividades com maior incidência de mão-de-obra

** GERAL significa a média ponderada da contribuição do nível superior e médio, conforme o peso da área correspondente apontado no quadro da pg 111; o nível superior da área de Publicidade e Propaganda tem peso 2 em relação ao N. M. Assim, **Pesquisa de Mercado** alcança no geral 16% ($15 \times 2 + 17/3$); **Organização de Cadastro** 52% ($31 \times 2 + 83/3$) e assim sucessivamente.

Obs: Certos profissionais exercem mais de uma atividade no mesmo cargo, sendo contados, portanto, mais de uma vez. Razão pela qual a soma nas colunas ultrapassa 100%.

Supondo que a maior alocação de pessoal para executar uma atividade dá a medida da intensidade com que a atividade é executada, temos que na área de Publicidade e Propaganda, Organização de *Cadastros*, Redação, Geração de Fontes e Arquivo são as atividades que absorvem mais da metade do trabalho dos profissionais envolvidos.

A **Redação** refere-se à criação de textos publicitários, objeto mesmo da área. Engloba roteiros de filmes, anúncios, boletins e "house journals". A redação se correlaciona de certa forma com a **Geração de Fontes**, segunda atividade nobre da área, porque a geração inclui elaboração de peças publicitárias (vídeos, anúncios, cartazes, "outdoors", fotos, texto, etc.; gerar fontes em Publicidade significa também elaborar catálogos de produtos e material de apoio a eventos (programa, pastas, resumo de trabalhos, etc.). No arquivo "arquiva-se" a documentação dos clientes e dos produtos elaborados para os clientes.

Das três atividades de maior ocorrência, duas são atividades próprias ao bibliotecário: geração de fontes e arquivo; sem contar com as demais, todas com forte componente informacional. São elas:

1. Pesquisa de mercado

- Pesquisa do nível de apreensão e compreensão das mensagens publicitárias pelo público;
- Seleção dos meios de comunicação mais adequados para veicular campanhas publicitárias;
- Pesquisa sobre a performance de produtos e serviços de clientes junto ao grande público ou públicos específicos;
- Seleção de fornecedores para apoio a eventos realizados pelos clientes;
- Pesquisa para montar e atualizar o "mailling list" exclusivo de cada cliente.

2. Organização e atualização de cadastros

- Organização e atualização dos dados do "mailling list" dos clientes;

- Cadastro das peças publicitárias, boletins, publicações, anúncios e "clippings" realizados para cada cliente.

3. Geração de fontes

- Elaboração de peças publicitárias (vídeos, anúncios, cartazes, "outdoors", fotos, texto, etc.) associadas à campanhas;
- Elaboração de catálogos de produtos;
- Elaboração de material de apoio a eventos (programa, pastas, resumo dos trabalhos, etc.).

4. Atendimento

- Atendimento a consultas de clientes sobre planejamento, criação e produção de campanhas publicitárias, pessoalmente, por telefone ou fax.

5. Registro

- Classificação dos documentos (recortes de jornal, fitas de vídeo, fotos) para arquivo;
- Classificação dos dados de empresas e outros para o "mailling list" dos clientes;
- Registro dos anúncios executados para as empresas.

6. Cálculos específicos

- Cálculos de custos de projetos e campanhas;
- Cálculos de custos operacionais e de recursos humanos.

7. Redação

- Elaboração e digitação de orçamentos, cartas, relatórios e outros documentos administrativos;
- Redação de textos publicitários, roteiros de filmes, anúncios, boletins e "house journals".

8. Arquivo

- Arquivo e atualização da documentação dos clientes;
- Arquivos dos produtos elaborados para os clientes.

Tabela 4 - Relação da área de contabilidade indicando o percentual de profissionais de nível superior ou médio exercendo as atividades categorizadas

Atividades	Nível Superior	Nível Médio	Geral
Pesquisa de mercado	0	0	0
Organização de cadastros	0	42%	40%
Geração de fontes*	100%	47%	50%
Atendimento	100%	27%	33%
Registro*	50%	57%	57%
Cálculos específicos*	100%	52%	55%
Redação*	50%	0	2%
Arquivo*	50%	50%	50%
Marketing	100%	2%	7%

* Atividades com maior incidência de mão-de-obra

Obs.: Certos profissionais exercem mais de uma atividade, sendo contados, portanto, mais de uma vez

O **Registro** em Contabilidade significa a classificação dos documentos para arquivo; a classificação das empresas e protocolo dos documentos fiscais e o registro dos documentos enviados e recebidos das empresas, além do registro de notas fiscais, despesas e receitas, e impostos em livros específicos. Esse registro que funciona como um "atendimento" é seguido por cálculos, seqüência também esperada. Contabilidade é a área de cálculos por excelência. Contabilizar é contar. Mas nada pode ser contabilizado sem o registro da documentação. O contador faz os cálculos contábeis mas o profissional de informação faz o registro.

Livros fiscais, balanços, balancetes e relatórios contábeis, além de coletâneas de legislação fiscal, trabalhista, tributária, (para consulta e solução de dúvidas) são as **fontes de informação** contábeis. A área de **cálculos** inclui a escrituração contábil das empresas, o cálculo de impostos, taxas e outros tributos municipais, estaduais e federais. O **arquivo** de um escritório de contabilidade guarda toda a documentação dos clientes, desde guias recolhidos e impostos pagos, mantendo essa documentação de forma a ser rapidamente recuperada em caso de vistoria da Receita Federal.

ÁREAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL, TURISMO E TRANSPORTE AÉREO¹

A área de **CONSTRUÇÃO CIVIL** é fortemente informacional. Quase todas, *a menos de duas*, as atividades possuem componentes informacionais a serem desempenhados por um profissional de informação. Na **Pesquisa de mercado** está a cotação de preços para a compra de materiais e contratação de serviços para as obras e a pesquisa em jornais para localização de editais, fornecedores e concorrentes; A **geração de fontes** responde pela elaboração de índices no sistema on-line para acesso aos documentos arquivados, pela criação de um banco de dados referencial para acesso aos documentos e pela elaboração e atualização de relações de preços de produtos ou serviços na área. **Registro** em Construção Civil significa a classificação das empresas por ramo de atividade e a classificação dos produtos pelo código de identificação. O **Arquivo** guarda os projetos das obras administradas, os orçamentos elaborados pela empresa, o controle de propostas e atestados de execução de obras; a montagem de arquivos da área imobiliária dos departamentos jurídico e de administração de condomínios também se verifica na atividade arquivo.

TURISMO também é uma das áreas de informação-intensiva mais evidentes. Quase todas as atividades comportam um

(1,2) As Tabelas referentes a essas áreas serão omitidas aqui por questão de espaço. Ademais, esse artigo privilegiou a descrição das atividades e não a comparação entre as áreas, o que foi realizado em outra oportunidade (MOSTAFA & PACHECO, 1995).

profissional de informação. A **Pesquisa de mercado** lida com a coleta e atualização de informações contatos, horários, roteiros, disponibilidade, etc., de todos os fornecedores; Pesquisa de mercado é também pesquisa de opções, tarifas e datas mais adequadas ao cliente e pesquisa de novos fornecedores, promoções e descontos especiais. **Organização e atualização de cadastros** : cadastra-se clientes reais e potenciais bem como fornecedores. Já a elaboração de folhetos de divulgação e informativos dos pacotes turísticos ou promoções de viagens, hotéis e serviços de lazer, divulgando preços e prazos diz respeito às **Fontes de Informação**: informativos ao cliente sobre locais, tipo de clima, alimentação, passeios e atrações típicas, roteiros de compras, segurança, etc. **Atendimento** é uma atividade fundamental no Turismo, como de resto em todos os balcões informacionais. A área de serviços é uma área que atende, que presta serviço. Assim, atende-se reclamações de clientes e fornecedores, por telefone e pessoalmente; consultas de horários, destinos e procedências, tipos e códigos dos vôos, etc., reservas de vôos específicos, reservas de hotéis, tipos de alimentação, locação de carros e outros serviços; consulta à manuais com informações nacionais (Panrotas, Tarifários de hotéis, de companhias aéreas) e internacionais (INDEX, AG, ABC, Guias de regiões); consulta aos terminais de companhias aéreas para verificação de preços, locais, datas e horários; negociação de pagamentos com clientes e fornecedores. **O Registro** é codificação de vôos, serviços, pacotes turísticos, grupos, etc.; é também o registro de produtos e clientes por códigos alfa-numéricos; emissão de documentos: bilhetes de viagem, "vouchers" de hotéis, passeios, recibos, faturas, faturas de cartão de crédito, autorizações de bilhetes (a serem retirados em outros países), etc.

As atividades da área de **TRANSPORTE AÉREO** serão mantidas de forma pontualizada, por ser a área pouco estudada em termos de conteúdo informacional. Atendimento, Geração de Fontes e Redação compõem uma seqüência :

1. Atendimento

- Atendimento via telefone ou pessoalmente dos clientes reais e potenciais;
- Consultas ao terminal (rede nacional e internacional) para saber se determinada entrega foi concluída em qualquer parte do mundo;

- Orientação ao cliente em qualquer dúvida;
- Realização de entregas que chegam do exterior ou em nível nacional.

2. Geração de fontes

- Geração de recibos;
- Elaboração de relatórios de custos para a filial e para a matriz;
- Planejamento de contratos de prestação de serviços;
- Geração de contratos;
- Geração de catálogos de códigos (service office).

3. Redação

- Coleta de informações através de pesquisa de mercado;
- Elaboração de relatórios para a matriz;
- Digitação de orçamentos, tabelas dos serviços, etc.;
- Redação de propostas para clientes potenciais;
- Digitação de correspondências em geral.

As demais atividades contêm o seguinte conteúdo:

1. Pesquisa de mercado

- Conhecimento da situação externa à organização e suas influências sobre os seus serviços;
- Conhecimento das necessidades atuais dos clientes e as expectativas do mercado;
- Análise das oportunidades do mercado;
- Conhecimento das ações dos concorrentes;
- Conhecimento do grau de satisfação do usuário em relação aos serviços que consome.

2. Organização e atualização de cadastros

- Planejamento e obtenção de contratos de prestação de serviços;

- Efetuação de contratos com clientes;
- Atualização de custos de transportes de mercadorias;
- Montagem de cadastros das empresas/clientes que utilizam os serviços.

3. Registro

- Registro de dados cadastrais do cliente: nome endereço, RG, destinatário e tipo de material;
- Codificação (códigos de barra) os formulários no local do pedido;
- Assinatura das vias do formulário e entrega de uma para o cliente
- Alimentação do banco de dados da empresa com as informações específicas de cada cliente.

4. Cálculos específicos

- Elaboração de cotas para os Rps da filial;
- Cálculo de tarifas de serviços para as pessoas físicas e jurídicas;
- Preparação do orçamento da filial;
- Previsão de custos para os transportes de mercadorias.

5. Arquivo

- Arquivo de todos os cadastros de clientes;
- Arquivo de pedidos de solicitação de serviços (preços, condições de pagamento, crédito do cliente, codificação, etc.);
- Arquivo de documentos para os departamentos da filial visando uma rápida recuperação de informações;
- Atualização dos vários tipos de arquivos.

6. Marketing

- Divulgação dos serviços da empresa (Transporte aéreo) em todos os meios de comunicação;

- Elaboração de contatos pessoais diretos, participação de seminários;
- Utilização de "slogans".

A ÁREA DE SEGURO DE SAÚDE

Tabela 5 - Relação da área de seguro saúde indicando o percentual de profissionais de nível superior ou médio exercendo as atividades categorizadas

Atividades	Nível Superior	Nível Médio	Geral
Pesquisa de mercado	64%	0	32%
Organização de cadastros*	14%	71%	43%
Geração de fontes	71%	0	36%
Atendimento*	100%	100%	100%
Registro	7%	71%	39%
Cálculos específicos	36%	0	18%
Redação	43%	0	21%
Arquivo*	57%	71%	64%
Marketing	57%	0	29%

* Atividades com maior incidência de mão-de-obra

Obs.: Certos profissionais exercem mais de uma atividade, sendo contados, portanto, mais de uma vez.

A seqüência de intensidade de ocorrência nem sempre é a seqüência temporal das atividades. Cadastramento é uma atividade anterior ao arquivamento. Arquivos supõem cadastros. E tudo isso é antecedido pelo atendimento. O atendimento aparece como atividade de alta intensidade de mão de obra para vários serviços nesta pesquisa.

Organização e Atualização de Cadastros: - Obtenção de dados dos usuários particulares e usuários que mantêm o convênio

através de firmas em que trabalham: dados cadastrais e pessoais; - Obtenção de dados dos médicos conveniados e suas respectivas especialidades;

- Atualização dos dados coletados periodicamente; - Elaboração de cadastros de empresas ainda não conveniadas, visando futuros contatos; - Banco de dados com os cadastros dos Hospitais, Laboratórios, Sistema Previdenciário de Saúde, etc. **Atendimento:** Atendimento de consultas feitas através de telefones, com o uso de terminais de computador conectados à rede local da Cooperativa; - Atendimento ao público em geral nos balcões de atendimento; - Prestação de informações sobre consultas médicas, horários médicos, endereços, fornecimento de guias, exames, etc; - Atendimento qualquer tipo de reclamação vinda dos usuários da Cooperativa. **Registro :** - Obtenção de dados dos usuários particulares (nome, endereço, dados pessoais e familiares); - Classificação dos documentos para o arquivo e empresas (nome, CGC, tipo de empresa, tipo de convênio escolhido) para inclusão no banco de dados; - Obtenção de informações específicas de cada médico participante da Cooperativa, para inclusão no banco de dados. **Redação:** - Redação de textos para publicações; - Revisão e diagramação do material a ser publicado nos vários jornais editados pela Cooperativa; - Redação de orçamentos, tabelas dos serviços prestados pela Cooperativa, relatórios e correspondência em geral; Elaboração de manuais para preenchimento de dados para o banco de dados. Banco de dados com os cadastros dos Hospitais, Laboratórios, Sistema Previdenciário de Saúde, etc. - Edição de jornal exclusivo para os médicos conveniados; - Edição de jornal exclusivo para os funcionários da Cooperativa; - Edição de jornal para usuários em geral, denominado Jornal da Família que é encartado dentro dos mais conceituados jornais do país;

Arquivo: - Arquivo dos dados cadastrais de: médicos, hospitais, laboratórios, conveniados, empresas, exames. - Seleção, preparação e arquivo de documentos recebidos e expedidos;

- Montagem e atualização de arquivos para os vários Departamentos da Cooperativa, visando a preservação e uma rápida recuperação das informações. **Marketing:** - Divulgação dos serviços prestados pela Cooperativa; - Elaboração e participação de campanhas promocionais; - Análise de propostas referentes a qualquer tipo de divulgação da Cooperativa; - Coleta, pesquisa, coordenação

nação, planejamento, controle e tratamento de qualquer tipo de informação que vise tornar público o trabalho desenvolvido por este tipo de serviço médico.

4. 4 O Bibliotecário na biblioteca segundo a literatura

1. Pesquisa de mercado

- Estudo das necessidades informacionais dos usuários: dados genéricos ou específicos sobre os usuários, dados sobre o sistema, dados sobre os serviços;
- Estudo das necessidades informacionais dos não-usuários ou usuários potenciais; (FIGUEIREDO, 1990, p. 23 e 24)
- Aquisição de informações requeridas pela empresa; (TARAPANOFF, 1988, p.71)

2. Organização e atualização de cadastros

- Manutenção de cadastros de bibliotecas para cooperação ou comutação bibliográfica no Brasil e exterior; (FIGUEIREDO, 1990, p. 43)
- Elaboração de cadastros de pesquisas em andamento;
- Elaboração de cadastros de usuários inscritos para empréstimo domiciliar;
- Elaboração de cadastros de usuários para serviços de DSI; (FIGUEIREDO, 1990, p. 70)

3. Geração de fontes

- Elaboração de levantamentos bibliográficos, relatórios ou compilação críticas tipo state-of-the-art; (FIGUEIREDO, 1990, p.72)
- Elaboração de catálogos (automatizados ou manuais) com uso da descrição bibliográfica; (TARAPANOFF, 1988, p. 80)
- Catalogação; (FERRACIN, p. 10)

- Criação e atualização de índices, bibliografias, catálogos e tesouros, além de guias de fontes de informação; (PINHEIRO, 1987, p. 103)

4. Atendimento

- Respostas a questões de referência simples e complexas pessoalmente, por carta, telefone, fax ou malote, com ou sem acesso à base de dados;
- Localização de material;
- Elaboração de levantamentos bibliográficos;
- Atendimento para consulta no local;
- Empréstimo entre bibliotecas e comutação;
- Fornecimento de cópias;
- Circulação de periódicos;
- Encaminhamento de sumários correntes;
- Orientação ao usuário;
- Entrega de material a pedido;
- Empréstimo domiciliar; (FIGUEIREDO, 1990, p. 46)

5. Registro

- Classificação ou representação descritiva;
- Tombamento ou registro de patrimônio dos materiais; (TARAPANOFF, 1988, p. 80)

6. Cálculos específicos

- Coleta e manipulação de dados estatísticos sobre usuários, coleção, políticas e administração da biblioteca; (FIGUEIREDO, 1990, p. 17-19)
- Elaboração do orçamento da biblioteca; (FIGUEIREDO, 1990, p. 33)

7. Redação

- Elaboração de boletim bibliográfico ou informativo (resenhas, críticas, bibliografias); (FIGUEIREDO, 1990, p. 47)
- Elaboração do manual de serviço; (FIGUEIREDO, 1990, p.91)
- Elaboração do relatório periódico da biblioteca;
- Elaboração de resumos ou síntese de documentos; (TARAPANOFF, 1988, p.71)

8. Arquivo

- Armazenamento de dados para pronta referência; (TARAPANOFF, 1988, p.71)
- Organização de arquivos de material convencional e não-convencional com vistas à preservação e recuperação; (PINHEIRO, 1987, p.104)

9. Marketing

- Fornecimento ao usuário de manuais de orientação para pesquisa;
- Promoção de visitas às instalações da biblioteca;
- Promoção de exposições de pesquisas, relatórios e livros recentemente publicados;
- Realização de palestras elucidativas dos serviços de informação de que dispõe, junto a usuários atuais e potenciais;
- Criação de canais diretos de comunicação com o usuário; (COSTA, 1993, p.276)

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A descrição pontualizada de cada atividade para cada uma das áreas institucionais pareceu-nos útil como uma primeira tentativa de reunir elementos para traçar um novo perfil do profissional de

informação não-convencional. Os bibliotecários já tiveram suas tarefas descritas em relatórios de pesquisa de associações profissionais de vários países. A própria legislação lista tarefas e atividades pertinentes ao cargo. As "job descriptions" ou descrição de tarefas foram desenvolvidas pelos sociólogos e psicólogos do trabalho. Administradores também produziram instrumentos do tipo do QDT (quadro de distribuição de tarefas). Parece ser esse um esforço comum à organização do trabalho. A metodologia de análise de sistemas também contribuiu muito para essa sistematização com seus fluxogramas e 'perts'. E a rigor, todas as áreas do conhecimento passíveis de profissionalização procederam a esses critérios normalizadores.

Mas a questão hoje é outra. Parece que tal sistematização foi tomada de assalto por novos métodos de trabalho ditos mais flexíveis. Grande parte desta flexibilidade hoje é dada pelo fantasma da informação. Informação que aparece para todos e que a todos compete registrar e recuperar. Por ser a documentação uma atividade humana ela perpassa as profissões e torna-se horizontal para uma grande gama de profissionais.

Documentar é sinônimo de cadastrar, registrar, gerar fontes e arquivar. Da documentação e do documento ninguém pode fugir. É preciso então alargarmos a compreensão do documento: notas fiscais, bilhetes de passagens aéreas, textos na mídia, petições judiciais, são documentos passíveis de registro e recuperação.

As áreas emitentes desses documentos necessitam de arquivos, cadastros e de conhecerem o mercado onde atuam. Uma tipologia documental embasaria então as atividades do profissional de informação dos anos 90, embasando quiçá uma nova orientação curricular. Cuida-se muito da gerência. As universidades com seus cursos de pós-graduação se encarregam de formar o gerente. Ao gerente é dado o direito de ser interdisciplinar, pois a gerência assim o exige. A flexibilização dos anos 90 porém está exigindo abertura dos portos em todos os níveis.

A disciplinaridade marcou a modernidade. Pós-modernidade é interdisciplinar. De tal modo que novas configurações temáticas vão surgindo. O caso da Gerência de Recursos Informacionais é um exemplo.

Os processos de registrar e recuperar informações e identificar padrões de comunicação científica foram e são muito valorizados pela Ciência da Informação, constituindo-a, inclusive, na origem. Esses estudos diferem dos estudos dos comunicadores pois a transferência de informações na área de Comunicações refere-se à comunicação de massa: rádio, cinema, jornal, tv, etc. Já a transferência da informação da Ciência da Informação não é para o público em geral mas para públicos especializados.

O recente índice da revista Ciência da Informação cobrindo 20 anos de produção no Brasil (1972-1993) evidencia a presença de temas clássicos desde a década de 70 quando se iniciaram os cursos de pós-graduação em informação no Brasil. Na década de 80 a informação tecnológica começa a aparecer ao lado da informação científica e ganha proeminência agora nos anos 90 onde já podemos encontrar, nas capas das revistas, expressões como Informação e Qualidade, Competitividade e Informação Tecnológica, Universidade e Empresa, Mercosul, etc.

Essa nova orientação deve predominar nos anos 90 porque esse movimento é também internacional e faz coro com inegável percepção da informação como fator de produção; movimento trazido, quiçá, pela globalização da produção social que intensificou as trocas e, portanto intensificou também as trocas de informação. Isso coloca problemas novos para o campo que então deverá ampliar o seu núcleo epistemológico para o mercado, isto é, para os agentes econômicos. A partir dos anos 80 a Ciência da Informação volta-se para o gerenciamento dos recursos informacionais. É se notar que o gerenciamento dos sistemas de informação foi área de concentração de todas as pós-graduações brasileiras desde 70 mas com uma ênfase interna aos sistemas, portanto, mais afeita aos processos institucionais; agora olha-se para fora da instituição e a informação tecnológica deve abranger também informações de mercado, portanto mercadológicas como preço, viabilidade econômica, clientela, além da concepção tradicional da informação tecnológica como ciência aplicada. Isso ultrapassa a questão central dos bibliotecários de registrar e recuperar informações. Trata-se agora de produzir informações para a tomada de decisões. Donde o gerente de recursos informacionais, agora de posse de técnicas de planejamento estratégico dada a importância da estratégia para a competitividade do mercado; com efeito o planejamento estratégico já compõe sessões

substantivas dos currículos informacionais. De todos os cargos gerenciais, esse parece ser o último dos gerentes (ainda não listado nos balcões de emprego dos jornais brasileiros) por ser a sua condição, emergente no Brasil.

Dentre as atividades aqui descritas umas são mais pertinentes à gerência que outras. (Ver a esse respeito MOSTAFA & PACHECO, 1995). Mas todas são de áreas de informação-intensiva que importa considerar se quisermos tornar o mercado emergente uma realidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO & PEROTA (1990) A evasão dos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. **R. Bibliotecon.** v. 19, n. 1, p. 78-93.
- CIANCONI, R.B. (1991) Gerência da informação: mudança nos perfis profissionais. **CI**, v. 20, n. 2, p. 204-208.
- COSTA, J. I..(1993) Marketing na informação. In: SILVEIRA, A; AMARAL, S. A. **Marketing em unidades de informação; estudos brasileiros.** Brasília, IBICT.
- CURY (1990) **Organização e métodos: perspectiva comportamental & abordagem contingencial.** 5ª ed. rev. e amp. São Paulo, Atlas, p. 293-294.
- DOSA, M. L. (1985) Education for new professional roles in the information society. **Education for information.** v. 3, p. 203-217.
- FERRACIN, A. M. et alii (1994) Estudo comparado do mercado de trabalho do bibliotecário em João Pessoa. **ANAIS ANCIB.**
- JACQUOIS-DELPierre (1994) Japão. FID/Educational and training seminar, p. 4-17.
- MARTUCCI et alii (1990) Educação contínua do bibliotecário... **Rev. Esc. Bibliotec. UFMG.** BH, v. 19, n. 1, p. 94-134.
- MOSTAFA, S.P. (1983) **O profissional de nível médio no Estado de São Paulo.** Relatório técnico. 90p. PUCCAMP.

- MOSTAFA, S.P. (1991) Pós-doutorado: uma experiência de leitura. Campinas, Puccamp, **Transinformação**, v. 3, n. 1/2/3, p. 15-41.
- MOSTAFA, S. P. & BENTES, V. (1992) **Disk-kibe, disk-pizza, disk-biblio: o disque-disque da sociedade de informações**. 20p. mimeografado.
- MOSTAFA, S.P. & PACHECO, M.(1995) O mercado emergente de informação. **Ciência da Informação (prelo)**.
- NASTRI & MARTUCCI (1990) Educação continuada do bibliotecário. **Rev. Esc.Bibliotecon. UFMG** , BH, v. 19, n. 1, p. 59-77.
- PINHEIRO, A., FRANCO, E. R. C.: GRAÇA, M. C. Q. (1987) O bibliotecário autônomo:uma nova perspectiva. **Revista Bibliotecon. Brasília**, v.15, n.1, p. 95-108
- ROBREDO, J. & RAMOS E CORTE (1988) Aplicação dos resultados de um estudo Delphos ao **Rev. Bibliotecon. Brasília**, v. 16, n. 2, p. 157-177.
- TARAPANOFF, K; SANTIAGO, S. H. L.; CORREA, D. A. (1988) Características e tendências do profissional da informação. **Revista Bras. Bibliotecon. e Doc. São Paulo** v. 21, n. 3/4, p. 60-84.
- TARAPANOFF (1989) O profissional da informação em áreas de ciência e tecnologia. **Ciência da Informação**, v. 18, n. 12, p. 103-119.

ABSTRACT

PACHECO, M. & MOSTAFA, S. P. Information counters: The emergent market. Transinformação, v. 6, n. 1/ 2/3, p. 96-123, jan./dez. 1994.

It describes information activities in turism, publicity, air mail, health security, civil building, accountancy, law offices and medical clinics. The following activities were identified: market research, client registration, source generation, register, calculation, writting, arquivess and marketing. A comparison with librarian services is implicit . 'Information counter' is the methaphor to be applied on those information intensive services cited in this research.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ENSINO: análise de uma vivência do prisma de alunos e profissionais de 1º e 2º grau¹

Silvelene Pegoraro Lamon
CDCC-USP

RESUMO

LAMON, S. P. *Extensão universitária e ensino: análise de uma vivência da prisma de alunos e profissionais de 1º e 2º grau*¹. *Transinformação*, v. 6 n. 1/2/3, p. 124-141, jan./dez. 1994.

A Universidade deve pensar e repensar sua integração com o ensino de 1º e 2º graus da mesma forma que pensa sobre si mesma. Entre as perspectivas de ação e de atitudes decorrentes desta suposição surgiu a Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural (CDCC), da USP de São Carlos que atua integrada ao ensino de 1º e 2º graus. É de fundamental importância conhecer as percepções que alunos e profissionais do ensino têm da mesma. A pesquisa foi realizada junto a alunos, professores, Diretora e Bibliotecária de uma escola de 1º e 2º graus da Rede Pública da cidade de São Carlos (N=125). Predomina entre os alunos o estudo e a pesquisa quando solicitados pelo professor. A Biblioteca Pública é a Instituição de maior apoio para a pesquisa bibliográfica, vindo em seguida a da CDCC onde recorrem a ajuda das Bibliotecárias. Enciclopédias e livros são os materiais mais usados. Das atividades da CDCC "excursões e visitas" são as mais frequentes. Há carências de integração entre as atividades da CDCC e a Biblioteca. A Biblioteca tem um bom conceito entre os alunos e equipe técnica da escola, embora seja insuficientemente conhecida e usada. Foram feitas sugestões para melhoria da atuação da CDCC e em particular de sua Biblioteca.

(1) Síntese da dissertação aprovada pelo Curso de Pós-Graduação (Mestrado- em Administração de Sistemas de Informação) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 26 de agosto de 1991, para obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia, sob a orientação da Profa. Dra. Geraldina Porto Witter.

Palavras-chave: Biblioteca-Serviços de Extensão. Ensino e Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento das Universidades e das bibliotecas universitárias que passaram a integrá-las decorreram séculos. Ao longo deste período, muitas mudanças surgiram, umas mais lentas, outras mais rápidas. Ao findar do século XX ganhou corpo uma nova preocupação: a da relação Universidade-Sociedade, que vinha sendo cuidada por poucos e com pouca ênfase. Nesse contexto a extensão ganhou um espaço especial. Isso se refletiu nas bibliotecas mantidas nas e pelas Universidades. Delineou-se para elas um novo papel, novas perspectivas profissionais, novos vínculos intra-instituição e com a Comunidade mais ampla. É na busca destes novos caminhos de relação e de atuação que se insere o presente trabalho.

Partindo-se da premissa proposta em 1981, por ocasião da criação do Serviço de Biblioteca e Informação-SBI - Setor Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural-CDCC, vinculado a Universidade de São Paulo-USP, e que tem setores: de Biologia, Biblioteca, Física, Química, Computação e Astronomia, verifica-se como seu objetivo primeiro e principal servir de suporte bibliográfico de apoio aos setores que compõem a CDCC e, conseqüentemente, as atividades a serem desenvolvidas pelos mesmos; e, como objetivo secundário, atender estudantes de 1º e 2º graus.

Observando-se o serviço dessa Coordenadoria inserido no contexto de uma instituição universitária, verificou-se no decorrer de seu funcionamento, através de contatos informais com usuários, que a ida à Biblioteca estava desvinculada dos programas da CDCC e somente atingia os objetivos secundários, isto é, dar atendimento aos alunos de 1º e 2º graus. Assim limita-se, portanto, em atividades exigidas pelo ensino, segundo as expectativas do professor das escolas primárias e secundárias. Desta forma, a Biblioteca tem funcionado, na maior parte das vezes, como fornecedora de material bibliográfico para atender a essa finalidade.

Para tanto, a intenção subjacente ao presente estudo foi levantar, analisar e abordar o papel social da Biblioteca -Setor CDCC no processo de divulgação da informação ao nível de extensão.

A universidade sendo uma instituição social, tem relevantes compromissos e responsabilidades na promoção do desenvolvimento científico e cultural, devendo empreender esforços no sentido de cumprir suas funções básicas de ensino, pesquisa e extensão de forma a contribuir para o progresso da ciência e da sociedade como um todo.

A extensão universitária é entendida como a forma pela qual a universidade estende sua ação à comunidade, dela recebendo um influxo de retroalimentação do ensino e da pesquisa. A extensão foi estabelecida na universidade com o objetivo geral de criar condições para a montagem de um sistema de realimentação da universidade, através de atividades docentes e discentes. Os departamentos devem funcionar como supervisores dos serviços prestados pela extensão e atuar junto às populações de área de influência direta e indireta da universidade, contribuindo para a melhoria dos padrões sócio-econômicos e culturais e ao atendimento das demandas sociais.

Uma característica da extensão é ter como intercâmbio a integração com a comunidade. Essa integração, ao mesmo tempo em que demanda a prestação de serviços como condições de possibilidades para a sua realização, serve de razão e justifica a prestação de serviços, enquanto configura-se como meta final da Universidade. A integração da universidade com o ensino de 1º e 2º graus tem sido preocupação relativamente recente na educação brasileira, e isso só ocorre devido à necessidade de criar-se uma universidade voltada para as necessidades da sociedade onde ela se insere. O objetivo da integração entre universidade e escolas de 1º e 2º graus é possibilitar que o ensino de 1º e 2º graus seja assessorado pelas universidades, e que estas tenham oportunidades para um conhecimento mais profundo da comunidade para a qual estão formando profissionais.

Há várias formas de realizar essa integração, podendo-se citar como básicas: facilitar a participação de professores e estudantes universitários no processo de ensino em 1º e 2º graus; participação de professores de 1º e 2º graus em programas organizados pelos departamentos das unidades universitárias (encontros e palestras); realização de reuniões entre professores universitários de prática de ensino, professores de 1º e 2º graus e estagiários. Para CELANI (3;p.159), "a integração do 1º e 2º graus com o 3º grau e a comunidade, a prestação de serviços, a flexibilidade e a adaptação às necessida-

des locais e a preocupação com o efeito multiplicador são aspectos fundamentais para se garantir o êxito no estabelecimento de uma rede que propicie condições para a educação continuada do professor".

Um processo de troca entre escola e universidade significa acertar, antes de mais nada, que as ações serão definidas a partir da necessidade concreta do aluno e do professor. AGUIAR (1; p.26), afirma que "esta aproximação entre os universos do ensino básico e do superior só será possível se a universidade se empenhar com afinco em sua relação com a rede pública de 1º e 2º graus".

MÉTODO

Unidade estudada

Escolheu-se para o estudo uma escola pública que compreende o 1º e o 2º graus, bem como os cursos de magistério e supletivo. Possui uma biblioteca que funciona nos três períodos (matutino, vespertino e noturno), e conta para isso com um profissional bibliotecário concursado.

Material

O presente trabalho consistiu em uma pesquisa de coleta de informações através de aplicação de questionários junto a três grupos distintos: alunos abrangendo faixa etária de 10 a 40 anos de idade, compreendendo a 4ª série e o supletivo, perfazendo um total de cem alunos; professores de nível I e III, num total de vinte e três docentes, e profissionais (Diretora e Bibliotecária) também envolvidos com a questão estudada.

Para o cumprimento dos objetivos propostos neste estudo, a aplicação de questionários, aos sujeitos alunos, foi feita em acompanhamento junto ao respondente por se tratar de alunos abrangendo faixa etária ampla.

Este questionário apresentou dezoito questões, sendo que quinze foram elaboradas através de perguntas fechadas e três com perguntas abertas. Para cada questão há um tipo de variação, em que o sujeito pode ou expressar a sua opinião ou escolher uma alternativa.

Para os sujeitos profissionais professores, diretora e bibliotecária, o questionário contou com sete questões, sendo que apenas

duas foram elaboradas com perguntas fechadas e cinco com perguntas abertas. Cada questão teve um tipo de variação, deixando o sujeito livre para escolher a alternativa desejada, bem como, dar sua opinião a respeito da questão.

Além da aplicação dos questionários, houve uma entrevista estruturada seguindo um roteiro, com o profissional Diretora e Bibliotecária da escola.

Procedimento

A coleta de dados foi realizada durante o período de uma semana em dias consecutivos, já que alguns professores só teriam aulas em apenas um determinado dia da semana.

Paralelamente, iniciou-se a distribuição dos questionários aos alunos. Este trabalho dispendeu um maior número de horas, já que o grupo de sujeitos alunos foi de faixa etária e escolaridade bastante abrangentes. Foi necessário a cada série escolhida, um contato direto com os sujeitos alunos em que se expunha a toda classe o objetivo do estudo. Esta coleta teve duração de uma semana consecutiva, abrangendo os três períodos: matutino, vespertino e noturno.

Todos os questionários aplicados, tanto aos sujeitos professores, quanto aos alunos foram recolhidos imediatamente após sua aplicação procurando com isso evitar o risco de contaminação dos dados.

Quanto às entrevistas, foram marcadas com antecedência, procurando dispor de condições favoráveis para efetivar o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do Corpo Discente

Buscou-se conhecer algumas contingências que influem no comportamento de estudar dos alunos, ou seja, se o fazem só quando solicitados pelos docentes ou se têm já estabelecido o hábito de estudo independentemente de serem solicitados pelo sistema educacional. Os resultados aparecem por série na Tabela 1.

Tabela 1 - Contingências sobre os comportamentos de Pesquisa e Estudo

Série	Quando solicitado pelo professor		Habitualmente	
	F	%	F	%
4 ^a	4	40	6	60
5 ^a	5	50	5	50
6 ^a	9	90	1	10
7 ^a	6	60	4	40
8 ^a	7	70	3	30
1º Colegial	6	60	4	40
2º Colegial	8	80	2	20
3º Colegial	8	80	2	20
Magistério	6	60	4	40
Supletivo	6	60	4	40
Total	65	-	35	-

Verificou-se que a maioria dos sujeitos indicou a realização de pesquisas escolares e estudo somente quando solicitados pelo professor, confirmando a exigência curricular como fator de maior preponderância para que isso ocorra. Com os demais estudantes, o quadro foi revertido, colocando o controle do professor em segunda instância, possivelmente por já terem o hábito de pesquisa e estudo independentes. Prevalece, portanto, a evidência de que a "pesquisa" e o "estudo" são condicionados pela exigência do professor em sala de aula, e não como atividades desenvolvidas de forma agradável e com certa periodicidade.

Segundo CARVALHO (2), muitas vezes se ouve desculpas de alunos para fugir ao estudo. A recusa ocorre com a maioria dos alunos, e os que aceitam, reclamam que irão gastar horas decorando os pontos para poder enfrentar uma prova. Isso pode estar subjacente aos dados aqui arrolados, sendo indício de despreparo docente no que tange à psicologia do ensino e às modernas tecnologias.

Outra questão relevante constatada foi quanto aos aspectos temporais relativos à necessidade de uma informação para realização de pesquisa escolar (Tabela 2).

Tabela 2 - Amplitude das alternativas com relação a última informação obtida para realização de pesquisa escolar

Série	Ontem		Hoje		Nesta Semana		Há mais de dez dias		Há um mês ou mais	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
4ª	0	0	2	20	1	10	1	10	6	60
5ª	1	10	0	0	2	20	4	40	3	30
6ª	0	0	0	0	3	30	1	10	6	60
7ª	1	10	0	0	3	30	3	30	3	30
8ª	2	20	0	0	6	60	1	10	1	10
1º Col.	0	0	0	0	4	40	3	30	3	30
2º Col.	4	40	0	0	2	20	3	30	1	10
3º Col.	1	10	0	0	1	10	1	10	7	70
Mag.	0	0	0	0	1	10	2	20	7	70
Supl.	0	0	1	10	1	10	2	20	6	60
T	9	-	3	-	24	-	21	-	43	-

Predomina entre os sujeitos alunos, que a amplitude maior de realização de pesquisa foi "há um mês ou mais", ficando as alternativas "nesta semana", "ontem" e "hoje" com percentuais mais baixos. Nota-se, portanto, um baixo índice de respostas dos sujeitos para as alternativas temporais mais recentes, confirmando a hipótese de que as pesquisas escolares só se realizam face às necessidades encontradas no processo educacional.

No contexto até aqui focado é válido ressaltar os meios pelos quais os alunos que afirmaram estar realizando pesquisas obtiveram as informações desejadas. Nesse caso, a alternativa de maior evidência entre os alunos foi a obtenção de informações, consultando a Biblioteca Pública Municipal, em primeiro lugar.

Esses dados confirmam o papel de biblioteca escolar que a referida instituição vem tendo no Brasil em decorrência de lacunas no desenvolvimento das bibliotecas inseridas nas escolas e dos problemas que elas apresentam (DUARTE, 4; LEME, 5).

O fato de a escola aqui estudada possuir biblioteca foi possivelmente responsável pela ênfase dada à mesma, na alternativa e resposta (segunda de maior incidência), apesar de aparecer em posição bem distante da Biblioteca Pública Municipal. Isso indica a necessidade de um estudo dessa entidade para detectar em que aspectos ela precisa ser mais prontamente melhorada para atender eficientemente ao seu papel.

É particularmente relevante destacar a alternativa "*consultando a biblioteca da CDCC*" por se tratar da Instituição da qual partiu a iniciativa do presente estudo. Neste caso, a alternativa aparece como (terceira de maior incidência).

Em relação ao tipo de material informacional mais utilizado pelos alunos em suas pesquisas (Tabela 3), ficou claro que há uma preferência pelas enciclopédias e pelos livros, deixando-se em segundo plano os periódicos, atlas geográficos, materiais especiais entre outros. A preferência pelas enciclopédias e livros, pode estar arraigada ao fato de que as enciclopédias trazem um conteúdo resumido do assunto e já o livro abrange um pouco mais de detalhes deste mesmo conteúdo. Esta diversidade pode ser positiva, se utilizada como forma complementar de um para outro material informacional. O predomínio registrado pode decorrer das indicações feitas por docentes, bibliotecários e até mesmo o nível de leitura dos alunos, merecendo pesquisas a respeito.

Parece relevante cuidar para que os alunos aprendam a buscar outros tipos de suportes informacionais disponíveis na Biblioteca (jornais, mapas, atlas geográficos) entre outros.

A questão seguinte buscou conhecer para que fins os sujeitos costumam frequentar a Biblioteca da CDCC.

Dentre todos os motivos levantados pelos alunos, o mais evidente foi o de realizar pesquisas, seguindo o ato de estudar e o de retirar livros. Novamente constata-se que a pesquisa e o estudo estão diretamente ligados e têm como conseqüências finais a retirada de

Tabela 3 - Tipos de obra(s) utilizada(s) em pesquisas escolares

Série	Enciclo- pédias		Revistas		Jornais		Mapas		Livros		Atlas Geografia		Outro	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
4ª	5	50	1	10	0	0	1	10	3	30	0	0	0	0
5ª	6	60	1	10	0	0	0	0	5	50	1	10	0	0
6ª	6	60	1	10	2	20	1	1	5	50	1*	10	0	0
7ª	5	50	0	0	0	0	0	0	4	40	1	10	0	0
8ª	5	50	1	10	0	0	0	0	4	40	0	0	1	0
1º C.	6	60	2	2	0	0	0	0	4	40	0	0	0	10
2º C.	4	40	1	10	1*	1	0	0	9	90	0	0	0	0
3º C.	5	50	1	10	0	0	0	0	5	50	0	0	0	0
Mag.	2	20	0	0	0	0	0	0	7	70	0	0	0	0
Supl.	6	60	1	10	0	0	0	0	4	40	0	0	0	0
T	50	-	9	-	3	-	2	-	50	-	3	-	1	-

(*) Alguns alunos (N = 19) escolheram mais de uma alternativa

Tabela 4 - Atividades mais freqüentadas na CDCC

Séries	Experi- mento- teca		Cursos		Feira de Ciências		Museu vivo de Ciências		Excursões e visitas		Cine- Clube		Clube de Ciências		Obser- vatório	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
4ª	0	0	3	30	0	0	1	10	5	50	0	0	0	0	1	10
5ª **	0	0	1	10	1	10	5	50	2	20	1	10	0	0	0	0
6ª **	0	0	0	0	0	0	4	40	5	50	0	0	0	0	5	50
7ª	0	0	2	20	4	40	5	50	1	10	0	0	0	0	5	50
8ª **	0	0	4	40	2	20	0	0	2	20	0	0	0	0	3	30
1º C.*	1	10	1	10	6	60	0	0	2	20	1	10	0	0	1	10
2º C.	5	50	1	10	6	60	2	20	3	30	1	10	0	0	2	20
3º C.*	0	0	3	30	2	20	2	20	2	20	0	0	0	0	0	0
Mag. **	0	0	1	10	0	0	0	0	4	40	0	0	0	0	4	40
Supl. **	0	0	0	0	0	0	2	20	1	10	2	20	0	0	4	40
T	6	-	16	-	21	-	21	-	27	-	5	-	0	-	25	-

(*) Alguns alunos escolheram mais de uma alternativa

(**) Alguns alunos não escolheram nenhuma das alternativas

livros, supostamente para serem utilizados na realização de tais pesquisas e estudos.

Considerando a CDCC, e o que a mesma oferece à comunidade estudantil, levantou-se as atividades mais frequentadas na CDCC pelos sujeitos alunos (Tabela 4). Pode-se observar que as "*Excursões e visitas*" foram as mais indicadas pelos sujeitos, seguido do "*Observatório*" e "*Feira de Ciências*", bem como o "*Museu Vivo de Ciências*". Por fim, os "*Cursos*" receberam algumas indicações, e poucas foram registradas para o "*Cine-Clube*" e a "*Experimentoteca*".

Parece que a alternativa "*Excursões e Visitas*" se trata de atividades programadas minuciosamente, e agendadas com antecedência, estas recebem toda a Rede de Ensino Oficial e Particular da cidade de São Carlos, bem como a circunvizinhança. Inevitavelmente tornaram-se as atividades de maior frequência na CDCC. Também podem estar sendo mais motivadoras e tendo melhor difusão junto às escolas.

De um modo geral, para ORMASTRONI (6), a consecução de atividades científicas, extra-escolares, é de grande importância quando são realizadas em cidades que abrigam uma Universidade. Ressalta ainda que o importante é que haja um Centro de Ciências onde universitários dão sua contribuição, através de assistência e orientação, e onde os jovens estudantes tenham onde utilizar suas horas de lazer e que todos os habitantes da cidade, e/ou região, venham sentir realmente o que significa uma Universidade para a comunidade.

Procurou-se levantar os serviços que a Biblioteca da CDCC oferece para atender à demanda dos demais serviços oferecidos pela própria CDCC. Em outras palavras, buscava-se detectar se havia um fluxo de uso da Biblioteca decorrente da solicitação das atividades mencionadas na questão anterior.

Das atividades que a CDCC oferece, o resultado do levantamento aqui feito mostra que houve grande menção ao fato de nenhuma delas terem exigido que os sujeitos frequentassem a Biblioteca. Neste caso, pode-se atribuir a esta não exigência, o fato de que as atividades oferecidas pela CDCC, bem como a Biblioteca são de certa forma desvinculadas. Certamente há necessidade de uma política de integração, de convergência de ação para uma melhor

otimização dos recursos humanos e materiais, com maior produtividade.

Das atividades que exigiram que os sujeitos frequentassem a Biblioteca, os serviços solicitados foram muito variados, mas aqueles considerados básicos de atendimento, tais como: empréstimo, orientação de pesquisas, dentre outros, foram os que receberam maior porcentagem de respostas, com 44%.

Uma contribuição bastante relevante para este estudo foi quanto ao conceito de Biblioteca fornecido pelos sujeitos alunos; já que se pode ter uma dimensão real do que os próprios usuários entendem por Biblioteca.

Várias menções foram feitas, caracterizando a Biblioteca de diversas formas: quanto ao aspecto da coleção, quanto aos serviços, quanto aos recursos humanos, entre outros.

Mas, de um modo geral, fica ainda a concepção de que Biblioteca é lugar depositário de livro, sendo utilizada somente quando necessário ao cumprimento de alguma obrigação e, nunca como lazer, entretenimento.

TARGINO (10; p.88) ressalta que "só em plena idade escolar, a criança tem oportunidade de constatar mais constantemente com o livro e possivelmente irá à Biblioteca, a fim de cumprir as tarefas de classe. Isto lhe suscita a relação imediata biblioteca/ensino, pesquisa, trabalho escolar, enfim, biblioteca/educação formal".

Da Equipe Técnica da Escola

Investigou-se junto aos professores da Rede Oficial de Ensino de São Carlos, se os mesmos conheciam a Biblioteca da CDCC e qual eram suas opiniões em relação a seu uso por alunos de 1° e 2° graus. Desta forma, 56,5% dos sujeitos responderam afirmativamente e, suas opiniões foram muito variadas, podendo-se verificar que para a maioria a Biblioteca compreendia um suporte de apoio e de muita significância para o sistema educacional da cidade.

Mesmo sendo enaltecida, algumas restrições à Biblioteca foram feitas, quanto ao conteúdo de seu acervo, que demonstrou

pelos sujeitos não ser muito substancioso, contendo o mínimo necessário. Isto implica em buscar atualizar o acervo de acordo com as necessidades dessa clientela potencial.

Pelos depoimentos, houve uma tendência dos sujeitos em colocar a Biblioteca da CDCC como uma alternativa à Biblioteca Escolar e a Biblioteca Pública. Explica-se essa suposição pelo fato de que os próprios professores ao recomendá-la aos alunos, naturalmente estão eliminando a possibilidade de encontrarem o material desejado em outra Biblioteca.

Com relação ao conhecimento dos serviços que a Biblioteca oferece, estes foram muitos citados, desde os básicos como orientação nas pesquisas e empréstimo, até o oferecimento de cursos. O percentual de sujeitos que desconheciam os serviços foi 26,3%, aqui considerado um índice alto se comparado com o índice dos que conheciam os serviços. Vale lembrar que esses dados demonstram a necessidade de formação do usuário e de divulgação de outras possibilidades oferecidas pela Coordenadoria. Sugere-se aqui maior atenção quanto à divulgação entre essa parcela do ensino, para que haja maior participação dos professores.

Dentro da questão *"último curso realizado pelos docentes na CDCC"*, constatou-se que 69,6% dos sujeitos nunca realizaram cursos de aperfeiçoamento, reciclagem ou especialização na CDCC. Das respostas afirmativas, foram citados especificamente apenas cinco cursos. É evidente a necessidade de um trabalho mais sistemático a esta clientela.

Conforme afirma AGUIAR (1; p.26) "os professores da Rede, por sua vez, devem ser estimulados, através de programas de valorização, a frequentar as Universidades, suas bibliotecas, laboratórios e cursos nela oferecidos como parte de sua formação e da formação de um espírito permanente de pesquisa em seus quadros".

Questionados quanto ao que significa a CDCC, as opiniões referentes foram as mais diversificadas possíveis, abrangendo tópicos como: Instituição que promove eventos científicos e culturais; Instituição de auxílio ao ensino, pesquisa e aprendizagem e, Instituição prestadora de serviços à comunidade. O maior índice de respostas ficou com a Instituição de auxílio ao ensino, pesquisa e aprendizagem com 60,4%, e o de menor índice foi referente à Instituição prestadora de serviços à comunidade, com 14,6% das respostas.

Por estas respostas, é possível dizer que a CDCC foi compreendida pelos sujeitos como sendo uma Instituição integrada com o ensino de 1º e 2º graus, que oferece apoio ao ensino, através de atividades e profissionais especializados, a professores e alunos da Rede de Ensino da cidade e região.

Quanto à importância de uma Biblioteca para o seu trabalho em sala de aula, os professores se manifestaram favoravelmente à questão, mencionando que a Biblioteca é importante para o desenvolvimento da capacidade criadora e do auto-conhecimento. Havendo atitudes positivas, tem-se oportunidade de obter mais participação por parte deles. Deve-se haver um esforço da Biblioteca na busca da integração, pois como afirma SILVA (9; p.30) "sem a participação ativa e constante dos professores, a dinamização da Biblioteca escolar dificilmente será viabilizada na prática".

A entrevista com a Diretora da escola foi pouco substancial pelo fato de que a mesma desconhecia a CDCC e conseqüentemente a Biblioteca, mas, mesmo assim, baseada nas conversas informais que tem com os alunos, pôde superficialmente mencionar dois serviços que a Biblioteca oferece (empréstimo e consulta).

O que se pode constatar é que o cargo administrativo dentro do Sistema Educacional traz uma série de entraves. Pelas próprias atribuições de um Diretor este se vê com o tempo totalmente tomado em atividades específicas que o faz se distanciar da prática da licenciatura.

O ideal seria que houvesse uma integração das atribuições do cargo de Direção com atividades em sala de aula, para que não fosse perdida a essência do ensino.

Na entrevista com a Bibliotecária, o que ficou claro, é que apesar da Bibliotecária também não conhecer a CDCC e a Biblioteca, ela as indica frequentemente aos alunos, demonstrando atitude positiva. Vê o uso da Biblioteca da CDCC pelos alunos como primordial, por admitir que o acervo da Biblioteca da Escola deixa um pouco a desejar. Reconhece a CDCC como um órgão ligado à Universidade de São Paulo, pronto para apoiar o Sistema Educacional da cidade.

Considera a integração das bibliotecas da cidade importantíssimo, e, ressalta a implantação de um Sistema ou Rede de Bibliotecas Escolares com o intuito de contribuir para o intercâmbio de material informacional e didático, bem como de profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorrente da inexistência de uma política geral da educação brasileira que articule os três graus escolares, somada aos problemas qualitativos apontados, determinadas características do "Sistema" escolar brasileiro tem-se a desobrigariedade do Estado em seus compromissos com a educação, isso nos diversos aspectos em que deve atuar, desmoralizando gradativamente o próprio "Sistema" de ensino público gratuito. Isso se reflete também no Sistema particular de ensino.

Frente ao quadro da realidade educacional e social do país, o educador brasileiro parece preferir predominantemente continuar com a pregação cômoda voltada para as grandes "questões doutrinárias" ou "teóricas", pela qual é socialmente reconhecido e gratificado. Desse modo, fica difícil que ele assuma a postura, privilegiando o fazer-saber de sala de aula dentro de um enfoque mais científico e avaliativo.

Os vários setores da Universidade produtores de ciência precisam atuar de modo a garantir que haja um bom ensino das ciências nos graus antecedentes. Isso implica em cooperação e integração, em valorizar a extensão científica-educacional para os níveis de 1º e 2º graus, bem como de reciclagem de pessoal.

A efetivação da contribuição da Universidade é de muita valia e deve ser, de fato, encarada. Posto que, como ressaltam PEDRA e SAUNER (7; p.155) "o compromisso da Universidade com o ensino, pesquisa e extensão tem se expressado muito timidamente". O compromisso social da Universidade não deve ser tratado isoladamente, pois depende da articulação do ensino superior com os graus anteriores de ensino. As referidas autoras afirmam que "é indiscutível o número de analfabetos que temos no Brasil, bem como o grande número de repetência não só no 1º grau, mas também no 2º grau, fora o que diz respeito à evasão escolar". Outros problemas aparecem, como o despreparo de professores, a inadequação dos conteúdos de 1º e 2º graus e a total falta de integração entre os níveis de ensino. Tudo isso tem contribuído para que a escola no Brasil tenha atingido uma queda substancial em seu nível de ensino.

Como soluções para tais fatos, cabe à Universidade responder pela formação de professores e especialistas, cuja atuação se fará a nível de 1º e 2º graus.

Desta forma, a efetivação da integração Universidade-ensino de 1º e 2º graus terá melhor redimensionamento e ocorrerá de forma muito mais compensadora para ambas.

PILETTI (8; p.41) reafirma dizendo que "a Universidade deve encarar de frente e com serenidade o problema da preparação do professor, sob pena de, no mínimo, ser acusada, e não sem razão, de estar renegando na prática suas responsabilidades acadêmicas e sociais".

De acordo com tais considerações, propõe-se um desenvolvimento crítico das atividades da Coordenadoria junto ao Sistema Educacional da região com a ampliação das áreas de conteúdo dos cursos, bem como, da produção de material didático. Considera-se que a Biblioteca da CDCC deva ter uma participação mais ativa nestas atividades contribuindo para o êxito das mesmas, bem como, viabilizando o acesso das escolas de 1º e 2º graus ao produto-texto destes cursos. A Biblioteca deve promover cursos para educação de usuários junto às bibliotecas escolares existentes na região e para seus próprios usuários. Também pode atuar na integração sala de aula-biblioteca colaborando mais estreitamente com o corpo docente. Finalmente, a Biblioteca deve integrar-se com a rede de bibliotecas Públicas e Escolares para viabilizar a cooperação entre as mesmas, podendo ser um elemento a fortalecer a relação com a própria Universidade.

A extensão universitária realizada sob a forma de integração Universidade-ensino de 1º e 2º graus, se veiculada através de uma biblioteca, possibilitará a disponibilidade de informações em uma maior variedade de formas, dentro desse aspecto, o ensino particularmente estará sendo privilegiado, já que novos métodos de ensino enfatizam o uso de materiais bibliográficos, materiais audiovisuais e outros tipos de materiais didáticos produzidos na Universidade. Além disso, pode-se alcançar, através da Biblioteca, uma descentralização da informação gerada pela Universidade, colaborando assim, para a passagem dessa informação à comunidade estudantil e consequentemente à população em geral.

Assim, se colocará à disposição da comunidade, equipamentos, materiais didáticos produzidos pela Universidade e serviços bibliotecários.

Contudo, necessita-se porém uma avaliação científica dos vários serviços oferecidos pela Biblioteca da CDCC e pela própria

CDCC à comunidade estudantil, para que haja viabilidade da proposta mencionada. Em outras palavras, é preciso aí também atuar de acordo com a concepção de ensino-ciência, sendo a pesquisa o suporte para a obtenção de dados para apoio das decisões a serem tomadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIAR, F. Pelo futuro do futuro: a universidade e o ensino de 1º e 2º graus. IN: II FASE DO FORUM SOBRE A LICENCIATURA E A 1ª. JORNADA PELA VALORIZAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO, 1991, São Paulo. Anais São Paulo: USP, 1991. p. 26-27
2. CARVALHO, A. C. M. D. de É hora de estudar. *Nova Escola*, São Paulo, v. 2, n. 17, p. 41, nov. 1987.
3. CELANI, M. A. A. A educação continuada do professor. *Ciência e Cultura*, s. Paulo, v. 40, n. 2, p.158-163, fev.1988.
4. DUARTE, E. N. **Caracterização e expectativas de usuários da biblioteca "Juarez da Gama Batista", J. Pessoa-PB.** João Pessoa, 1984. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)-Universidade Federal da Paraíba, 1984.
5. LEME, R. T. S. **Comunicação e expressão nas bibliotecas infante-juvenis: ação e perspectivas de bibliotecários.** Campinas, 1988. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)-Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1988.
6. ORMASTRONI, M. J. S. **A importância do auxílio de uma Universidade na realização de programas extra-escolares de ciências.** [s.d:s.n.]. (Monografia não publicada)
7. PEDRA, N. M. de S. & SAUNER, N. F. de M. A integração dos diferentes graus de ensino: uma possibilidade. *Educar*, Curitiba, v. 4, n. 2, p.155-175, jul./dez. 1985.
8. PILETTI, N. A USP e a formação de professores. IN: II FASE DO FORUM DA LICENCIATURA E A 1ª JORNADA PELA VALORIZAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO, 1991. São Paulo. Anais... São Paulo, USP, 1991.

9. SILVA, E. T. da Biblioteca escolar: quem cuida? IN: GARCIA, E.G., org. **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo, Loyola, 1989 p.26-33.
10. TARGINO, M. das G. **Conceito de Biblioteca**. Brasília: ABDF, 1984. 117p.

ABSTRACT

LAMON, S. P. *University extension and teaching: an analysis of pupils and teachers experiences from 1st and 2nd levels*. **Transinformação**, v. 6, n. 1/2/3, p. 124-141, jan./dez. 1994.

The University must think and rethink its integration with 1st and 2nd levels teaching in the same way it thinks itself. Between action perspectives and occurred attitudes from this supposition advised the Coordenadoria de Divulgação Científica e Cultural (CDCC), wich acts on 1st and 2nd levels teaching. It is fundamentally important to know students and teaching professional's perceptions about this. The research was realized with students, teachers, principal and librarian from a Public 1st and 2nd levels School, at São Carlos (N =125). Between the students, studying and researching predominate just when teacher's request. The Public Library is the biggest aid Institution for a bibliographic research, followed by CDCC, where comes to the librarians help. Encyclopaedia and books are the most used materials. From all CDCC activities, "excursions and visits" are more frequent. There is integration needs between activities and libray. Library has a good concept between students and technique staff, although it is insufficiently known and used. To make better CDCC actuation, particularly its Library, several suggestions were made.

RESENHAS

AMOR À LEITURA

CRAMER, E. H. & CASTLE, M. (org.) **Fostering the Love of Reading: the affective domain in reading education.** Newark: IRA, 1994, viii + 277 p.

Ler é um comportamento complexo que envolve aspectos motores, cognitivos e afetivos entre os domínios educacionais que devem ser cuidados no processo ensino-aprendizagem. Entretanto, embora o afetivo seja lembrado freqüentemente, não tem sido suficientemente pesquisado e trabalhado. Não basta aprender a ler. É preciso aprender a gostar de ler. A formação do leitor tem que cuidar do lado afetivo da aprendizagem da leitura.

O livro, de Cramer e Castle, enseja muitas reflexões envolvendo os aspectos científicos e tecnológicos subjacentes ao ensino da leitura quando o domínio afetivo está em foco.

Gambell assina o Prefácio, no qual enaltece a atualidade da obra e lembra que a meta é tornar a criança um leitor motivado, ativo, envolvido, que busca a leitura tanto para lazer como para informação, como forma de Auto-reforçamento e desenvolvimento pessoal. Alcançar esta meta depende dos pais, dos professores, dos administradores e dos pesquisadores. A estes se podem acrescentar os papéis desempenhados por outros profissionais da escola como os bibliotecários, os agentes culturais, os psicólogos escolares, os fonoaudiólogos escolares, que não foram lembrados nos textos.

Na Introdução os organizadores falam da relutância para leitura, isto é, das pessoas que são competentes mas que não têm o hábito de leitura, que quase não exercem esta atividade (Aliteracy). As causas para isto são várias e complexas, mas certamente o não ensinar a gostar de ler é uma das principais.

O livro é composto por cinco partes e um Epílogo; cada parte é composta por 3 ou 4 capítulos relativamente curtos, didáticos,

que servem muito bem para seminários e discussão em pequenos grupos. Há textos excelentes e outros de cunho mais simples mas que servem de mote para discussão do problema. De qualquer forma, em conjunto, fornecem uma boa perspectiva sobre a questão do domínio afetivo na leitura.

A Primeira Parte trata de definir o papel do domínio afetivo na leitura, sendo que Kleine trata do papel da leitura na sociedade e faz um apelo aos professores para valorizarem esta variável em suas aulas. O capítulo assinado por Kema é mais profundo e descreve os modelos de aquisição de atitudes, seus efeitos na aprendizagem de atitudes para com a leitura, bem como as implicações disto para o professor de leitura. Nell sintetiza parte de seu livro sobre o assunto mostrando como ler por prazer pode ser uma atividade extraordinária.

A Segunda Parte continua a trabalhar a questão de desenvolvimento de atitudes de um modo geral (Fisher), enfocando a influência dos professores (Dwyer & Dwyer) e dos pais (Spiegel) na formação de leitores.

A Terceira Parte trata de como motivar o jovem leitor apresentando estratégias para pais, professores e/ou especialistas em leitura. O primeiro capítulo desta parte é da autoria de Johns e Van Leirsburg, que discutem os princípios da motivação intrínseca e extrínseca, a eficiência de cada uma delas e estratégias a serem usadas. Sinatra (capítulo 8) apresenta a literatura e as artes visuais como bases naturais para o desenvolvimento e a manutenção da motivação para a leitura. Os outros textos desta parte apresentam sugestões também para ativar a motivação, sendo o de Cecil mais de caráter lingüístico e o de Cramer mais abrangente e rico em sugestões que mereceriam pesquisa de eficiência na realidade brasileira.

A parte seguinte enfoca como os leitores, especialmente infante-juvenis, podem responder bem às atividades de leitura como é o caso de Castle que resenha pesquisas e vivências de como orientar e ensinar a criança a escolher seus próprios livros. Já Knafle estuda os valores, preferências e aspectos correlatos em obras infante-juvenis e para jovens adultos. Texto que tem continuidade no trabalho de Blachowicz e Wimet os quais tratam de modelos para docentes que optam por trabalhar a partir da literatura.

A Quinta Parte enfoca programas que objetivaram o desenvolvimento do aspecto afetivo da leitura; a primeira enfoca o trabalhar com habilidades vs. afeto (Hethington); o descrito por

Richardson tem por alvo estudantes do secundário e trata da atuação do docente, envolve leitura em voz alta, sendo sua complexidade crescente; a redação de novelas e a sugestão de Schultz e Garcia preocupa-se em educar afetivamente os professores dentro de um enfoque rogeriano.

O Epílogo é de Mikulecky e baseia-se não apenas nos textos anteriores como também em sua longa experiência de 10 anos pesquisando a matéria junto a adolescentes e adultos. Trata da enorme perda que constitui para a pessoa e a sociedade ela ser um leitor relutante. Enfoca também a questão das atitudes, dos hábitos e da percepção da auto-eficácia e fecha o livro lembrando que as lacunas nos aspectos vistos anteriormente podem ser superados pelo menos em parte, quando se trabalha o domínio cognitivo.

Cada capítulo apresenta sua bibliografia, sendo atualizada e atendendo o esperado cientificamente em textos científicos. Completam a obra o índice de autores referidos, com menção de que a citação foi feita nos textos, em figuras ou em Tabelas.

Sem dúvida é uma obra que, como disse Gambell no Prefácio, marcará época, sendo de grande utilidade para os que trabalham direta ou indiretamente com a leitura.

Geraldina Porto Witter
PUCAMP

CENSURA E ESCOLARIZAÇÃO

SIMMONS, J. S. (org.) (1994) **Censorship: a threat to reading, learning, thinking.** Newark: IRA, 279 p.

A censura é uma questão ideológica e política complexa que influi, direta ou indiretamente, na sociedade como um todo e tem seus reflexos, com maior ou menor amplitude, no ensino-aprendizagem que ocorre em todos os níveis de escolaridade. Poderá se fazer de forma evidente e ostensiva como ocorre nas ditaduras, mas também acontece, ainda que de forma mais sutil, nas democracias.

O livro aqui focalizado trata precisamente da censura na escola, em um contexto de democracia, tomando por base como isto ocorre ou pode acontecer em termos de leitura. Através da referida disciplina acadêmica estabelece um referencial amplo, com base em dados e vivências, para a análise e discussão desta questão. É uma denúncia. É um alerta. É uma oferta de estratégias a serem consideradas em cada realidade.

Simmons é o organizador do livro que conta com a colaboração de muitos especialistas em leitura, ensino, censura. São docentes-pesquisadores vinculados a várias universidades.

Foram escritos 22 capítulos organizados de modo a compor três sessões: Algumas Dimensões do Problema; Queixas e Mudanças em Sala de Aula e Alguns Planos de Ação.

O presidente passado do National Council of Teacher of English, Davis, faz a apresentação de obras como a pedra fundamental no controle e no combate à censura, lembrando que todos os defensores da liberdade se beneficiarão com este trabalho. O prefácio é assinado por Simmons que lembra os perigos de se ignorar a censura, suas novas faces e nuances e esclarece que o propósito da presente coletânea é justamente fornecer uma perspectiva ampla,

abrangente e profunda do cenário atual da censura no contexto educacional.

Cada parte começa com um prólogo sucinto em que o organizador apresenta a estrutura geral da mesma. O primeiro capítulo é assinado por Simmons e enfoca a leitura crítica, cujo conceito é muito controvertido, como um meio de recuperação da censura, tornando-a obsoleta e ilógica, já que o leitor tem condições de analisar qualquer tipo de informação a que esteja exposto. Entretanto, é preciso que a educação assegure a formação de leitores críticos. No capítulo seguinte, Whitson mostra que muitos professores não estão cientes do problema da censura ou acham erroneamente que é questão envolvendo apenas alguns aspectos do currículo quando, de fato, pode estar presente em todo o currículo, inclusive nos textos científicos, jurídicos, literários.

Jenkinson apresenta uma síntese de suas pesquisas envolvendo mais de 300 incidentes de protestos contra uso de determinados textos, ao longo de 20 anos. Uma longa trajetória de censuras absurdas mas que tiveram impacto. Lembra a queima de livros como forma de censura. Torna-se imperativo que pais e professores aprendam a reconhecer as muitas táticas que os censores costumam usar para fazer valer suas proposições. O assunto tem continuidade no capítulo seguinte, no qual Marzano enfoca a nova censura, os novos censores que recorrem a estratégias mais sutis. Sem conhecê-los e aos seus recursos fica inviável fazer com que parem de censurar e sejam os juizes de sua própria ação.

Rosenblum apresenta três estudos de caso de censura em relação a livros, ocorridos em escolas e que chegaram à corte de justiça para decisão. Lembra que "uma característica de todos os sensores é o desejo de controlar o que os outros lêem, vêem e pensam" (p. 51). O outro lado da questão que vem sendo denominado "politicamente correto" é focado por Simmons, mostrando os riscos que apresenta como uma forma de censura e como restrição à criatividade e à liberdade dos autores. Cria-se a auto-censura e a censura pró-ativa. O autor lembra que para atender ao "politicamente correto" ao escrever um texto para escolas públicas o autor tem que se ater a tantos aspectos que se esvai a possibilidade de criação livre e, se pode dizer, realística. Deve considerar entre outras coisas: porcentagem de negros, índios, chineses, etc presentes no texto; usar nomes de origem latino-espanhola na mesma proporção que os

anglo-saxônicos; evitar pronomes que possam ser associados a vieses sexuais; estar atento à inclusão de aspectos relativos aos direitos do consumidor, excluir críticas a religiões, evitar estereótipos étnicos, evitar posições políticas divergentes e referências a uso de drogas, entre outras restrições para que o texto seja "politicamente correto". São barreiras à criatividade e até mesmo à possibilidade de narração de realidades específicas.

Conrier é autor de livros infanto-juvenis de sucesso (Guerra do Chocolate; Eu Sou o Queijo), fecha esta parte narrando sua vivência e a de uma jovem que foi impedida por seus pais de ler e assistir os debates em classe sobre a Guerra do Chocolate, ficando sentada, sem fazer nada, numa biblioteca, enquanto os colegas estavam entusiasmados, participando dos debates. É enriquecedor ver a censura também do prisma do escritor. Lembra que a censura pode ser uma ato sincero, às vezes desesperado, de pessoas que se sentem ameaçadas pelo mundo em que vivem e no qual estão criando seus filhos.

Na segunda parte são enfocadas condições de ocorrência de censura na escola primária e secundária. Faltou alguns textos enfocando a questão também no terceiro grau.

Shater faz uma análise das definições de alfabetização e métodos de ensino nesta etapa, propostos pelos pesquisadores nos últimos 15 anos. Mostra preconceitos e ocultamento em definições, na objeção de uso a procedimentos e métodos. Muitos preconceitos decorrem do temor das mudanças, outros do desconhecimento ou do ocultamento de informações. Impressões pessoais e boas intenções são, também, tomadas como base para efetivar censura a textos nas escolas como mostra McClain.

A censura na escola emerge em seu próprio interior também vem de fora da escola. Muitos professores são verdadeiros censores de idéias e de respostas em suas próprias classes, lembra e exemplifica muito bem Hydrick. Destaca ainda que o uso ou não de certos materiais não é a única forma de censura. Por vezes, parece haver liberdade intelectual nas suas classes, mas um exame mais crítico explicita a censura. É o que ocorre quando há esquiva de temas controversos, ou uma só visão do mesmo é apresentada, ou quando livros polêmicos são excluídos. Certamente boas escolhas de textos e trabalhos exaustivos com os mesmos levam a uma aprendizagem efetiva, mas isto deve ocorrer sem pré-julgamentos, sem censuras.

A censura externa interfere na escola muitas vezes pela ação dos pais e de grupos organizados da comunidade e até mesmo por pessoas que têm algum poder de decisão. Como exemplo, Hydrick cita um superintendente do sistema de bibliotecas que censurava os livros que o carro biblioteca levava até as escolas, considerando que era sua responsabilidade evitar que os alunos tivessem acesso a “materiais perigosos” e a informação sobre sexo. Fez isto por mais de 25 anos!

Histórias sobrenaturais constituem assunto de interesse para crianças e adolescentes que buscam estes textos como forma de lazer. Tomlinson e Tunnell, revendo a literatura, mostram que esta popularidade entre os alunos não têm sido levada em consideração por adultos que preferem censurar estes textos a usá-los criativa e criticamente, muitas vezes interferindo na possibilidade da criança tornar-se um leitor fluente.

O texto de Gallo começa justamente com um rol de obras da literatura para jovens, considerada dentre as melhores e outras obras da melhor literatura internacional para adultos e que foram vítimas de censuras descabidas. Vale lembrar algumas: As aventuras de Huckleberry (Mark Twain), Antígona (Sófocles), O Mercador de Veneza (William Shakespeare), 1984 (George Orwell), O Mágico de Oz (Frank Baum) entre outros. Nas várias ocasiões, justificativas diversas são usadas e inadvertidamente aceitas por muitos, sem uma devida análise da questão. Mostra também que temendo ataques de censores externos, muitas vezes, professores, bibliotecários, especialistas em meios e administradores optam por assumir o papel de censores, impedindo ainda que dissimuladamente a leitura de outros.

Seguem-se capítulos que tratam da censura nos Estudos Sociais (Nelson), no ensino de História (Allen) e da evolução das espécies (Scharmann).

A parte final é constituída por textos que permitem pensar, analisar criticamente a situação e planejar ações contra a censura na escola. Neste contexto, Spite enfoca a dificuldade de discussão negociada da censura, a necessidade de responder adequadamente a esta questão nos anos noventa, lembrando que é fácil detectar e agir quando a censura se apresenta como uma barulhenta intervenção, mas isto não ocorre quando ela é uma tempestade silenciosa.

Agee dirige suas palavras aos administradores lembrando o papel dos mesmos neste contexto tendo por ponto de partida a censura ao uso do Diário de Anne Frank, nos anos 60, como objeto de estudo na escola secundária. Já Small Jr. procura resposta à questão se os professores devem ser preparados para trabalhar com a problemática da censura ou se isto deve ficar circunscrito à universidade, aos especialistas e aos pesquisadores. A opção é incorporar os docentes. Caracteriza os seguintes tipos de censores (nos quais também os professores se encaixam): I - "Sei o que é melhor para você"; II - "Eu faria isto se fosse você"; III - "Não tente ensinar esta sujeira às minhas crianças". Entretanto, conclui que mais importante do que informar o futuro professor sobre a censura e seus mecanismos e sobre as formas de reação é fazê-los conhecer mais sobre a leitura, desenvolver atitudes positivas em relação à criança, sua criticidade e estimular a busca de novas tecnologias, equipá-los para enfrentar com segurança os censores que venha a encontrar.

Stern, em um texto bem prático, oferece estratégias aos professores de inglês, da escola secundária, para agir em relação à censura. Enfoque similar é encontrado no capítulo de Penway dirigido aos bibliotecários de bibliotecas escolares de nível médio, lembrando-os de adotar o Library Bill of Rights and Freedom to Read Statement, "a melhor expressão dos princípios da liberdade intelectual" (p. 212).

É importante definir políticas transparentes e evitar que ocorra censura já na aquisição, na recomposição e na disponibilidade de material, do acervo para os leitores. Esboça os meios pelos quais grupos podem pressionar as bibliotecas devendo os responsáveis por elas rebatê-los não esquecendo a função da instituição que dirigem.

A temática tem continuidade no discurso de Grantham com relatos vivenciados em escolas.

O último capítulo é de autoria de Donelson que apresenta 10 passos para liberdade de ler: (1) os responsáveis pela escola devem preparar de forma clara, breve e honesta a filosofia educacional da escola; (2) estas afirmativas ou diretrizes devem ser detalhadas pelos departamentos e pela biblioteca; (3) os responsáveis pela escola devem aceitar as assertivas detalhadas para definição de políticas e procedimentos quanto às objeções a materiais didáticos; (4) os responsáveis devem cuidar para que os professores não sejam censores; (5) os responsáveis podem solicitar que os professores justifiquem como ensinam e os materiais que usam; (6) quando um

ensor chega, a escola deve estar preparada e lembrar-se disso ao se relacionar com ele; (7) o censor ou quem quer que proteste deve primeiro conversar com o professor ou com o bibliotecário, antes de qualquer encaminhamento; (8) se o problema não se resolver em sete, orientar quem reclame quanto a aspectos relevantes subjacentes à queixa; (9) se nada do anterior funcionar, formar um comitê para estudar a questão e (10) em situação de absoluta preservação de confiabilidade implantar o decidido pelo seu comitê.

Para facilitar a consulta, há um índice de autores, indicando a condição em que foi citado (figura, nota, tabela, texto). Há ainda um índice de assuntos.

Trata-se de obra de interesse a quem quer que possa ser censor ou vítima da censura, especialmente para os que estão envolvidos com a educação, particularmente os que trabalham com textos.

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP

VOZES DOS ALUNOS

BERNICE E. CULLINAN(ed) - Children's voices: talk in the classrom
Newark (Del): IRA, 1993, 94 p.

No Brasil infelizmente ainda prevalecem nas salas de aula atitudes e tecnologias de ensino que praticamente inviabilizam ou esteriotipam as possibilidades do aluno falar em sala de aula. Neste sentido, é particularmente relevante dispor e difundir trabalhos como o de Cullinan aqui enfocado.

Cullinan é uma pesquisadora educacional de mérito reconhecido internacionalmente e que para organizar o presente livro contou com a colaboração de especialistas vinculados a várias universidades dos EEUU, os quais estão cientes de que as chamadas artes da linguagem (ler, escrever, falar e ouvir) estão interligadas e que uma ajuda a construir a outra e juntas reforçam a aprendizagem. Na interface destas artes é relevante falar sobre livros, ouvir e contar histórias e dramatizar as cenas favoritas.

O prefácio é assinado por Huck que lembra a importância da mãe ler sistematicamente histórias para seus filhos, pelo menos a partir do 8º mês de vida da criança, bem como de recorrer às histórias lidas como tema de suas conversas com as crianças. Na Introdução Cullinan relembra os seguintes princípios: os estudantes aprendem falando; falar ajuda a esclarecer as idéias; falar ajuda a compreensão; falar diante de um grupo desenvolve a confiança; a fala abre uma janela para o pensamento do aluno. Lembra também que os adultos podem ajudar o desenvolvimento da linguagem da criança ouvindo-a atentamente, usando o que ela diz como base da conversação, selecionando e liberando suas mensagens de acordo com a capacidade de compreensão da criança mas de modo que ela própria elabore sua interpretação.

A obra é constituída por cinco capítulos; um índice de citações, outro de autores de livros infantis e um terceiro de livro para crianças. No primeiro capítulo Fitzgerald apresenta o estudo da literatura como meio para enriquecimento da linguagem oral, lembrando que os corais ainda podem ser instrumentos úteis neste contexto. Discussão sobre a literatura e resenhas de livros feitos oralmente em classe individualmente ou em grupo - também são instrumentos úteis para desenvolvimento da verbalização. Entretanto, a dramatização de obras literárias parece ser o veículo de desenvolvimento do comportamento oral por excelência. Em 1965, um educador inglês, Wilkinson cunhou o neologismo **oracy** ou **oracidade** pelo qual se compreende a aquisição da capacidade geral de usar as habilidades de ouvir e falar, em analogia à alfabetização. É preciso estudar e pesquisar como as estratégias referidas atuam no desenvolvimento pretendido.

Barton enfoca uma velha estratégia de contar história mostrando que em termos educacionais ela é muito preciosa, sendo seu ponto crucial a escolha do material. Embora haja uma bibliografia relativamente recente e farta sobre a matéria como evidencia em seu capítulo, também fica implícita a carência de pesquisas. As mesmas considerações feitas em relação ao conteúdo deste capítulo se aplicam ao seguinte que leva a assinatura de Sebesta que enfoca a representação e a discussão do drama em sala de aula.

A mesma matéria é retomada por Wollman-Bonilla porém vista do ângulo do aluno destacando que o falar precisa transformar-se em um instrumento de aprendizagem e que a discussão sobre literatura é um bom caminho para isto, conforme apoiam as informações disponíveis na área e traz muitos benefícios ao aluno.

Ressurgem fortalecidos os círculos literários que no século passado e começo deste tiveram um papel social e cultural relevantes. Short e Klassen enfocam os efeitos destes grupos no comportamento das crianças e jovens. Descrevem a adesão, os tipos de círculos, sua organização, sua ação, os aspectos multiculturais envolvidos.

O livro é voltado predominantemente para o professor, mas implícita em cada capítulo está a necessidade de pesquisas de avaliação e de validação dos procedimentos seguidos. Cabe aos pesquisadores desenrolar os muitos fios que estão emaranhados, freqüentemente não evidenciando as diferenças entre o saber científico

e o saber de bom-senso que muitas vezes se transveste ocultando uma pseudociência.

A grande maioria das sugestões apresentadas são conhecidas mas muito pouco usadas nas escolas brasileiras. Além disso, quando postas em prática não são aplicadas de forma sistemática nem avaliadas adequadamente. Mais ainda, considerando a variedade cultural é necessário conduzir pesquisas cuidadosas para analisar o efeito e a eficiência de tais procedimentos para o desenvolvimento da verbalização entre estudantes brasileiros.

**Geraldina Porto Witter
PUCCAMP**

O PROFESSOR E A LEITURA

INTERNATIONAL READING ASSOCIATION (1994) **Teacher' Favorite books for kids**. Newark, Delaware: IRA. 100p.

O professor ocupa um papel central na formação de leitores quer por ser um modelo, quer por sua atuação no processo ensino-aprendizagem. Neste último papel cabe-lhe a escolha e a indicação de livros aos seus alunos, o acompanhamento do desenvolvimento do aluno-leitor, o ensino de estratégias mais adequadas à leitura dos vários tipos de textos e de conteúdos, a avaliação e outras atividades correlatas. Sua ação é tão importante que não pode ser ignorada por quem quer que se interesse ou pesquise as questões relativas à leitura.

Considerando a relevância das informações disponíveis entre os professores sobre textos que viabilizam um bom aproveitamento por parte dos alunos, que os motivam, que favorecem o êxito no processo ensino-aprendizagem a International Reading Association passou a exercer uma atividade básica no setor, que seria relevante fosse também conduzida pelas Associações Nacionais.

Em 1989 teve início esta atividade através do seu projeto Teachers' Choices enfocando as preferências dos docentes em relação aos livros para crianças e adolescentes editados nos EEUU.

O projeto incluiu como primeiro passo a seleção pelos docentes dos livros considerados excepcionais. Em seguida foi realizada uma pesquisa de campo com cerca de 500 livros. A pesquisa foi conduzida por sete equipes constituídas por: um coordenador regional, especialistas, líderes de campo, professores, revisores, bibliotecários, auxiliares de pesquisa. Enfocaram o comportamento dos leitores para verificar que livros preenchiam os critérios de excelência pré-estabelecidos. Os livros foram passados

a professores e bibliotecários, tendo o coordenador registrado a reação dos mesmos e pedido que avaliassem os livros. Cada livro foi avaliado, em cada região do país, por pelo menos seis professores e seis bibliotecários, de modo que cerca de 200 pessoas analisaram cada obra. A listagem final decorreu destas avaliações. Professores e bibliotecários fizeram suas avaliações depois de testarem os livros com seus alunos e usuários. Isto dá uma boa margem de segurança no uso da lista final.

Por cinco anos consecutivos esta pesquisa foi repetida sendo seus resultados publicados anualmente no periódico **The Reading Teacher** sendo distribuída sob a forma de brochura a listagem dos livros aos interessados.

O livro aqui resenhado apresenta a relação de cerca de 150 livros e que constitui a síntese dos cinco anos de pesquisa constituindo em uma excelente fonte para pesquisadores, biblioterapeutas, pais, bibliotecários, professores e mesmo para os jovens leitores. É uma lástima não se dispor de material similar, com o devido apoio em pesquisa, para a língua portuguesa. Infelizmente o volume de pesquisa, o de esforço e de investimento é muito alto para ser conduzido por pesquisadores isolados. Há necessidade de órgãos estatais ou de associações fortes investirem nesta direção. Fica aqui explícita a necessidade e a sugestão posto que com isto muito se poderia fazer em favor da formação de melhores leitores.

Os livros escolhidos foram os que obtiveram os melhores resultados nas pesquisas e refletem estilo literário de alta qualidade, conteúdo excelente e compatível com os interesses de crianças e de adolescentes, apresentam bela linguagem e também a apresentação gráfica merece destaque. Muitos destes livros não poderão ser lidos especialmente por crianças, sem uma indicação e orientação de adultos. As obras selecionadas vão muito além do ensino de língua, podem ser usadas também em estudos sociais, matemática, arte, dramatização, música, biblioterapia e para outros fins de ensino-aprendizagem.

Para facilitar a consulta, a relação foi organizada em grupos por escolaridade primária abrangendo as primeiras séries do primeiro grau, para crianças de 5 a 8 anos; Intermediário para as séries mais avançadas (3ª a 5ª) do primeiro grau ou crianças entre 8 e 11 anos; avançado que abrange o início da adolescência (até 15 anos). Naturalmente, há superposição nas categorias podendo alguns textos de uma faixa etária interessarem também a outra.

Cada obra entra na relação a partir do título do livro, seguindo-se as demais informações de caráter bibliográfico. Segue-se um breve resumo do trabalho após o qual aparecem sugestões aos professores para exercícios que podem ser feitos com os alunos a partir do texto. As sugestões incluem atividades que abrangem os conteúdos de várias áreas do currículo. As informações arroladas são suficientes para a tomada de decisão no processo de ensino-aprendizagem nos trabalhos psicopedagógicos de desenvolvimento, de prevenção ou remediação da aprendizagem e para os programas de biblioterapia.

Aqui é apresentado um exemplo para ilustrar o anteriormente referido.

The Empty Pot (O pote vazio)

Demi, Ilustrado pelo autor. Henry Holt. ISBN0-1217-6 TC. 91 (ano de publicação do original).

"Ping é um menino chinês que ama as flores, tudo o que planta cresce. Para selecionar um herdeiro para o trono o imperador deu a cada criança do império uma semente dentro de um pote. Elas deveriam trazer o pote com a planta um ano depois e quem apresentasse a melhor planta seria o herdeiro. Sem que as crianças soubessem, as sementes foram antes fervidas de modo que não poderiam germinar. Como Ping foi a única criança a ter coragem suficiente para apresentar um pote vazio ao Imperador, foi a escolhida para o trono".

"O livro foi usado no estudo de valores, honestidade e coragem. É um modelo para a coordenação de texto e arte e excelente para leitura em voz alta".

Também pode ser usado como elemento para discutir estudos sociais (política, sistemas de governo) usos e costumes de outros países, geografia. Este personagem pode ser usado como modelo em sessões de biblioterapia para pacientes com problemas de auto-estima, com dificuldade para definir tábua de valores e auto-controle.

É evidente a carência deste tipo de material no Brasil, porém, para justificar este tipo de edição há necessidade de pesquisas.

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP

NOS CAMINHOS DA LEITURA

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p. original em francês de 1989.

A preocupação de Foucambert volta-se para a conscientização dos pais professores e bibliotecários no processo de leiturização, acreditando que esse método de incentivar a leitura auxiliará principalmente aos professores nos tradicionais métodos de alfabetização.

O livro encontra-se dividido em três capítulos sendo estes compostos por textos didáticos desenvolvidos em cursos nas escolas da França e publicados nos periódicos de educação francesa.

Capítulo 1 - As abordagens Mediáticas - resgata o processo de alfabetização estruturado pelas antigas sociedades, sendo comparado com o processo de alfabetização da sociedade atual em pleno desenvolvimento dos meios eletrônicos. A importância que é designada à leitura vem a ser um fator democratizador, uma vez que através do ato de ler, o leitor compreenderá e dominará melhor o mundo ao seu redor.

Uma dificuldade encontrada pelas escolas é que preferem explorar a linguagem escrita, não desenvolvendo a linguagem visual e no processo final desse "aprendizado" as crianças sabem ler pouco e ainda cometem erros na escrita. Para que não ocorra erros na alfabetização da criança e na tentativa de corrigir os já cometidos Foucambert sugere: fornecer aos leitores informações adequadas sobre a leitura. A Associação Francesa pela Leitura (AFL) elaborou uma bibliografia sobre trabalhos desenvolvidos sobre leitura que contribuirá para a formação dos pedagogos, fazer com que a escola dê à criança não apenas um texto, mas que explore outros textos; o

professor deverá explorar as mais variadas estratégias que a criança utiliza, seja os programas de TV, ou os jornais, revistas, livros, histórias em quadrinhos entre outros.

A leitura não é somente aquela que se realiza na escola, diante dessa realidade o contato do professor com os pais e com as bibliotecas torna-se uma maneira de intercambiar informações o que ajudará no processo educacional dos alunos, faz um alerta aos professores e bibliotecários quanto ao uso da leitura, pois, "...desescolarizar a leitura significa que, tanto em relação às crianças quanto aos adultos, todas as instâncias educativas devem ter o cuidado de formar o leitor sob o ângulo da técnica e do manuseio do livro" (p. 16).

O desafio proposto não é em relação à alfabetização da população, mas sim com a leiturização dos não leitores, dessa população. São várias pesquisas realizadas na França em relação ao nível de leitura dos alunos das 6as séries do primeiro grau e revelam que 20% das crianças não retiram da escrita informações necessárias em nível de compreensão, isto é, em leitura; 64% dos alunos apresentam velocidade de leitura inferior à velocidade da fala e utilizam mais ou menos corretamente estratégias alfabéticas da combinação grafo-fonema; apenas 16% dos estudantes (1 aluno em 6) dizem que são leitores. Essa baixa porcentagem de leitores no início do College (5ª a 8ª série do 1º grau no Brasil), chega a 30% no final da 3ª série, o que tem ocasionado evasão dos alunos durante o 1º ciclo. Estima-se que 20% dessa faixa etária será capaz de trabalhar com a escrita.

O capítulo 2 apresenta as abordagens teóricas, Parte de trabalhos realizados pela Associação Francesa pela Leitura, enfocando a relação grafo-fonema onde se dá prioridade para a escrita entendida através da língua oral cujo lema é "aprender a ler lendo" (p. 46). Os trabalhos mencionados mostram, através de um esquema, a construção do sistema grafo-fonético, onde o próprio sistema é o elo de ligação entre a escrita e a linguagem oral.

A escrita é enfatizada como um instrumento de mudança social, sendo que o indivíduo através da própria escrita tende a torna-se um indivíduo crítico.

As abordagens sócio-políticas são o eixo do capítulo seguinte. Foucambert frisa a importância da leiturização acreditando

que se as escolas incorporassem esse método de ensino poderiam deixar o sistema tradicional com que trabalham, passando a ter mais crédito perante a sociedade. O que é preciso no momento atual na escola é desescolarizar a leitura, mas a escola por si só não é capaz de realizar esse processo, há a necessidade de uma política de ação comunitária por parte das instâncias e movimentos de educação popular. Essa ação de educação popular desenvolvida em múltiplas instâncias com empresas, associações de bairros, bibliotecas, formação contínua, meios de comunicação, grupos de lazer, entre outros. Avançando nas seguintes dimensões: desenvolvimento das estratégias de leitura e abandono dos comportamentos alfabéticos; multiplicação dos encontros com diversificados tipos de escritos sociais; reapropriação comunitária das práticas educativas.

Desse modo, Foucambert tenta desvendar a questão da leitura que é um problema encontrado em todos os países.

Esse livro é recomendado para professores de 1º e 2º graus, pedagogos, bibliotecários, para profissionais que de um modo geral trabalham com alfabetização na conscientização de que a leiturização poderá ser um método alternativo, fazendo cada vez mais novos leitores.

Márcia Aparecida Pillon
Mestranda em Biblioteconomia - PUCCAMP

**COMUNICAÇÕES
DE PESQUISA**

A BIBLIOTECA NO ANNUAL SUMMARY OF INVESTIGATIONS TO READING (JULHO DE 1992 A JUNHO DE 1993)

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP

A principal fonte de referências ou base de dados sobre leitura é o **Annual Summary of Investigations Relating to Reading**, publicação da responsabilidade da **International Reading Association**, que cobre a produção científica da área de 1º de Julho de um ano a 30 de Junho do ano seguinte. Nos últimos anos a organização e editoração tem estado sob a responsabilidade de Sam Weintraub, da State University of New York at Buffalo.

O último número (Weintraub, 1994) cobre a produção de julho de 1992 a junho de 1993, totalizando 589 pesquisas. A base de dados está organizada em seis grandes campos ou categorias, com várias subcategorias. A produção por categoria foi a seguinte: I Sumário de pesquisas sobre leitura - 3 (0,51%); II Formação e prática docente 58 (9,85%); III Sociologia da Leitura - 122 (20,7%); IV Fisiologia e Psicologia da Leitura - 235 (39,89%); V Ensino da Leitura - 33 (5,60%). Continua como área de maior produção a IV.

Quanto à Biblioteca, seus usos e serviços, a base de dados arrolou no ano em tela 13 trabalhos (2,21%) específicos.

Marchant (1991) estudou a motivação de 200 leitores adultos que freqüentam a biblioteca encontrando quatro motivadores derivados de seus principais interesses: casa e vida familiar; crescimento vocacional, religião e política. Também trabalhando com adultos universitários, Selth, Kolla e Briscoe (1992) enfocaram a circulação de 13.029 volumes sorteados de uma população de 1.100.000 volumes. Verificaram que a grande maioria dos livros não

eram usados (cerca de um milhão), também constataram que é inviável através da análise de circulação (empréstimos) inferir o uso do acervo internamente.

Peck (1992) trata de um tópico tecnológico de grande relevância: a durabilidade dos discos compactos e discos óticos nas bibliotecas sob a forma de CD-ROM. Trata-se de tecnologia que vem sendo adotada de forma marcante nas bibliotecas como maneira de se dispor de bases de dados. Os dados das pesquisas na área são pouco encorajadoras no que diz respeito à longevidade destes materiais, embora alguns avanços tecnológicos recentes estejam ocorrendo, eles são muito sensíveis às condições ambientais e à qualidade do manuseio. É uma questão de interesse para todas as bibliotecas informatizadas e em vias de informatização.

Liu (1993) identificou as dificuldades apresentadas por universitários estrangeiros, de países em desenvolvimento, que estavam estudando em Berkely quando precisavam usar a biblioteca e que incluíam: domínio de tecnologia e do sistema de classificação, palavras-chave, fazer referências, usar catálogo e recorrer ao plágio.

Jowkar (1992) estudou as competências exigidas dos professores responsáveis pela formação de futuros bibliotecários no Irã tendo por termo de comparação o que ocorre nos países em desenvolvimento, buscando denominadores comuns em um estudo comparativo de currículo. Concluiu que é viável uma base única para os currículos com adendos que atendem às características de cada país.

Weitzel (1992) verificou que as equipes de saúde no terceiro mundo são usuários pobres dos serviços das bibliotecas, têm pouco conhecimento da literatura disponível e apoiam-se mais na transmissão oral do conhecimento.

Garland (1993) discute as estatísticas feitas pelos bibliotecários de escolas elementares e de segundo grau e o uso que fazem destas estatísticas. As estatísticas colhidas dizem respeito principalmente: à circulação (53%), ao uso de material impresso vs não impresso (57,5%) e ao uso de textos de ficção vs não ficção (66,7%).

Umunnakwe (1992) estudou o papel que as bibliotecas escolares passaram a ter na Nigéria com a implantação de uma nova

política educacional, passando a ser melhor equipadas e ter melhor padrão de envolvimento no processo educacional.

De Candido e Mahony (1992) apresentam dados resultantes de uma pesquisa por telefone e fax junto às equipes de especialistas em meios nas bibliotecas escolares de 38 estados dos EEUU. O estado com maior média de especialistas na biblioteca é o de Wisconsin, com um especialista para cada 58 alunos. O pior desempenho é de New Hampshire (um especialista para cerca de 9.000 alunos). Doll (1992) também enfocou as bibliotecas escolares em termos de centros de mídia apontando a necessidade de manter ambientes variados. Van Orden e Wilkes (1993) também estudaram estes centros em sua pesquisa mas procurando avaliar o impacto dos mesmos, tendo encontrado como barreiras para seu uso: razões psicológicas (atitudes), políticas, legais, funcionais, comunicacionais; planejamento, falta de liderança, falta de espaço e de facilidades nas escolas com muitos alunos.

Shaw (1991) pesquisou a relação entre 1330 resenhas de livros relativos a 200 obras de ficção, encontrando correlação (0,62) entre o número de resenhas e o número de aquisição dos livros pelas bibliotecas.

Pell (1992) fez uma pesquisa descritiva relativa à biblioteca de Fernando Colombo, filho de Cristovão Colombo, conhecido pelo seu interesse pelos livros, tendo sido um dos que propôs a criação da Biblioteca Nacional da Espanha, quando faleceu tinha uma biblioteca estimada entre 15.000 e 20.000 volumes. Tendo trabalhado e viajado em vários lugares, sempre cuidou de comprar livros e manuscritos por onde passava, tendo sempre cuidado de anotar local, data e preço de cada livro. Também desenvolveu um sistema de catalogação para seu acesso. Apenas parte de sua biblioteca ainda existe.

Pelo exposto, os pesquisadores que centralizam sua atenção na biblioteca, privilegiaram no período a biblioteca escolar e o estudante universitário.

Para o bibliotecário há na base de dados aqui enfocada outras subcategorias de grande interesse para o exercício de suas atividades. Vale lembrar algumas delas: Papel e uso dos meios de massa (N = 22); Interesse pela leitura (N = 9); Publicação de Livros (N = 5); Atitudes (N = 10); e se trabalhar com leitores atípicos ou especialistas nesta área tem na IV Categoria um rico material.

A produção relativa à Biblioteca precisa crescer pois há muito por se pesquisar nesta área.

REFERÊNCIAS

WEINTRAUB, S. (org) (1994) **Annual Summary of Investigations Relating to Reading**. Newark, Del: IRA

1898 - CATALOGAÇÃO E SERVIÇO AO PÚBLICO (NOTA HISTÓRICA)*

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP

Thomas Rabello foi presidente da Câmara Syndical dos Corretores de Fundos Públicos, no Rio de Janeiro, de 1877 a 1898 e tinha preocupação em torná-la mais útil aos seus integrantes e ao público em geral. A Câmara tinha uma biblioteca denominada Bibliotheca do Commercio. Para facilitar o acesso ao acervo da biblioteca, Rabello fez publicar um catálogo das obras que compunham a 1ª Secção da referida biblioteca.

O Catálogo da 1ª Secção da Bibliotheca do Commercio foi editado sob a forma de um livro pequeno, capa dura, sem qualquer apresentação ou esclarecimento quanto a conceitos e categorias usadas na catalogação das obras que compunham o acervo da biblioteca.

O Catálogo está organizado sob a forma de tabelas cuja linha matriz oferece os seguintes títulos: Números, Autores, Obras e Volumes.

Os números parecem referir-se ao número de tomo das obras e volumes ao número de exemplares disponíveis.

Dos autores, a grande maioria é apresentada apenas pelo sobrenome. Ex.: Alauzet, Collin etc.. Alguns incluem a inicial do prenome entre parênteses após o nome de família como em: Bastiné (L.) ou Beaussant (A.). Mais raramente, também entre parênteses, aparece o prenome de forma completa como em Caen (Lyon) ou Phillips

(*) Agradecemos ao pessoal do Museu Republicano de Itu, da USP, o acesso à Coleção Prudente de Moraes em que consta a obra que deu origem ao presente texto.

(Willard). O critério adotado para proceder de uma outra forma não foi explicitado e um exame da obra em si não viabiliza detectar que critério estava sendo usado.

Na coluna destinada a Obras consta apenas o título das mesmas sem nenhuma informação de editoração (local, data, editora, impressão, reedição etc). Às vezes, entre parênteses aparece alguma informação adicional sobre o conteúdo. Provavelmente são adendos feitos pelo responsável pela organização do **Catálogo** para melhor informar ao leitor sobre o conteúdo da obra. Exemplo do primeiro caso é o **Traité Général des Assurances** e, do segundo, podem ser referidos: **Côde du Commerce** (Commentaires), informando ao usuário que se trata de um comentário sobre o referido código. **Côde Commercial** (anotações) que diz se tratar também de notas sobre a matéria que emprestou seu nome ao título da obra.

O **Catálogo** está organizado por áreas ou categorias do conhecimento. Elas são arroladas a seguir, mantendo-se a forma ortográfica usada pelo autor responsável:

Direito Commercial e Marítimo;
Direito Civil;
Direito Internacional e Direito Público
Direito Administrativo;
Direito Diplomático e Consular;
Direito Constitucional;
Economia Política;
Bancos, Bolsa, Commercio e Indústria;
Câmbio, Moeda, Crédito
Sciencias e Finanças
Contabilidade-Sciencias;
Estatística;
Diccionarios de linguas: sciencias e artes;
Tratados sobre Impostos;
Tratados sobre fallencias e liquidaciones;
Histórias diversas;
Economia Rural, Industrial e Social;
Da Propriedade e da Herança e
Obras diversas

É evidente que a catalogação atende a necessidades de uma biblioteca especializada em que direito e economia relacionados às empresas e ao comércio ocupam um espaço significativo. Indicam não apenas cuidado em atender a sua especificidade mas também na aquisição de obras para o acervo em termos da demanda de seu usuário potencial. Seria interessante dispor de catálogos semelhantes de outras bibliotecas brasileiras ou não, da mesma área para análise do sistema de classificação utilizado. Fica aqui a sugestão de uma pesquisa de biblioteconomia comparada neste sentido.

Vale destacar que a categoria **Obras diversas** congrega o maior número de títulos. Possivelmente não tenha havido preocupação em desdobrá-la em outras categorias por não incluir obras de interesse específicos dos usuários da Bibliotheca do **Commercio**.

Segue-se como categoria mais rica de títulos a denominada **Direito Commercial e Marítimo**. Considerando-se a origem da biblioteca ser o Rio de Janeiro, onde estava localizada, então a capital do país e uma cidade portuária, fica patente o cuidado dos responsáveis pela biblioteca na composição coerente do acervo contemplando as necessidades de seus usuários.

O **Catálogo** vai mais além, incluiu uma categoria especial **Revistas e jornais periódicos** que compreende os seguintes títulos:

Revista da Sociedade Geographica do Rio de Janeiro - 1885-1895;

Jornal do Agricultor - 1879-1894;

Annuaire des Deux Mondes;

Gazeta Commercial Financeira;

Gazeta Jurídica - 1874-1881;

Revue Encyclopedique e

Boletins da Alfandega do Rio de Janeiro - 1895-1896-1897.

O presente texto apenas tenta resgatar um pouco da história da catalogação no Brasil, recuperando para reflexão dos atuais catalogadores e especialmente para os preocupados com a história da Biblioteconomia no Brasil, uma obra que possivelmente estava esquecida.

O **Catálogo** aqui recuperado é testemunho de um esforço consistente, não apenas de catalogar e de organizar um acervo de

biblioteca especializada, mas também, de uma preocupação em prestar um serviço compatível com as necessidades do usuário.

O resgatar destes esforços, a análise dos sistemas de catalogação usados, ao longo da história de nossas bibliotecas poderá contribuir em muito para conhecermos melhor estas instituições brasileiras.

REFERÊNCIA

- RABELLO, T. (1898) **Catálogo da 1ª Seção da Bibliotheca do Commercio**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

A BIBLIOTECA NO ANNUAL SUMMARY OF INVESTIGATIONS RELATING TO READING (1991-1992)

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP

Conforme é do conhecimento dos especialistas em leitura o **Annual Summary of Investigations Relating to Reading**, principal base de dados bibliográfico na área de leitura, cobre as publicações de junho de um ano a julho do ano seguinte. O volume relativo a 1991-1992 corresponde a 563 títulos, dos quais muitos são de interesse geral para o bibliotecário e o cientista da informação, entretanto, alguns são particularmente relevantes para o mesmo. Esses últimos foram destacados aqui para maior divulgação entre os interessados.

No que diz respeito ao preparo e prática dos professores de leitura, foram publicadas sete pesquisas que focalizam o interesse e as preferências dos docentes na área de leitura. WOMACK e CHANDLER (1992) estudaram a leitura de textos profissionais entre professores dos três níveis de ensino verificando, de um modo geral, preferência por textos específicos em detrimento das obras gerais e que os professores do primeiro grau significativamente ocupam-se menos com este tipo de leitura do que os demais níveis, os quais diferem entre si. WILLIAMSON (1991) também pesquisou atitudes e hábitos de leitura entre docentes da universidade e de outros níveis, os quais se consideravam acima da média enquanto leitores (leitura acadêmica e de lazer), compradores de livros e alguns como freqüentadores da biblioteca. Estes trabalhos parecem suficientes para mostrar que o bibliotecário precisa estar informado desta produção, bem como, conduzir pesquisas na área para melhor atender ao professor enquanto usuário da biblioteca e para poder desenvolver programas que levam o mesmo a ser um usuário mais

ativo e participante dos próprios programas de leitura da instituição.

Na área de Sociologia da Leitura há algumas sub-áreas de relevância para quem quer que atue com centros e serviços de informação: papel e uso de meios de comunicação de massa (N = 5); legibilidade e inteligibilidade (N = 2); interesses, preferências e hábitos de leitura (N = 3); consumo de leitura (N = 1); serviços e usos de bibliotecas (N = 13); publicação de livros (N = 3); livros juvenis (N = 4); história dos livros e da imprensa (N = 2).

Consoante ao título atribuído ao presente trabalho, que enuncia o intento de destacar o que concerne mais especificamente à biblioteca, das sub-áreas apresentadas como de interesse, recortou-se aqui as duas mais específicas: consumo de leitura e uso das bibliotecas.

O trabalho de SEVER e YOSEF (1991) diz respeito ao consumo de leitura em Israel no começo dos anos noventa contrastando-o com as décadas anteriores procurando evidências como foi influenciado por mudanças educacionais, pela alfabetização e pelas mudanças culturais. Neste último aspecto destacam a aculturação de imigrantes e o impacto da TV competindo com a leitura e reduzindo o número de leitores e a frequência às bibliotecas.

Entre os trabalhos relativos ao uso e aos serviços das bibliotecas, o de BELL & TOTTEN (1991) enfocam fatores que influem na cooperação entre professores e membros da equipe da biblioteca, evidenciando que escolas que tem um plano coeso de instituição também propiciam cooperação, que professores eficientes tendem a ser mais cooperativos, mas que não há relação significativa entre nível de formação e as características de personalidade dos especialistas que atuam nas bibliotecas.

Quatro trabalhos enfocam especificamente o usuário: AZIAGBA (1991) que estuda o universitário; GROSSER e BAGNELL (1989) que enfocam o usuário externo de uma biblioteca universitária; BADU (1991) que estudou a eficiência de um programa de educação do usuário na biblioteca da University of Ghana e NEWA (1990) focalizando os programas de educação de usuário no sul do Sahara.

CALLISON (1991) estudou a cooperação entre bibliotecas públicas e escolares nos EEUU, tendo verificado que esta cooperação era praticamente inexistente em 58% da amostra pesquisada (N = 147).

Conduziram estudo de avaliação de coleções o grupo liderado por SWISHER (1991); VANMETER (1991) e KIRK (1992), enquanto que a avaliação de serviços foi objeto das pesquisas de MATTHEWS e LONSDALE (1991); LAITINEN-KUISMA (1991); ALEMNA (1991) e ONWUBIKO (1991).

A área de Fisiologia e Psicologia concentra a maior parte da produção sobre leitura (N = 244) compreendendo 44% da produção científica sobre leitura. De seus sub-tópicos alguns também são relevantes para os que trabalham em bibliotecas e serviços de informação: diferenças de sexo do leitor (N = 4); modos de leitura (N = 8); outros fatores relacionados à leitura (N = 4); fatores sócio-culturais e leitura (N = 9); interesses em leitura (N = 4); atitudes e afetividade em relação à leitura (N = 3); legibilidade e inteligibilidade (N = 8); estudos sobre o processo de leitura (N = 19).

No tópico sobre ensino de leitura (N = 134) podem interessar para os bibliotecários escolares as pesquisas sobre o ensino nos vários níveis de escolaridade. Já nos leitores atípicos (N = 36) é pouco provável, exceto em casos especiais, que o bibliotecário encontre algo de seu interesse específico.

A base de dados aqui enfocada oferece excelente suporte para a recuperação da produção sobre leitura com tópicos de interesse específico para os que trabalham em bibliotecas e outros serviços de informação, sendo de consulta obrigatória para os pesquisadores na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMNA, A. A. (1991). The role of public libraries in Education: the case of Ghana. **Education Libraries Journal**, n. 34, p. 41-47.
- AZIAGBA, P. C. (1991). Library use by final years undergraduates under stringent conditions. **Library Review**, n. 40, p. 5-11.
- BADU, E. E. (1991). The information seeking habits of graduate students in the University of Ghana. **Education Libraries Journal**, v. 34, p. 35-39.

- BELL, M. & TOTTEN, H. L. (1991). School climate factors related to degree of cooperation between public elementary school teachers and school library media. **Library Quarterly**, n. 61, p. 293-310.
- CALLISON, D. (1991). A national survey on public library and secondary library cooperation: do they know each other? **Indiana Media Journal**, v. 13, p. 17-21.
- GROSSER, K. & BAGNELL, G. (1989). External students and public libraries: students perspective. **Australian Library Journal**, v. 38, p. 303-317.
- KIRK, T. G. (1992). Periodicals in college libraries: are the challenges of rising subscription cost being met? **College & Research Libraries News**, v. 53, p. 94-97.
- LAITINEN-KUISMA, S. Does the library network? A survey of public library network in Finland. **Scandinavian Public Library Quarterly**, v. 24, p. 6-9.
- MATTHEWS, D. & LONSDALE, R. (1991). Library services to children in hospital: a tale of two surveys. **Library Association Record**, v. 93, p. 455-456.
- NEWA, J. M. (1990). Libraries in national literacy education programmes in Africa south of the Sahara: the state-of-the-art. **International Library Review**, v. 22, p. 73-94.
- ONWUBIKI, M. C. Evaluation of a polytechnic library service in a developing country: the care of a Federal Polytechnic Library in Bauchi State, Nigeria. **Library Review**, v. 40, p. 52-58.
- SEVER, S. & BRANSE, Y. (1991). **Library Quarterly**, v. 61, p. 389-413.
- SWISHER, R.; PYE, L. D.; ESTES-RICKNER, B. & MERRIAM, M. (1991). Maganize collection in elementary school library media centers. **School Library Journal**, v. 37, p. 40-43.
- VANMETER, V. L. (1991). Sensitive materials in U. S. public schools. **School Library Media Quarterly**, v. 19, p. 223-227.
- WILLIAMSON, J. (1991). Teachers as readers. **Reading**, v. 25, p. 30-38.

- WEINTRAUB, S. (1993). Annual Summary of Investigation Relating to Reading (July 1, 1991 to June 30, 1992). Newark, Del.: **International Reading Association.**
- WOMACK, S. T. & CHANDLER, B. J. (1992). Encoraging Reading for professional development. **Journal of Reading**, v. 35, n. 2, p. 390-394.

PESQUISAS EM ANDAMENTO NO CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA DA PUCAMP/1994

BERNADETE MARIA POSSEDON RIBAS

Projeto de Pesquisa: Estudo de caso comparativo em dois sistemas de bibliotecas: Universidade Estadual de Campinas e Universidad de Buenos Ayres. Aprovado em: 2/9/1994.
Orientador (a): Dr^a Vera Sílvia Marão Beraquet

JULIANA NEDICK

Projeto de Pesquisa: Tendências à harmonização da formação do profissional de arquivologia, biblioteconomia e museologia no Brasil: uma questão interdisciplinar. Aprovado em: 16/8/1994.
Orientador (a): Dr^a Solange Puntel Mostafa

LUCIA MARENGO

Projeto de pesquisa: Identificação de Força de Trabalho na Sociedade pós-moderna brasileira. Aprovado em: 16/8/1994.
Orientador (a): Dr^a Solange Puntel Mostafa

MÁRCIA APARECIDA PILLON

Projeto de Pesquisa: Hora do conto na biblioteca pública: um incentivo ao hábito de leitura. Aprovado em: 26/5/1994.
Orientador (a): Dr^a Else Benetti Marques Válio

MÁRCIO ASSUMPÇÃO PEREIRA DA SILVA

Projeto de Pesquisa: Memória e fotografia: identidade, comemoração, rememoração e imaginário do cotidiano. Aprovado em: 11/3/1994.
Orientador (a): Dr^a Solange Puntel Mostafa

MARIA CATARINA CURY

Projeto de Pesquisa: Leitura e Meio de Comunicação de Massa

(MCM) no cotidiano de escolares de 1º grau. Aprovado em: 16/3/1994.

Orientador (a): Drª Else Benetti Marques Válio

RILDECI MEDEIROS

Projeto de Pesquisa: Biblioteca escolar: relação de trabalho bibliotecário/professor na formação do leitor. Aprovado em: 28/8/1994.

Orientador (a): Drª Else Benetti Marques Válio

DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS E APROVADAS NO CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA DA PUCCAMP/1994

BLATTMAN, Ursula. Normas técnicas: estudos sobre a recuperação e uso. Defendida em: 28/02/1994

Orientadora: Dr^a Cecília Carmem Cunha Pontes

DOMINGUES, Cibeli Martins. Discurso científico: análise das dissertações da Faculdade de Engenharia Agrícola - UNICAMP. Defendida em: 16/03/1994.

Orientadora: Dr^a Geraldina Porto Witter

JULIANO, Ana Maria Rocha. Análise de resumos das dissertações de Mestrado em Biblioteconomia da PUCCAMP (1980/1992).

Orientadora: Dr^a Geraldina Porto Witter

MARTINS, Sônia Acosta. Pesquisas em Ciências da Saúde na Universidade Federal do Maranhão. Defendida em: 30/03/94.

Orientadora: Dr^a Dinah Aguiar Población

OLIVEIRA, Sônia Maria Marques de. Atitudes de Planejamento em bibliotecários de instituições universitárias brasileiras. Defendida em: 07/10/94.

Orientador: Dr. Silas Marques de Oliveira

PONTES, Rute Batista de. Por entre fios e desafios: as representações de leitura do bibliotecário acadêmico. Defendida em: 30/3/94.

Orientadora: Dr^a Else Bewnetti Marques Válio.

PREGNOLATTO, Susy Mary N. Oliveira. Um estudante universitário: um programa de educação de usuários - um usuário de biblioteca. Defendida em: 30/3/94.

Orientadora: Dr^a Else Benetti Marques Válio

SOUZA, Marta Alves de. Bibliotecário: atuação no mercado de trabalho da cidade de São Paulo. Defendida em: 29/08/94.

Orientadora: Geraldina Porto Witter.

WOLKOFF, DaisyBlumenberg. A Revista de Nutrição da PUCCAMP: análise de opinião de seus usuários. Defendida em: 24/02/94.

Orientador: Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

ZANAGA, Mariângela Pisoni. Definição de critérios para automação do catálogo de monografias: o caso do sistema de bibliotecas da UNICAMP. Defendida em: 28/02/94.

Orientadora: Dr^a Cecília Carmem Cunha Pontes

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

- EDUCAÇÃO E FILOSOFIA** - 1993, 7(14) - publicação dos Departamentos de Filosofia, Fundamentos da Educação e de Princípios e Organização da Prática Pedagógica, da Universidade Federal de Uberlândia, além de duas resenhas, apresenta 15 artigos.
- HORIZONTES**; revista de Ciências Humanas - 1994, 12(2) - publicação da Universidade São Francisco, Bragança Paulista; apresenta editorial e 6 artigos totalizando 115 páginas.
- CARTA MENSAL**, 1994, 40 (477) - apresenta conferências pronunciadas nas reuniões semanais do Conselho Técnico de Confederação Nacional do Comércio.
- CADERNOS CAR**; 1, 1993 Região Oeste. Política de desenvolvimento regional para o oeste da Bahia; o documento traça uma estratégica e delinea diretrizes para a atuação governamental naquela área. 66 p. mais anexos.
- SÍNTESE DA ECONOMIA BRASILEIRA**, 1994, 23ª edição. Publicação bilingue. Confederação Nacional do Comércio. Apresenta dados relevantes macroeconômicos e setoriais, inclusive sobre o comércio exterior do país, fornecidos por órgãos estatísticos e associações de empresas.
- REVISTA INTERAMERICANA DE PSICOLOGIA**, 1994 28(2). 9 artigos. Discute a crise dos paradigmas em dois artigos e refere-se a estudos psicológicos no México e Venezuela.
- REFORMA AGRÁRIA**, 1994 24(3). Destaca o tema das políticas públicas em 8 artigos. Traz editorial, documentos e resenhas.
- LIMA, A. B. A.** (1994) Aproximação crítica à teoria dos estudos de usuários de biblioteca. EMBRAPA - CNPSo. Documentos, 76. 94 páginas.

EVENTOS REALIZADOS EM 1994

I Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia e XIII Encontro Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia - Reunião da ANCIB. Belo Horizonte, de 8 a 10 de abril de 1994.

2º Ciclo de Marketing e Relações públicas de bibliotecas. Promoção da APB e colaboração do Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia/PUCCAMP. Campinas, de 29 de setembro a 1º de outubro de 1994.

VIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Promoção do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP. De 7 a 11 de novembro de 1994.

NORMAS EDITORIAIS DE "TRANS-IN-FORMAÇÃO"

1. Serão aceitos originais considerados inéditos para a publicação, embora tenham sido submetidos a processos considerados de domínio informal (congresso, seminários e similares), caso em que a referência ao evento deve constar em nota de rodapé.

2. Serão aceitos textos em português, espanhol, inglês ou francês, que se enquadrem em uma das sessões da revista. O(s) autor(es) deve(m) indicar a sessão, desde que aprovados por membros do corpo editorial.

3. Para publicação o artigo deverá ter a aprovação de, pelo menos, dois avaliadores, os quais emitirão parecer às cegas, isto é, sem conhecimento do nome(s) do(s) autor(es) ou da instituição a que está vinculado. Somente o presidente saberá o nome dos avaliadores.

4. Os artigos poderão ser aceitos sem restrições, com pequenas mudanças, com grandes alterações, ou rejeitados. Quando as alterações forem poucas e tratarem de aspectos formais, ou ainda com vistas apenas à manutenção da homogeneidade e da qualidade da publicação, a redação fará as mudanças necessárias, respeitando, todavia, o estilo e as opiniões dos autores. Nos demais casos o autor se encarregará da reformulação.

5. Os avaliadores terão prazo máximo de 30 dias para emissão de seus pareceres, cujas cópias anônimas serão enviadas aos autores.

6. A própria comissão editorial se encarregará da revisão das provas tipográficas.

7. O conteúdo dos trabalhos são da exclusiva responsabilidade de seus autores.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

FORMATO:

Todas as colaborações devem ser datilografadas em papel branco, tamanho A4 (21 x 29,7cm), com entrelhamento duplo, com 30 linhas, observadas a ortografia oficial. A primeira página do original deverá conter: título do artigo, nome completo do autor e endereço da instituição a que está vinculado. As páginas serão numeradas consecutivamente no canto superior direito. Cada trabalho terá no máximo 25 laudas datilografadas.

RESUMO:

Deve ser incluído um resumo informativo, de aproximadamente 100 palavras, em português, acompanhado de sua tradução para o inglês, inclusive o título, datilografado com entrelinhamento duplo, na segunda página do original, incluir palavras-chave (key-word).

NOTA DE RODAPÉ:

Só é permitida na 1ª lauda e para indicar vínculo profissional, auxílios recebidos, apresentação em eventos de créditos.

ILUSTRAÇÕES:

1. Fotografias, devem ser nítidas, em papel brilhante, preto e branco, tamanho máximo 9 x 14cm.

2. Figuras, devem ser apresentadas em papel, em preto e branco, de preferência à Nankin, tamanho máximo 20 x 30cm.

3. Quadros e tabelas: devem ser acompanhados de título que permita compreender o significado dos dados reunidos. Assinalar, no texto pelo número de ordem, o local de inclusão. Para reimpressão de Fotografias, Figuras, Quadros e Tabelas extraídos de outros textos deve ser indicada a fonte de referência e anexada as autorizações da fonte e do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

As referências bibliográficas, redigidas segundo a norma NB-6023/1989 da ABNT, deverão ser numeradas no texto, segundo a ordem alfabética com que se apresenta no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor. No artigo de Dinah Aguiar Población, publicado no número 1 da revista, o autor encontra normas explicativas quanto ao aspecto aqui focalizado. Separatas do referido artigo podem ser solicitadas à Secretaria da Revista mediante pagamento.

ENCAMINHAMENTO:

Enviar à Secretaria da Revista com carta em que conste a anuência para publicação; caso de mais de um autor, todos devem assinar o documento.

O texto deve ser digitado com alinhamento à esquerda, inclusive os títulos, no programa Word for Windows, versão 2.0 ou 6.0. Enviar disquete e uma cópia em papel.

